

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**REVISITANDO HISTÓRIAS GUARDADAS NO TEMPO: UM OLHAR
BAKHTINIANO PARA O GÊNERO DISCURSIVO
CARTA DE AMOR**

**CASCADEL – PR.
2010**

LUCIANE WATTHIER

**REVISITANDO HISTÓRIAS GUARDADAS NO TEMPO: UM OLHAR
BAKHTINIANO PARA O GÊNERO DISCURSIVO
CARTA DE AMOR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem e Ensino.

**Orientadora: Profa. Dra. Terezinha da
Conceição Costa-Hübes**

**Cascavel – PR
2010**

Watthier, Luciane

W346r Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar Bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor. / Rosana Cristina Biral Leme. – Cascavel, 2010.
130 f.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2010.

1. Linguística Textual - Cartas. 2. Cartas de amor - Estilo. 3. Gêneros Discursivos. I. Costa-Hübes, Terezinha da Conceição. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD –B869.6

Ficha catalográfica: Sistema de Bibliotecas da Unioeste (Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090)

**REVISITANDO HISTÓRIAS GUARDADAS NO TEMPO: UM OLHAR
BAKHTINIANO PARA O GÊNERO DISCURSIVO
CARTA DE AMOR**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 12 de março de 2010.

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Coordenadora

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Profa. Dra. Alba Maria Perfeito (UEL)
Membro Efetivo (convidado)

Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Profa. Dra. Clarice von Borstel (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa Hübner (UNIOESTE)
Orientadora

Cascavel, 12 de março de 2010.

*Aos meus amados pais, Ido Alberto
Wattier e Sonia Otilia Stülpen Wattier
- meus primeiros mestres, modelos de
perseverança, dedicação, parceria e
paciência - dedico este trabalho e os
frutos que ele me trará.*

AGRADECIMENTOS

Toda nova conquista humana supõe e pressupõe apoio. Sem a contribuição de pessoas que apostam e acreditam em meu potencial, a conclusão do curso de mestrado e a realização desta dissertação não teriam sido possíveis, eu não conseguiria enfrentar todos os obstáculos que surgiram durante estes dois anos.

Agradeço, pois, a Deus, pelo potencial que me foi dado, permitindo a conquista de uma nova etapa em minha vida acadêmica. Pelo dom da paciência, da dedicação e da perseverança e por ter atendido meus pedidos e minhas súplicas nos momentos mais difíceis do mestrado.

Agradeço, também, às pessoas a seguir citadas:

A Armando Watthier (in memorian). Obrigada, tio, por ter guardado as maravilhosas cartas recebidas de suas namoradas. Sem suas histórias de vida, este trabalho não existiria. Saudades de seus ensinamentos, de você...

A Ido Alberto Watthier e Sonia Otilia Stülpen Watthier: Pai e Mãe, obrigada pelo apoio, pela confiança a mim dedicada, por me ensinarem a perseverança, a dedicação e a paciência, qualidades indispensáveis para a realização de um trabalho como este. Obrigada pelos depoimentos que me ajudaram na reconstrução da história aqui contada. Obrigada pelo ombro, onde muitas vezes chorei, buscando consolo e respostas para as dificuldades que surgiram durante todo o processo. Obrigada por me segurarem quando eu parecia querer desanimar e cair no meio do caminho. Vocês são meus EXEMPLOS de vida, de união e de amor, exemplos que levarei e buscarei por toda a vida, sempre mais e mais...

A Cristiano Borges Rocha, meu namorado, companheiro e amigo. Agradeço-lhe, amor, por ser meu braço firme, por ouvir minhas angústias e, ainda, me animar a seguir em frente, a não desistir. Por chegar a minha casa e me tirar da frente do computador e dos livros quando eu mais precisava de descanso, distração e conforto. Agradeço-lhe, sobretudo, pela compreensão de minhas dificuldades e por me deixar estudar em pleno sábado à noite enquanto você servia o chimarrão, nosso companheiro diário, e preparava um de seus jantares deliciosos.

A Elisangela Watthier e Izabel Cristina Watthier, minhas manas amadas, e Robson Vieira Alves Denti, meu cunhado. Obrigada por acreditarem em mim, por me fazerem buscar respostas que deram uma qualidade maior ao trabalho. Obrigada pela leitura do texto, pelas críticas, pelos elogios. Obrigada pelos momentos de distração e de diversão nas horas de maior cansaço.

A Vinícius Lorence, meu cunhado. Agradeço-lhe, maninho, por me auxiliar na montagem do título desta dissertação e pelos demais momentos em que deixara sua esposa de lado, sentava-se ao meu lado e me presenteava com ideias maravilhosas para a escrita do texto. Ademais, não posso negar que sua vontade louca de estudar e suas brigas comigo foram um santo remédio para meus momentos de desânimo.

A Ilga Maria Watthier. Tia querida, agradeço-lhe pelas incansáveis contações de histórias de vida, as quais me permitiram informações indispensáveis para este trabalho. Por ouvir meus desabafos e as infundáveis explicações sobre a pesquisa. Por torcer e rezar por mim quando sabia que eu me preparava para enfrentar duros obstáculos.

A Judite Maria de Moura e Albino Soares de Moura, meus professores do primário. A este casal maravilhoso e abençoado, agradeço pelos ensinamentos, pelo incentivo e pelo amor que tinham por seus alunos. Por serem amigos verdadeiros, parte de minha família, e pelas noites e tardes intermináveis de jogos de canastra, necessários para enfrentar uma semana cheia de leituras.

A Roberto e Loide, meus titios escolhidos. Obrigada pelas orações, as quais eu solicitei inúmeras vezes. Obrigada por me apoiarem, acreditarem em minha capacidade e torcerem por mim. Loide, minha futura assistente social, considero-lhe um exemplo de coragem e dedicação por enfrentar, com tanta garra, uma faculdade depois de 20 anos distante da escola.

A Rosiane Moreira da Silva Swiderski. Mana (de mestrado), nossas conversas pelo MSN foram e continuam sendo importantíssimas para mim. Agradeço-lhe, portanto, por não brigar comigo nos momentos em que você estava escrevendo sua monografia e eu lhe interrompia para tirar alguma dúvida ou para que você lesse trechos desta dissertação. Pela paciência, pelos conselhos e pelo interesse demonstrado enquanto eu falava sobre as histórias aqui relatadas. Por nossa amizade, pelos momentos de lazer e passeios por cidades desconhecidas. Por tudo o que já aprendi contigo.

A docente Terezinha da Conceição Costa Hübes (orientadora). Obrigada por, desde a graduação, ser minha segunda mãe. Pelo amor, facilmente perceptível, que tem à profissão, pela paciência e carinho com que trata suas orientandas e se dedica às inúmeras leituras de um mesmo trabalho. Obrigada por ter aceitado o desafio de orientar-me quando já se passava mais de um ano do início da pesquisa.

A docente Aparecida de Jesus Ferreira. Obrigada por continuar sempre me acompanhando desde a época da graduação em projetos de extensão e de pesquisa. Foram as suas orientações que me ajudaram a crescer e colaboraram com o meu amadurecimento acadêmico. Ademais, obrigada pela participação em minha banca de defesa e pelas críticas, todas construtivas, realizadas.

A docente Alba Maria Perfeito (UEL). Agradeço-lhe pela participação em minha banca de defesa, pelo tempo dedicado à leitura de meu texto de qualificação e, também, da dissertação completa. As críticas por você realizadas foram indispensáveis para o crescimento deste trabalho e, também, de meu conhecimento teórico e prático.

As docentes Clarice Nadir Von Borstel e Eliane Brenneisen. Agradeço-lhes por terem me orientado no início do mestrado e da realização desta pesquisa. Meus primeiros passos e ideias para conquistar esta etapa são devidos a vocês.

Aos demais docentes responsáveis pelo colegiado de Letras (mestrado e graduação) da Universidade estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Parabens-lhes e, também, agradeço, pela dedicação com que batalham na busca de uma maior qualidade de ensino.

A todos meus parentes, amigos e conhecidos que, de forma direta ou indireta, colaboraram para a realização deste trabalho. Obrigada pelo auxílio na coleta do corpus de pesquisa, por partilharem parte de sua vida pessoal por meio das cartas que me foram cedidas.

A Fundação Araucária agradeço pelo financiamento desta pesquisa, possibilitando-me, além da compra de livros, minha participação em congressos com a publicação de trabalhos. Sem este auxílio, não teria sido possível tanta dedicação na escrita desta dissertação.

“Aproveitemos o presente para vivermos pelo nosso amor, sem perguntar o que o futuro tróuxer. E, principalmente, não amarguremos a nossa vida com desconfianças para que, seu eu ou ti tiver de enfeitar o tóculo de seu amor, não o faça com lágrimas de remorsos ou arrependimento pelo mal causado” (Carta de amor escrita por Gerda a Armando em 15 de novembro de 1953).

RESUMO

WATTHIER, Luciane. **Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor**. 2010. 120 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2009.

Orientadora: Prof. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes

Defesa: 12 de março de 2010

Apesar de a carta de amor/pessoal/familiar ser, atualmente, pouco utilizada como forma de interação verbal entre pessoas parentes e/ou amigas que se encontram distantes, trata-se de um gênero discursivo que se constitui como um verdadeiro documento, por conter registros históricos, recuperando ideologias constituintes da cultura de épocas passadas, bem como de do estilo das pessoas que dela fizeram parte, pois a linguagem, sendo de cunho eminentemente social, é um gênero responsável por guardar essas características. Partindo dessa premissa, este trabalho foi elaborado com o objetivo de realizar um estudo da linguagem sobre o gênero discursivo carta de amor, compreendendo suas características definidoras, tais como, contexto de produção, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, em consonância com suas condições de produção. Pautados na ordem metodológica para estudos da língua sugerida por Bakhtin/Volochinov (2004), ordem que contempla esses três elementos composicionais dos gêneros discursivos, analisamos quatro cartas de amor escritas nas décadas de 1950 e 1960. Tal abordagem permitiu-nos destacar, além das características estruturais e funcionais do gênero em questão, de aspectos culturais da época em que esses textos foram produzidos e, também, da identidade das pessoas envolvidas na situação enunciativa. Recuperamos, sob tal enfoque, a história de uma paixão quase apagada por um amor não correspondido e pelo tempo que foi capaz de amarelar, mas não destruir, os papéis das cartas que o revelam. Para o desenvolvimento deste estudo, os principais referenciais teóricos foram, além de publicações de Bakhtin (1988, 2000, 2002); Bakhtin/Volochinov (2004) e de seu círculo (Tchougounnikov (2009); Faraco (2009); Zandwais (2009); Miotello (2008), entre outros), trabalhos que versam sobre cultura, identidade, gêneros discursivos e cartas de amor/familiares/pessoais. Concluímos, então, que um estudo aprofundado da língua, contemplando o contexto de produção, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo de um enunciado, permite a compreensão aprofundada de um gênero discursivo. A carta de amor é, pois, um modelo de enunciado que permite uma liberdade de expressão, bem uma variação quanto ao nível de formalidade da linguagem e à organização de seus elementos composicionais. Além disso, a carta de amor, quando levada para a sala de aula, possibilita um estudo da língua de forma contextualizada e significativa, propiciando, ainda, uma discussão linguística e cultural.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Carta de amor. Contexto de produção. Conteúdo temático. Construção composicional. Estilo.

WATTHIER, Luciane. **Revisiting stories saved in time: a Bakhtinian look of discursive genre love letter**. 2010. 120 pages. Dissertation (Masters in Language) - Post-Graduation in Language, State University of West Paraná - Cascavel, 2009.

Advisor: Prof. Dr. Terezinha da Conceição Costa-Hübes
Defense: March 12, 2010

Although the love/personal/family letter has not being of much use nowadays as a form of verbal interaction between people and relatives or friends who are distant, this discursive genre is constituted as a real document, by containing historical records, retrieving items of cultural ideologies of older times, as well as the style of the people who were part of it because the language, as being eminently social, is a genre responsible for keeping these characteristics. Starting from this premise, this work was made with the intention to conduct a language study on the discursive genre love letter, including its defining characteristics, such as production context, thematic content, compositional structure and its style, in line with their conditions of production. Lined-up in methodological order for language studies suggested by Bakhtin/Volochinov (2004), an order that includes these three compositional elements of discursive genres, we analyzed four love letters written in the 1950s and 1960s decades. This approach allowed us to highlight moreover the structural and functional characteristics of this genre, of cultural aspects of time when these texts were produced and also the identity of those involved in the enunciative situation. We recovered focused on the story of a passion almost erased by an unrequited love and by the time that was able to yellow, but not destroy, sheets of paper that revealed this love. To develop this study, the main theoretical references were, in addition to Bakhtin's publications (1988, 2000, 2002), Bakhtin/Volochinov (2004) and his circle (Tchougounnikov (2009), Faraco (2009), Zandwais (2009), Miotello (2008), among others), essays about culture, identity, discursive genres and love/family/personal letters. We concluded that a detailed study of language, covering the production context, the thematic content, compositional construction and style of an statement allows us to a deeper understanding of a discursive genre. The love letter is therefore a type of statement that allows a freedom of speech and a change in the level of formality and organization of its compositional elements. Moreover, the love letter, when brought to a classroom, allows a study of the language in a contextualized and meaningful way, providing also a linguistic and cultural discussion.

Keywords: Discursive genres. Love letter. Production context. Thematic content. Compositional construction. Style.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS
LISTA DE FIGURAS
LISTA DE ANEXOS

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - <i>CORPUS</i> DE PESQUISA E ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	04
1.1 SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	04
1.2 JUSTIFICATIVA DO <i>CORPUS</i>	07
1.3 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS	08
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	12
CAPÍTULO 2 – DO SIGNO SOCIAL E IDEOLÓGICO PARA O GÊNERO DISCURSIVO CARTA	13
2.1 SIGNO SOCIAL E IDEOLÓGICO.....	13
2.1.1 Cultura e identidade	20
2.2 ENUNCIADO/ENUNCIÇÕES	22
2.3 GÊNEROS DISCURSIVOS.....	26
2.3.1 Gêneros discursivos primários e secundários	31
2.4 PERCURSO METODOLÓGICO DE ANÁLISE DOS GÊNEROS.....	34
2.4.1 Contexto de produção	36
2.4.2 Conteúdo temático	37
2.4.3 Estrutura composicional	38
2.4.4 Estilo	41
2.5 GÊNERO CARTA.....	44
CAPÍTULO 3- DA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA A ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	51
3.1 CONTEXTUALIZANDO O <i>CORPUS</i>	51
3.1.1 O romance com Gerda (Ct.1)	52
3.1.2 O romance com Neusa (Ct.2).....	59
3.1.3 O romance com Eny (Ct.3).....	65
3.1.4 O romance com Auria (Ct.4)	67
3.2 CONTEÚDO TEMÁTICO: ALGUNS ÍNDICES SOCIAIS DE VALORES	69
3.3 A DIMENSÃO COMPOSICIONAL DO GÊNERO DISCURSIVO CARTA DE AMOR	76
3.4 O ESTILO DAS CARTAS: DIMENSÕES VALORATIVAS E SUBJETIVAS.....	83
3.5 GÊNERO DISCURSIVO CARTA DE AMOR APLICADO AO ENSINO.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Relação das cartas coletadas	04
QUADRO 2 – Relação das cartas constituintes do <i>corpus</i> de pesquisa	06
QUADRO 3 – Descrição do <i>corpus</i> de pesquisa	69
QUADRO 4 – Elementos contextuais do conteúdo temático no <i>corpus</i>	73
QUADRO 5 - Elementos composicionais das cartas de amor no <i>corpus</i>	77
QUADRO 6 – Sequências tipológicas nas cartas	82
QUADRO 7 – Principais marcas de oralidade presentes nas cartas	95

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema da Sequência.....	102
FIGURA 2 – Esquema da Sequência Didática adaptada por Costa-Hübes	102

LISTA DE ANEXOS

ANEXOS	114
ANEXO 1 - Ct.1	115
ANEXO 2 - Cartão de Neusa a Armando	118
ANEXO 3 - Ct.2.....	119
ANEXO 4 - Ct.3	125
ANEXO 5 - Ct.4.....	126
ANEXO 6 - Foto de Armando	128
ANEXO 7 – Foto de Gerda	128
ANEXO 8 – Foto de Armando e Neusa.....	129
ANEXO 9 – Foto de Armando e Auria.....	129
ANEXO 10 – Foto da Rodoviária onde Armando trabalhou	130

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo de cartas de amor surgiu ao encontrarmos vários desses textos guardados, com muito carinho, entre as coisas de nosso falecido tio Armando. Já tínhamos conhecimento de alguns detalhes de sua vida pessoal e sabíamos que, entre seus 23 e 35 anos de idade, havia sido um homem “conquistador” de muitas mulheres, gostando de vê-las implorando seu amor, quando, na realidade, não tinha o interesse de manter um relacionamento sério.

Ao iniciarmos a leitura dos textos, percebemos que tal comportamento era corriqueiro na vida de Armando, já que, entre as cartas encontradas, estavam as de quatro mulheres apaixonadas que lhe escreveram, dentre as quais duas revelavam um grande sofrimento pelo amor não correspondido e as outras duas davam pistas de um namoro que se iniciava.

Com o avançar das leituras, fomos compreendendo que, além daquilo que nos foi contado, as cartas revelavam ainda mais detalhes, não só no que diz respeito à identidade preservada de Armando, mas, também, dessas mulheres: Gerda, Neusa, Eny e Auria, e a aspectos da cultura da época e do local em que foram escritas.

Iniciou-se, assim, a percepção de que os textos pertencentes ao gênero discursivo carta de amor se constituem como verdadeiros documentos, por registrarem a cultura de uma época, bem como a identidade reveladora do estilo de cada locutor (remetente das cartas). A partir daí, o estudo começou a ser encaminhado com o objetivo de refletirmos sobre a forma como isso acontecia e, também, sobre o porquê de a linguagem ter tal característica. Dessa forma, partindo do princípio de que a linguagem é de cunho eminentemente social, iniciamos algumas pesquisas teóricas para embasarmos as análises, buscando a identificação e a compreensão dos aspectos discursivos, culturais e identitários nas cartas de amor.

Se antes já tínhamos algum conhecimento de que a linguagem é um veículo de enunciação, concretizada em enunciados, os quais, por sua vez, são organizados em diferentes gêneros discursivos, escolhidos a partir da situação comunicativa em que o falante está inserido, desejávamos uma compreensão ainda mais aprofundada desse processo, bem como das características próprias do gênero carta de amor.

Para isso, buscamos leituras que pudessem detalhar um pouco mais sobre os textos pertencentes a esse gênero, relativas ao contexto de produção, ao conteúdo temático, às características estruturais e, também, ao estilo, ou seja, à linguagem

utilizada nas cartas, sempre relacionando-as às condições de produção. A princípio, já havíamos percebido que, em muitos casos, as cartas reproduzem conversas espontâneas, próprias de nosso dia a dia, isto é, refletem a forma como interagimos em muitas situações comunicativas primárias, conforme expõe Bakhtin (2000).

Nesse sentido, Bazerman (2006) postula que as cartas de amor, pessoais e familiares, estão abertamente ligadas às relações sociais e a escritores particulares, tornando-se um material riquíssimo em particularidades de uma época e da cultura de um povo. Além disso, expressam, em alguns casos, o mais natural da comunicação humana, ou seja, uma situação comunicativa primária, repleta de marcas da oralidade e, em outros casos, uma situação comunicativa secundária e mais próxima à escrita.

Daí o interesse em estudarmos a linguagem, a cultura e o estilo de épocas passadas a partir de textos pertencentes ao gênero carta, compreendendo que a linguagem representa aspectos da época em que é escrita, bem como da visão de mundo do autor, acentuada na escrita de textos informais e, principalmente, nas narrativas pessoais, as quais podem ser contadas por meio de cartas.

Ao aprofundarmos as leituras das/sobre publicações do círculo de Bakhtin e passarmos pela qualificação para a presente pesquisa, encontramos a base teórica norteadora da análise pretendida para tornar o estudo mais coeso. Partimos, então, do reconhecimento dos três elementos que, segundo Bakhtin, constituem os gêneros discursivos: “conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279), já que, segundo recomendações do autor, em estudos da língua, é preciso considerar esses elementos.

Baseado nisso, após a qualificação, o trabalho foi organizado, pois observamos que o conteúdo temático permite a abordagem da cultura da época em que o texto foi escrito; o estilo aborda a identidade das pessoas envolvidas no processo de interação e, por fim; a construção composicional nos permite olhar para o gênero discursivo carta de amor no referente à estrutura e função social.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral realizar um estudo da linguagem sobre o gênero discursivo carta de amor, compreendendo as características definidoras desse gênero, tais como contexto de produção, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, o que nos permite destacar aspectos culturais da época em que esses textos foram produzidos e, também, a identidade das pessoas envolvidas nessa situação enunciativa.

Como objetivos específicos, buscamos: aprofundar a teoria dos gêneros discursivos, na perspectiva de compreendê-los como elementos da interação verbal; estudar o gênero carta de amor, identificando as marcas que o constituem como tal; reconhecer, em cartas selecionadas, as marcas constitutivas do gênero, tais como: contexto de produção, conteúdo temático, construção composicional e estilo linguístico, a partir de uma análise que considere a linguagem como social, reveladora da cultura e da identidade dos remetentes; destacar a importância de se considerar, no ensino, as marcas constitutivas do gênero, tomando-o como objeto de estudo, análise e reflexão.

Para uma melhor exposição do trabalho, o texto encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos a linha metodológica que norteia a pesquisa e a análise do *corpus*, o qual será descrito detalhadamente, retomando desde a forma de coleta até o modo com a análise será procedida.

No segundo capítulo, apresentamos os aportes teóricos que embasaram o estudo, refletindo sobre as concepções de signo ideológico, relacionando-o às ideologias e, dessa forma, à cultura e à identidade. Refletimos, ainda, sobre enunciados, enunciações e gêneros discursivos, abordando suas esferas primárias e secundárias e, mais especificamente, o gênero carta de amor. Fechamos o capítulo com a apresentação e a reflexão sobre a ordem metodológica sugerida por Bakhtin para o estudo da língua e, conceituando, assim, conteúdo temático, estilo e construção composicional.

No quarto capítulo, descrevemos e interpretamos o *corpus*, aplicando a teoria apresentada em textos autênticos do gênero carta de amor. Fazemos, ainda, uma referência a ensino por meio de gêneros, com ênfase na carta de amor, refletindo sobre a forma como isso pode ser encaminhado para a sala de aula.

Por fim, refletimos sobre todo o trabalho desenvolvido e sobre caminhos que ainda devem ser trilhados.

CAPÍTULO I

CORPUS DE PESQUISA E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, descreveremos a metodologia que orientou o estudo em pauta, ou seja, a análise de cartas de amor em relação ao seu contexto de produção, ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo e suas condições de produção. Em primeiro lugar, apresentaremos o *corpus* de pesquisa; em segundo lugar, justificaremos a seleção desse *corpus*; em terceiro lugar, refletindo sobre a importância de estudar a língua em textos autênticos, apresentaremos as escolhas metodológicas que nortearam as análises realizadas; por fim, pontuaremos os elementos a serem considerados na análise.

1.3 SELEÇÃO DO CORPUS

Optamos pela carta de amor para constituir o *corpus* de pesquisa, pois o conteúdo apresentado nesse gênero refere-se, na grande maioria das vezes, a experiências humanas, reveladas nas narrativas pessoais. Além disso, o tipo de linguagem utilizada pode representar a interação verbal do dia a dia, nas esferas menos complexas da atividade humana, como relações entre familiares, amigos e namorados.

Dessa maneira, em alguns casos, teremos uma linguagem preocupada com a forma, próxima à linguagem escrita, assemelhando-se à linguagem poética. Em outros casos, essa linguagem poderá apresentar-se menos preocupada com a forma de expressão, estando mais próxima à oralidade.

Por ser um material muito escasso, visto que, atualmente, esse gênero foi substituído por outros que cumprem a mesma função comunicativa em um menor espaço de tempo, são poucas as pessoas que ainda o utilizam ou guardaram as cartas recebidas como lembranças e/ou recordações.

Assim, para a coleta do *corpus*, inicialmente, buscamos cartas com familiares, amigos e conhecidos, até conseguirmos 42 cartas, apresentadas no quadro seguinte:

Cartas	Remetente	Destinatário	Período
	Antonio Brizola	Conceição da Silva	1927
	Gerda	Armando Watthier	1953 (seis cartas)
	Neusa de Souza	Armando Watthier	1955
	Neusa de Souza	Armando Watthier	1956

De amor	Neusa de Souza	Armando Watthier	1957
	Eny	Armando Watthier	1958 (duas cartas)
	Carlos Waldemar	Ilga Watthier	1962
	João dos Santos	Clarice Lopes	1962
	Auria	Armando Watthier	1962
Familiares	Peter Lermen	Peter Lermen	1924
	Peter Lermen	Anna Lermen	1930
	Peter Lermen	Nikolaus Lermen	1931
	Ivone	Juca	1943 (três cartas)
	Hildegard Lermen	Peter Lermen	1951
	José	Mironico	1954
	Padre Lermen	Benno Lermen	1962
	Benno Lermen	Padre Lermen	1962
	Irene	Lúcia Almeida	1975
	Geralda	Bia	1979
	Roque Stulpen	Sonia Watthier	1980
	Helena Anastácio	Lurdes de Oliveira	1980
	José e Filomena	Santina e Barcelide	1984
	Gema Stulpen	Sonia Watthier	1984
	Adauto Aurélio	Antonia Aurélio	1991
	Neusa Celestino	Lurdes Santos	1992
	Márcia Fandy	Lurdes de Oliveira	1992
	Adorildes Hojnoski	Regina Deminski	1993
	Adorildes Hojnoski	Regina Deminski	1994
	Gisele Pereira	Hamilton	1997
	Mercedes Morais	Hamilton	1997
	Roque Stulpen	Luciane Watthier	2000
	Greize da Silva	Maria da Silva	2002
Greize da Silva	Maria da Silva	2006	
Greize da Silva	Maria da Silva	2008	

Quadro 01: Relação das cartas coletadas

Então, todo esse material passou, ainda, por uma seleção, de forma que pudéssemos separar as que fariam parte deste estudo, ou seja, aquelas escritas nas décadas de 1950 e 1960.

Escolhemos essas datas por dois motivos: primeiro, porque representam uma cultura bem distinta da atual, tanto em relação à forma de vida e às tecnologias existentes, quanto às suas crenças e aos seus costumes, e, segundo, porque as cartas de amor recebidas por nosso tio Armando foram escritas nesse período e tínhamos grande interesse em estudá-las, homenageando uma pessoa já falecida da família.

Embora tivéssemos coletado quatro cartas familiares referentes ao período determinado, reduzimos o *corpus* para as cartas de amor, a fim de garantir uma análise mais profícua. Mesmo assim, tínhamos, ainda, 13 cartas, o que impediria um estudo mais aprofundado. Por isso, o *corpus* foi reduzido para quatro cartas, elencadas no Quadro 02, todas elas recebidas por Armando, nosso tio, na tentativa de conseguir

recuperar, de forma detalhada, o contexto de produção, incluindo aspectos culturais e identitários no que tange ao conteúdo temático e ao estilo, respectivamente, dessas cartas.

Cartas	Remetente	Destinatário	Período
De amor	Gerda	Armando Watthier	9 de novembro de 1953
	Neusa de Souza	Armando Watthier	10 de março de 1957
	Eny	Armando Watthier	1º de junho de 1958
	Auria	Armando Watthier	29 de novembro de 1962

Quadro 02: Relação das cartas constituintes do *corpus* de pesquisa

Entre as remetentes das cartas de amor, como demonstrado no Quadro 02, temos as seguintes mulheres: Gerda e Neusa (ambas habitantes da cidade de Augusto Pestana - RS), Eny (cidade de Porto Alegre - RS) e Auria (Ijuí - RS). Apesar de serem mulheres que escreveram diferentes cartas, coincidentemente ou não, essas foram remetidas ao mesmo destinatário, Armando.

Uma das cartas analisadas é a de carta de Gerda, escrita no dia 9 de novembro de 1953, selecionada dentre outras cinco cartas enviadas a Armando no ano de 1953. Optamos por essa porque ela revela um grande amor pelo remetente e, por trás dele, um enorme sofrimento por sentir-se rejeitada pelo amado e ver esse namoro chegar ao fim, devido ao fato de Armando estar encontrando-se com Neusa.

A outra carta do *corpus* é a de Neusa, escrita no dia 10 de março de 1957 e selecionada dentre outras duas cartas escritas pela mesma remetente a Armando entre os anos de 1955 e 1957. Tal escolha justifica-se pelo fato de Neusa também revelar um grande sofrimento por um amor não correspondido.

A terceira carta selecionada é a de Eny, escrita no dia 1º de junho de 1958. Remetendo-lhe duas cartas no mesmo ano, escolhemos aquela produzida nessa data, por considerarmos ser reveladora de uma relação que se iniciava.

Por fim, a quarta carta é a única que recuperamos com autoria de Auria. Escrita em 29 de novembro de 1962, também dá pistas de que remetente e destinatário há pouco tempo namoravam e não tinham muita intimidade em assuntos pessoais.

Frisamos que na contextualização do *corpus* (seção 3.1), quando relatamos a história existente por trás dos interlocutores, utilizamos todas as cartas de amor enviadas por Gerda, Neusa, Eny e Auria a Armando. Dessa forma, somente nas demais seções de nosso capítulo de análise dos dados é que utilizaremos apenas as cartas selecionadas para compor o *corpus* de pesquisa.

Feita tal explicitação, passamos, na próxima seção, a justificar a escolha do *corpus* de pesquisa.

1.2 JUSTIFICATIVA DO *CORPUS*

Se, para Bakhtin/Volochinov (2004), a interação verbal se dá tanto na presença do interlocutor quanto na ausência física dele, o gênero carta organiza textos que estabelecem a interação verbal mesmo sem a presença direta do produtor e do receptor do enunciado em um mesmo ambiente. É, portanto, um meio de manter a comunicação entre pessoas que se encontram distantes ou que, por algum outro motivo, não têm permissão para se comunicarem pessoalmente. No caso das cartas de amor que constituem o *corpus*, essa interação por meio das cartas se dava como forma de manter certo respeito entre os apaixonados, não pondo em risco a honra da mulher. Souto Maior (2001) explica que a carta se constitui numa das mais antigas formas de enunciação na ausência do interlocutor.

A importância desse gênero está no fato de nele apresentar-se, conforme entende Sales (2007), um texto representativo da linguagem, tanto em sua forma primária, ou seja, espontânea e natural, quanto em sua utilização secundária, isto é, formal, escolha que dependerá dos objetivos comunicativos e do grau de instrução de seu produtor. O *corpus*, como veremos, é representante das duas formas de interação, aproximando-se, em alguns casos, mais da escrita e, em outros, da fala, embora, a primeira vista, seja um gênero discursivo secundário pela sua forma de organização e por ser veiculado somente por meio da escrita.

Estudar os gêneros discursivos permeados pelas esferas primárias e secundárias, suas abordagens teóricas e sua concretização em forma de enunciados é buscar compreender os processos da interação verbal, pois, por meio deles, utilizamos a linguagem em qualquer tipo de atividade humana, considerando que, para Bakhtin/Volochinov (2004), a existência da língua só pode ser justificada pela necessidade de interação verbal.

Ao voltarmos este estudo sobre os gêneros para a carta de amor, valorizamos as formas de expressão próprias do dia a dia, algumas bem espontâneas, outras permeadas por uma linguagem mais poética, sendo a primeira forma associada à esfera primária dos gêneros discursivos, e a segunda, à secundária. Concordamos com Bazerman (2006), quando ele afirma que, pelo fato de esse gênero discursivo permitir

uma linguagem mais simples, com marcas próprias da oralidade, não pode ser visto como menos importante, pois é uma representação de nossas relações sociais, ou seja, há uma interação comunicativa do cotidiano e do sentimento, muito marcada e presente na produção escrita do usuário.

Considerar a carta de amor enquanto um gênero discursivo e estudar a língua dentro de textos que o representem, retomando aspectos culturais e identitários ali revelados, significa compreender que os aspectos sociais da língua devem ser estudados dentro de seu contexto de uso, isto é, em enunciados concretos, produzidos por pessoas situadas no tempo e na história, influenciadas pelas condições de produção no qual estão inseridas.

A língua é social e mantém, segundo Marcuschi, “complexas relações com as representações e as formações sociais” (MARCUSCHI, 2007, p. 35). Segundo Mello, a língua faz parte da cultura: “é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo” (MELLO, 1999, p. 23). Por meio da interação verbal, considerada por Bakhtin/Volochinov um “fenômeno social” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 122), a língua representa e constitui a cultura, a história e as identidades de um povo, podendo recuperar algumas dessas características em épocas passadas.

Desenvolvemos, pois, este estudo, compreendendo as cartas de amor como documentos que recuperam aspectos da época em que foram escritas, já que, segundo Pessoa (2002), a carta é um dos gêneros mais importante para a história das línguas e, acrescentamos, da cultura e da identidade.

Na próxima seção, discorreremos sobre a metodologia na qual o estudo está pautado.

1.3 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Para dar conta da pesquisa, abordando aspectos culturais, identitários e, também, estruturais e linguísticos do gênero discursivo em questão, recorreremos aos postulados teóricos da Linguística da Enunciação, pautando-nos principalmente em Bakhtin (1988, 2000, 2002, 2004), para quem os gêneros são, na verdade, a materialização do nosso discurso, este determinado pelo contexto no qual está inserido. O discurso está, diretamente, relacionado com a esfera social, pois é ela a responsável pela escolha do gênero organizador do enunciado.

Bakhtin/Volochinov (2004) deixa clara a necessidade de estudarmos a língua em seus contextos de uso. Para isso, ele propõe uma determinada ordem metodológica, a qual escolhemos como constituinte da base para o desenvolvimento desta pesquisa. Segundo o autor, qualquer estudo da linguagem deve orientar-se a partir da seguinte ordem metodológica:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que se constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica, que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 124).

Frisamos que, quando Bakhtin propõe esse método de pesquisa, ele não aborda, ainda, os gêneros discursivos, mas, sim, a teoria dos atos de fala, a qual pode ser relacionada, a partir da publicação de *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2000), aos gêneros discursivos, englobando seus três elementos constituintes, ou seja, “conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279), permitindo um estudo completo das formas de enunciação.

Tal relação pode ser justificada com a seguinte explanação de Bakhtin:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Sendo assim, pautamo-nos, durante as análises aqui realizadas, no método sociológico de Bakhtin/Volochinov (2004), porém, considerando a relação entre a teoria dos atos de fala e os gêneros discursivos, como enunciados relativamente estáveis que moldam a linguagem. Portanto, o olhar para as cartas de amor será voltado sob os três prismas, ou seja, primeiramente, ao conteúdo temático e sua estreita relação com o contexto de produção, depois, à construção composicional e, por fim, ao estilo.

Falar em conteúdo temático significa abordar o tema dentro do contexto que permitiu a sua produção, ou seja, relacionando-o com a cultura de um determinado momento histórico. Da mesma forma, o estilo está relacionado às identidades, sendo elas a base da construção da forma como nos expressamos e agimos. Tudo isso são características facilmente transpostas na escrita.

Trata-se, portanto, de uma análise interpretativa, uma vez que pretendemos situar os textos no contexto de vida dos autores, explicitando os pressupostos inferíveis. Partindo, assim, de sentidos construídos pelos remetentes das cartas, procuraremos direcionar para a dimensão simbólica, promovendo a contextualização social, conforme propõem Costa et alii (2008).

Esta pesquisa visa, nesse sentido, contribuir para a interpretação de dados culturais e identitários presentes nos textos, tomando, como dados empíricos, o discurso revelado nas cartas de amor, para construir os efeitos de sentidos atribuídos a essas experiências. Partimos do pressuposto de que os sentidos presentes nas cartas se articulam com “significados socialmente construídos, refletindo crenças, conhecimentos, padrões e valores sociais vigentes” (COSTA et alii, 2008¹). No presente caso, trata-se de significados vigentes naquele momento histórico (décadas de 1950 e 1960), expressando peculiaridades culturais do grupo social das remetentes das cartas e de seu destinatário.

Assim, interpretar os sentidos de vida revelados por esses sujeitos, requer identificá-los como indivíduos, para inseri-los, analiticamente, nas estruturas de significação em que se integram, o que implica considerar a produção coletiva de significados.

Na tentativa de garantir esse olhar na pesquisa, estaremos, em alguns momentos, recorrendo à pesquisa sociolinguística, porque, conforme Borstel (2003), esse tipo de pesquisa tem caráter empírico -- por meio dela temos um diagnóstico da vivência real de indivíduos organizados em comunidades, grupos e/ou associações.

A sociolinguística permite, portanto, o estudo da língua e de suas variações dentro da sociedade em que é falada, incluindo a linguagem em sua utilização espontânea, na qual as variações se manifestam de forma mais corriqueira. Segundo Marcuschi, a língua não deve ser estudada em seu funcionamento abstrato, mas em sua realização concreta, já que “[...] não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua” (MARCUSCHI, 2001, p. 16).

No decorrer da pesquisa, percebemos que somente a leitura das cartas não dava conta de esclarecer todo o contexto de produção delas. Recorremos, então, a

¹ Disponível em: <www.scielo.br>.

depoimentos, um instrumento de pesquisa utilizado na sociolinguística. Conforme Duarte, isso permite que sejam “levantadas e organizadas as informações relativas ao objeto da investigação e, dependendo do volume e da qualidade delas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente e denso” (DUARTE, 2002²). Sendo assim, a utilização de tal instrumento permitiu, no caso desta pesquisa, a identificação de padrões simbólicos, de práticas, de sistemas classificatórios, de categorias de análise da realidade e de visões de mundo das remetentes e do destinatário das cartas de amor em relação ao universo em questão. Além disso, forneceu elementos significativos para a leitura/interpretação posterior do *corpus* e para a compreensão do universo investigado.

Os depoimentos foram concedidos por um irmão e duas irmãs de Armando, os quais se lembravam muito bem do ocorrido durante as relações amorosas, ajudando-nos a descrever grande parte da história.

Ao olhar para a estrutura composicional das cartas de amor, faremos uma análise comparativa entre as cartas selecionadas, procurando identificar características que lhes são próprias. Para isso, pautar-nos-emos em Bakhtin, para quem “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2000, p. 301).

Os gêneros se organizam em formas relativamente estáveis: possuem características próprias que os definem, mas não formas estáticas, pois elas poderão ser modificadas como forma de adaptá-los à situação comunicativa, sem tirar sua originalidade.

Ao focalizar o estilo linguístico das cartas, partimos da compreensão de que, sendo individual em cada enunciado, ele (o estilo) é, conforme Bakhtin,

[...] indissolúvelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação como o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. (BAKHTIN, 2000, p. 284).

Lima-Lopes comenta sobre isso ao dizer que “cada gênero carrega formas lexicais e sintáticas próprias, ligadas aos conteúdos informativos de cada um deles. Além da escolha interpessoal, comum, existe uma escolha conteudística, particular” (LIMA-LOPES, 1999, p. 384).

² Disponível em: <www.scielo.br>.

Na próxima seção apresentamos a forma como o trabalho está organizado.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Na perspectiva de garantir a amplitude da análise, no próximo capítulo abordaremos a conceituação do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional, de forma aprofundada, associadas às condições de produção e, nas análises, mostraremos suas manifestações nos textos pertencentes no *corpus*.

Em seguida, no terceiro e último capítulo, efetuaremos a análise do *corpus*, seguindo a metodologia proposta por Bakhtin (anteriormente exposta). O primeiro ponto de análise será o contexto de produção, o que fez necessárias algumas referências a outras cartas trocadas entre essas pessoas e, também, aos depoimentos colhidos junto a seus familiares. Em segundo lugar discorreremos sobre o conteúdo temático das cartas de amor, quando, além do tema, abordaremos os aspectos culturais da época em que esses textos foram escritos. Em seguida, a análise voltar-se-á para a construção composicional do gênero em questão, quando abordaremos sua função social e, também, sua estrutura (elementos composicionais e organização), justificando sua classificação como um gênero discursivo secundário. Após a construção composicional, destacaremos as características identitárias, ou seja, o estilo das remetentes. Poderíamos abordá-lo antes da construção composicional, entretanto, por estar, diretamente, ligado à linguagem das cartas de amor, é ele nosso último ponto de análise. E, finalizando o capítulo de análise, faremos breves observações sobre a relação entre a carta de amor e o ensino, propondo algumas maneiras de trabalhar com esse gênero discursivo na sala de aula, distanciados do ensino tradicional ou estruturalista. Durante todo o processo de análise, além de transcrevermos as cartas de forma integral, apresentaremos recortes a cada apontamento realizado.

CAPÍTULO 2

DO SIGNO SOCIAL E IDEOLÓGICO PARA O GÊNERO DISCURSIVO CARTA

No presente capítulo, nosso objetivo é o de explorar os aportes teóricos que sustentarão a análise das cartas de amor. Para isso, dividimo-lo em cinco partes, como forma de contemplar um estudo que se inicie com a compreensão do processo de interação verbal e daquilo que o perpassa (ideologias, cultura e identidade) e seja finalizado com discussões sobre as características estruturais e funcionais do gênero discursivo que compõem o *corpus* de pesquisa.

A primeira seção explorará a questão do signo ideológico, seção em que tentaremos traçar uma definição e refletir sobre a forma como ele se inscreve na interação verbal. Nosso percurso passará, também, por reflexões sobre a cultura e a identidade, produzidas a partir das ideologias de um grupo social e reveladas nos signos linguísticos.

A segunda seção, por sua vez, abordará estudos sobre enunciados e enunciações, considerando que as ideologias se movem, no mundo social, por meio das relações dialógicas, materializadas em enunciados.

Entendendo que os enunciados são modelos relativamente estáveis, constituintes dos gêneros discursivos, os quais moldam as interações verbais, é sobre eles que a terceira seção estará focalizada. Tentaremos abordar o modo os gêneros discursivos concretizam as enunciações.

A quarta seção deste capítulo explorará o percurso metodológico de análise dos gêneros discursivos sugerida por Bakhtin/Volochinov (2004), procurando realizar uma reflexão acerca dos três elementos constituintes dos gêneros: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Por fim, na quinta seção, discorreremos sobre o gênero carta, material de análise que constitui o *corpus* de pesquisa, buscando a compreensão de suas características estruturais e funcionais.

2.1 SIGNO SOCIAL E IDEOLÓGICO

A concepção bakhtiniana de signo ideológico é, segundo Tchougounnikov (2009), fundamental no projeto sociológico do Círculo de Bakhtin, sendo tomada como

ponto de partida para a discussão sobre língua, linguagem, enunciado, enunciação e gêneros do discurso, percurso por nós adotado durante as discussões aqui realizadas.

Nossa base teórica é, portanto, reflexões realizadas por Bakhtin (2000, 2002, 2004), filósofo que, partindo de uma abordagem socioenunciativa, de acordo com a qual a linguagem e o pensamento são constitutivos do homem, demonstrou que seu objeto de estudo pertencia aos mecanismos da interação verbal. De acordo com suas compreensões, a necessidade de comunicação é o que justifica a existência da língua, ou seja, por meio da interação verbal ela se concretiza, permitindo aos homens dizer e agir sobre o mundo, constituindo-o e sendo constituídos por ele.

Partindo de uma concepção sociointeracionista da linguagem, consideramos a língua como uma atividade social, organizada por um conjunto de signos capaz de representar e constituir o real, por ser produto de uma necessidade histórica do homem, criado para trocar experiências e se organizar socialmente.

Bakhtin/Volochinov (2004) compreende que a palavra, durante a interação verbal, ganha diferentes sentidos, conforme o contexto em que está inserida, constituindo-se, assim, em signo social e ideológico. Dessa forma, não se trata apenas da imagem (forma) que cada palavra evoca em nossa mente ao ser pronunciada. Ao contrário, carregada de significados construídos, socialmente, na situação de interação, a palavra veicula ideologias, o que lhe permite adquirir vida, transformando-se em um símbolo e, assim, representando posicionamentos sociais, ideológicos. Para Formentão (2008), as esferas ideológicas são formadas pela articulação entre a palavra e a imagem.

É o que Zandwais explica:

[...] se a palavra se inscreve em um lugar heterogêneo é porque ela, sendo sustentada pela forma, mas, ao mesmo tempo, “adquirindo vida” como símbolo, constitui a materialidade e a essência do ideológico, por meio da maneira como ela trabalha e se desloca de modo incessante nas relações de interações do cotidiano da sociedade. (ZANDWAIS, 2009, p. 106).

Adotar a palavra como signo ideológico não significa dizer que sua forma deva ser desprezada. Pelo contrário, ela importa como meio de sustentação da imagem produzida, permitindo-nos saber do que um enunciado está tratando -- mas não apenas isso, pois, assim reduzida, a palavra seria compreendida como signo neutro e a língua como abstrata, fato que constitui, segundo Zandwais (2009), o objeto de investigação da Filologia, ciência criticada por Bakhtin/Volochinov. Segundo ele, esse estudo resulta numa “falsa concepção da compreensão como ato passivo”

(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 99), excluindo todo o contexto de produção e de conhecimento de mundo por parte do leitor.

Por outro lado, para Bakhtin e seu círculo, a concepção de signo ideológico vai além de uma imagem projetada. Sendo a ideologia utilizada, conforme Faraco, para referências “ao universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política” (FARACO, 2009, p. 26), entre outras ciências, Bakhtin/Volochinov apresenta uma distinção entre dois tipos de ideologias: a oficial e a do cotidiano. Conforme postula Bakhtin/Volochinov,

Cada um dos sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outro domínio. O signo é, então, criado por uma função ideológica precisa e permanente inseparável dela [...]. Além disso, existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da *comunicação na vida cotidiana*. Esse tipo de comunicação é extraordinariamente rica e importante. Por um lado, ela está diretamente vinculada aos processos de produção e, por outro lado, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 37).

Ao falarem desses signos específicos de algum campo, criados por uma função ideológica permanente (dada pela sociedade), Bakhtin/Volochinov se refere à ideologia oficial, concepção aceita, também, pelo marxismo. Ocorre, porém, que, ao apresentar os signos vinculados a um processo de produção e não a um posicionamento particular (construída no momento da interação), ele acrescenta a ideologia do cotidiano, compreendendo ser esta mais instável em relação à primeira, podendo ser criada por grupos específicos.

Assim, o contexto determina a organização de nossos enunciados e, principalmente, sua interpretação e compreensão. Dois exemplos retirados de Miotello nos ajudam a esclarecer essa distinção: “(1) ‘Cara, estou desempregado há seis meses’ [...]. (2) ‘Aprovação do presidente cai mais dez pontos’” (MIOTELLO, 2008, p. 169). Enquanto o primeiro enunciado pode estar relacionado a um encontro entre dois amigos em um ponto de ônibus, quando conversam sobre suas vidas e um dos dois, afirmando estar desempregado, expressa uma opinião pessoal em relação ao fato (algo bem específico / ideologia do cotidiano), o segundo liga-se à política, não permitindo tomadas de posições diferentes da oficial (ideologia oficial).

No caso da ideologia do cotidiano, para a compreensão de um enunciado a ele vinculado, outro aspecto ainda deve ser levado em conta: a acento apreciativo. Segundo Bakhtin/Volochinov, quando um conteúdo é pronunciado pela fala viva, “é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado [...]. A entoação é determinada pela situação imediata e freqüentemente por suas circunstâncias mais efêmeras” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 132). É o que o primeiro exemplo do parágrafo anterior poderia demonstrar se o ouvíssemos dentro de seu contexto de produção: o locutor embutiu nele sua aprovação pelo fato de estar descompromissado de um emprego e não necessitar cumprir atividades profissionais e horários em uma empresa ou sua reprovação por, desempregado e sem salário, estar passando por dificuldades financeiras.

Signo e ideologia estão ligados de forma inseparável. Conforme Bakhtin/Volochinov, “tudo o que é ideológico possui significado e remete a algo situado fora de si mesmo [...]. Tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 31). A ideologia, por sua vez, está ligada aos índices valorativos. Sem eles, os signos seriam, conforme Bakhtin/Volochinov (2004), simples alegorias, uma vez que cada signo possui um tema, responsável pela formação dos signos. E cada tema possui um índice valorativo, o que forma as ideologias, constituindo-se, assim, os signos sociais e ideológicos.

Por isso, Miotello explica: “objetos materiais do mundo recebem função no conjunto da vida social [...] e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais” (MIOTELLO, 2008, p. 170). Um signo ideológico é, portanto, tudo o que, além de possuir um significado, carrega ideologias do mundo social responsáveis por lhe atribuírem significado. Isso nos permite pensar na palavra “cruz”, por exemplo: se concebida apenas como forma, teremos, em mente, a imagem de dois pedaços de pau cruzados. Por outro lado, vinculada às ideologias que a constituem, torna-se um símbolo religioso de grande importância em determinado grupo, adquirindo sentido no meio social. Segundo Formentão, “[...] perceber estes signos é compreender estas contradições e estes sentidos no universo da comunicação analisada” (FORMENTÃO, 2008, p. 54).

Os signos ideológicos, como postula Bakhtin/Volochinov, fazem “parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 31).

Nesse sentido, a linguagem é compreendida como um veículo de comunicação que, por meio do signo social e ideológico, representa a realidade circundante e, até mesmo, a forma como o falante a constitui, refletindo todas as suas mudanças e alterações sociais. Conforme Bakhtin/Volochinov, a palavra é a “arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior do sistema” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 15).

Seguidores das teorias de Bakhtin também veem na língua esse poder de representar o exterior. Marcuschi³ é um deles. A partir de seus estudos observamos uma preocupação em mostrar que a representação linguística não é apenas um espelhamento do mundo, mas, sim, que se trata de uma outra funcionalidade da linguagem:

[...] a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala. (MARCUSCHI, 2007, p. 35).

Ao falar de uma outra funcionalidade que acontece por meio da representação da realidade, não podemos ver a linguagem apenas como espelho, mas também como a responsável por refratar a realidade, uma vez que, segundo as explanações de Bakhtin e de Marcuschi, a realidade passa a existir orientada pela ideologia durante a interação verbal, o que significa dizer que os signos refletem e refratam o mundo.

Daí o destaque dado por Bakhtin e seu Círculo para a refração. De acordo com Faraco,

[...] não é possível significar sem refratar. Isso porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e temporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais. (FARACO, 2009, p. 51).

Assim, a linguagem, constituída por signos ideológicos, representa e (re)constitui posicionamentos sociais e experiências humanas. Não pode ser reduzida à língua abstrata ou a um mero conjunto de signos formais. É a responsável pela interação verbal e cultural, por meio da qual trocamos ideias sobre o mundo enquanto construímos o nosso conhecimento.

³ Marcuschi não é um pesquisador que se dedica apenas ao estudo de gêneros textuais, apesar de ser, por muitos, mais conhecido e citado nessa área. Seu propósito reside em abordar e estudar todos os fenômenos da linguagem, motivo pelo qual podemos tomá-lo como referência no decorrer de todo este trabalho.

Devido a isso, Bakhtin/Volochinov está, a todo o momento, esclarecendo que a linguagem não deve ser tratada apenas como forma, mas como um fenômeno social que torna possível as relações sociais, dando sentido à existência da língua, sendo a sua verdadeira substância. Nas palavras desses teóricos,

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 122).

Em publicações de seguidores das teorias de Bakhtin observamos também a mesma valorização da linguagem e da interação verbal. Bronckart (2003) afirma que a complexidade e a extrema diversidade de suas formas de atividade, que permitem o acesso ao meio ambiente, bem como sua representação, estão indissoluvelmente relacionadas à emergência da linguagem. A língua, portanto, regula e serve de mediadora para todas as interações verbais, o que justifica, de acordo com Bronckart, que seja chamada de social.

Para Marcuschi, “a interação humana é uma atividade constitutiva da própria linguagem e não simples decorrência de suas virtudes imanentes” (MARCUSCHI, 2007, p. 77). Em outras palavras, a interação não é apenas uma atividade que podemos desenvolver por meio da linguagem, mas, sim, uma parte fundamental e constituinte desta.

Uma língua não é apenas um sistema de sons, um conjunto de unidades significativas dispostas em uma cadeia morfossintática. É muito mais do que um instrumento de comunicação. Um língua é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo. São os falares, os modos de ser, os valores, as crenças que fazem com que os povos sejam diferentes ou semelhantes, porém singulares. (MELLO, 1999, p. 23).

A linguagem é heteroglóssica, constituída a partir de vozes sociais, ou seja, é social e ideológica, refletindo e refratando o mundo, sua realidade, valores e posicionamentos de diferentes grupos sociais. Isso justifica o tratamento dado aos signos: vivos, móveis e históricos, ou seja, não como produtos de uma consciência isolada, pois Bakhtin/Volochinov postula que todo signo “resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 44). E Faraco complementa que eles “emergem

e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados [...]. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos globais que lhes dão significação” (FARACO, 2009, p. 49).

Também Formentão trata dessa relação entre signo e sociedade. Segundo ele, “o signo existe num processo dialógico de alteridade orientado para um fluxo de sentidos que só se concretizam numa organização sócio-histórica interacional” (FORMENTÃO, 2008, p. 57).

Considerando essa relação em seus estudos, Bakhtin/Volochinov traça uma crítica ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo individualista, ciência que tenta reduzir a enunciação a um mundo interior, fazendo com que os signos, vivos e móveis, se transformem em defuntos:

[...] essa pluralência social do signo ideológico é um traço da maior importância [...]. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente na medida em que o filólogo e o historiador conservam a sua memória é que subsistem ainda neles alguns lampejos de vida. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 46).

Ainda conforme Bakhtin/Volochinov, “a estrutura da enunciação e a da atividade mental a exprimir são de natureza social. A elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal [...] é social. Cada elo dessa cadeia é social” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 122). Dito de outro modo, nossas formas de expressão social estão orientadas para um centro organizador exterior, que modela o nosso interior, possibilitando a constituição de um sistema de signos.

Miotello explica que o meio social envolve completamente o indivíduo e, por isso, “o sujeito é uma função das forças sociais” (MIOTELLO, 2008, p. 175). Assim, a enunciação de um signo ideológico torna-se o meio pelo qual compreendemos os valores sociais constituintes de uma realidade. Segundo Faraco, “aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais” (FARACO, 2009, p. 57). Logo, um universo de signos, sendo próprio de um grupo social, está vinculado diretamente à cultura e à identidade. Devido a isso, tomamos a linguagem como refletora da cultura. O mesmo vale para a identidade, uma vez que ela

só é revelada por meio da língua, da qual faz parte, também, a identidade. Além disso, nossas identidades são construídas a partir dos valores culturais de nosso grupo social.

2.1.1 Cultura e identidade

Considerando a relação entre os signos ideológicos e as noções de cultura e de identidade, Formentão explica:

A concepção dialógica da criação verbal engloba vida / cultura, o real concreto, a formação da consciência dos indivíduos e a materialidade sócio-cultural de todas as produções humanas, dotadas de valor; descentraliza o sujeito e reconduz à situação de agente ativo em interação constante e fluída, um sujeito responsivo e responsável. (FORMENTÃO, 2008, p. 22).

Nesse sentido, Baltar traça uma relação entre linguagem, cultura e identidade, considerando que “os sistemas de valores e crenças de um grupo social são manifestos por meio da linguagem e têm papel fundamental em suas vidas” (BALTAR, 2004, p. 39), isto é, os signos ideológicos se traduzem naquilo que seus falantes podem fazer de seu uso, conforme a situação social em que estão inseridos. Conforme Bakhtin, tudo o que temos na cultura, que aponta para nossa identidade, não passa de palavras: não existe absolutamente nada na cultura, além da palavra, pois “toda cultura não é nada mais que um fenômeno da língua” (BAKHTIN, 1988, p. 45).

Desse modo, torna-se necessário refletirmos, rapidamente, sobre cultura e identidade. Marcuschi conceitua a primeira como um meio de diferenciação entre grupos sociais, ou seja, “diferentes formas de perceber” (MARCUSCHI, 2007, p. 78), o que nos permite uma concepção de cultura como constituída por um universo de signos ideológicos pertencentes a um grupo social e representante de seus costumes, de seus valores e de suas crenças, bem como de sua linguagem.

Sendo composta por signos, constituintes de símbolos, a cultura está relacionada a um discurso. É o que destaca Hall:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são

contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51).

As ideologias constituintes da cultura são as responsáveis pela formação de nossas identidades, ou seja, nosso estilo, nossas formas de ser e de agir. De acordo com Mendes, a pessoa é um “construto construído não das propensões psíquicas internas, mas a partir das regras morais que lhe são inculcadas do exterior” (MENDES, 2002, p. 507). Por meio da cultura de nosso grupo social produzimos identidades que nos afirmam como pertencentes a esse grupo.

Sob essa perspectiva, McLaren compreende que a formação da identidade se dá a partir das práticas sociais: “identidades envolvem articulações prediscursivas (materiais) e discursivas (semióticas) e estão sempre relacionadas às práticas sociais materiais de uma formação social mais ampla” (MCLAREN, 2000, p. 46). Conforme o teórico, criamos, contextualizamos e recontextualizamos nossas identidades a partir de copadrões específicos de ideologias. Nossa identidade, ao expressar nossa individualidade, exprime o meio em que vivemos, pois ela é criada a partir dele.

Nessa perspectiva, com base em Moita Lopes (2003), compreendemos a identidade como um processo de identificação do Eu e de diferenciação entre o Eu e o Outro, por meio do qual um indivíduo se define socialmente e se reconhece dentro de um grupo social. O processo de construção da identidade o define em relação ao mundo, como também o representa socialmente em relação ao outro.

Logo, a interação, organizada por signos ideológicos, torna-se uma discussão cultural. Conforme Faraco (2009), o universo da cultura é intrinsecamente responsivo, movendo-se pelo diálogo, responsável pela formação de novas vozes sociais, isto é, identificatórias de um estilo individual. O autor postula que, para Bakhtin e o Círculo, “‘o verdadeiro ambiente de um enunciado’ é o plurilinguismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme” (FARACO, 2009, p. 58). Nesse processo, elas podem se apoiar, diluir em outras, polemizar, contrapor e assim por diante, destruindo e (re)construindo novas identidades.

Compreende-se, dessa forma, que a formação de vozes sociais se dá de forma contínua e nunca está acabada. Para Bakhtin, “aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um processo de refração e de deformação do ser” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 47). As identidades não são inatas aos indivíduos, mas formadas e transformadas ao longo das interações sociais.

Sendo no meio que se formam as vozes sociais, o diálogo é visto por Bakhtin como um jogo de forças que dá vida a esse universo, fazendo-o mover-se no mundo social. Aqui, porém, o que importa não é apenas o diálogo em si mesmo, mas o que ocorre dentro dele ou, como explica Faraco, “o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali” (FARACO, 2009, p. 61).

Assim, Silva explica: “para Bakhtin toda a vida em sociedade se constitui incessantemente pelo dialogismo, pela relação com o outro e pelas condições histórico sociais a que estamos integrados” (SILVA, 2007, p. 45).

O diálogo é de caráter social, assim como a linguagem e a interação verbal, não podendo ser reduzido “ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e autossuficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo” (FARACO, 2009). Isso equivaleria a dizer que seus enunciados não carregariam ideologia alguma e, portanto, não possuiriam relação com a cultura de um meio social.

Voltaremos a tratar da questão do diálogo, de forma mais aprofundada, na próxima seção, pois, tendo em vista que sua função é a de materializar os enunciados, fazendo-os dentro dos gêneros discursivos, é necessário, primeiramente, refletirmos sobre enunciados e enunciações.

2.2 ENUNCIADOS/ENUNCIACÕES

Os estudos sobre enunciados/enunciações já desenvolvidos são inúmeros e, inclusive, polissêmicos em termos de definição e de emprego, visto que já foram abordados a partir de diferentes perspectivas. Sendo assim, para trazer essa reflexão, iniciamos por Bakhtin (2000), pois ele retoma toda uma discussão acerca dessas teorias como forma de desenvolver o conceito de gêneros do discurso, com o qual trabalhamos a seguir.

Sabemos que Bakhtin (2000, 2004) e o Círculo, assim como teóricos seguidores dessas teorias, valorizam muito a linguagem por ser ela, ao constituir-se por signos ideológicos, a (re)produtora e a transmissora de ideologias. Para trabalhar com a linguagem, porém, o que ganha destaque é, como já frisado na seção anterior, o diálogo, considerado como um meio de discussão cultural. Sua ocorrência está ligada de forma direta e inseparável aos enunciados, definidos pelo autor como unidades reais da comunicação verbal, um todo significativo, responsáveis por sua materialização. Desse

processo também faz parte a enunciação, a qual se constitui, para Bakhtin/Volochinov (2004), em uma réplica do diálogo social.

Brait e Melo, ao fazerem um estudo acerca de alguns conceitos-chave de Bakhtin, traduzem a forma como o filósofo conceitua o termo enunciado: “como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado” (BRAIT; MELO, 2008, p. 63). Assim, para termos um enunciado, necessitamos que ele esteja contextualizado. Isso significa dizer que uma frase somente será tratada como enunciado se estiver ligada a um contexto, pois, além dos fatores estritamente linguísticos, implicaria, conforme postulam Brait e Melo (2008), o conhecimento e a compreensão da situação por parte dos interlocutores.

Assim compreendida, a interação, seja ela verbal ou não verbal, se dá por meio de enunciados organizados socialmente, o que facilita, de certa forma, esse processo, embora cada enunciado possua suas finalidades comunicativas próprias. É na sociedade que encontramos o que Bakhtin denomina como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2002, p. 279). Ao fazermos usos desses “modelos”, moldamo-los conforme nossas necessidades de interação e nosso ato comunicativo.

Cada enunciado será “individualmente absolutamente irreproduzível” (BAKHTIN, 2000, p. 335), pois, mesmo com características semelhantes, a situação e os objetivos comunicativos nunca serão completamente idênticos. Sempre lhe acrescentaremos algo novo, produzindo outro enunciado. Bazerman relaciona isso à dificuldade encontrada no ato de escrever. Segundo ele, “cada vez que escrevemos, criamos um novo enunciado para uma nova circunstância. É por essa razão que o ato de escrever é tão difícil [...]” (BAZERMAN, 2006b, p. 63).

Quanto à enunciação, Bakhtin/Volochinov a concebe como o resultado da utilização dos enunciados concretos durante as interações verbais, isto é, como uma compreensão ativa. Para Bakhtin/Volochinov, ela “é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 112), entre os quais se estabelece o diálogo.

Só pelo fato de estarem em um mesmo campo de compreensão permitirá a relação dialógica entre os enunciados produzidos, respaldada por seus conhecimentos de mundo, estabelecendo-se, assim, a enunciação. Por isso mesmo, Bakhtin explica que um enunciado é apenas um elo da comunicação verbal, nunca o primeiro nem o último, já que pode ser separado dos “elos anteriores que o determinam, por dentro e por fora, e

provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 2000, p. 320).

Daí a necessidade da existência de um destinatário para que a enunciação aconteça, sendo isso, de acordo com Bakhtin (2000), uma característica essencial e constitutiva de um enunciado. Sem interlocutor não poderia haver enunciado e, tampouco, a enunciação. É dessa característica, aliás, que se originam as diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário, as quais constituem e determinam a diversidade de gêneros do discurso. Ao produzirmos um enunciado, portanto, nós o dirigimos a um interlocutor, com quem nos comunicamos, esperando dele uma resposta.

Marcuschi, seguindo tais orientações, expõe que, sem a presença do outro, não se desenvolve a linguagem. Sob tal enfoque, conforme o autor,

[...] não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas [...] todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum. (MARCUSCHI, 2008, p. 23).

A dialogicidade de todo o dizer, dessa forma interpretada, é apresentada em três dimensões diferentes. São elas: “a) todo o dizer não pode deixar de se orientar para o ‘já dito’ [...]. b) todo dizer é orientado para a resposta. [...]. c) todo dizer é internamente dialogizado [...]” (FARACO, 2009, p. 59).

A partir do exposto, compreendemos que qualquer enunciado, apesar de ser novo devido ao estilo de seu autor, é uma réplica, já que não se constitui do nada. Ele é criado a partir daquilo que Bakhtin e o Círculo chamam de memória discursiva, ou seja, é uma resposta a um já dito. Além disso, é constituído tendo em vista a pessoa a quem é destinado. Segundo Bakhtin/Volochinov, “mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social a que pertence o locutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 112), ou seja, produzimo-lo a partir das características desse grupo, as quais nos permitem antecipar sua resposta. E, por fim, os enunciados promovem a articulação de múltiplas vozes sociais, o que retoma a primeira dimensão apresentada: é constituído por já ditos, representantes da cultura e das individualidades de um grupo social, sendo este, como frisado anteriormente, o ponto mais importante de estudo nos diálogos.

Nessa perspectiva, Faraco explica: é necessário dimensionar a interação “como estrutura socioideológica, na qual os interactantes são seres organizados, situados e agindo num complexo quadro de relações socioculturais, no interior do qual se manifestam relações dialógicas” (FARACO, 2009, p. 65).

Ao falar nas relações dialógicas, Bakhtin/Volochinov se refere às relações de sentido -- de valores (no sentido cultural) -- estabelecidas entre os enunciados. Trata-se de um diálogo travado com conhecimentos do mundo interior do locutor e do interlocutor, o que permitirá uma ligação entre “as unidades da comunicação verbal, os enunciados completos” (BAKHTIN, 2000, p. 358).

Durante o diálogo, ocorre, portanto, uma troca de enunciados, o que, segundo Faraco (2009), pode resultar tanto no acordo quanto no desacordo: as relações dialógicas, propiciando uma discussão cultural, abrem espaços de tensão, podendo as vozes sociais serem aceitas ou não. E, entre esta unidade contraditória e tensa, ocorre o que Bakhtin denomina de forças centrípetas e forças centrífugas, ou seja, necessidades de ligação e/ou diferenciação de um indivíduo/grupo social em relação a outro.

Mendes (2002) faz referências a essas tensões: as forças centrípetas dizem respeito à necessidade de se ligar ao outro, isto é, identificar-se com ele, possuindo os mesmos valores. Já as centrífugas são a necessidade de diferenciação do outro, manifestada, em algumas vezes, pela necessidade de possuir um estilo/identidade próprio.

Sendo assim, podemos traçar uma relação entre as forças centrípetas/centrífugas e as culturais/identidade. Trabalhamos com a cultura como um traço de identificação de um grupo social, ou seja, características e conhecimentos pertencentes a todos os seus membros. Por outro lado, trabalhamos com a identidade enquanto um traço de identificação adquirido a partir da cultura, entretanto, individual e variante de um membro para outro de um mesmo grupo social.

A cultura pode, portanto, ser ligada às forças centrípetas, enquanto que a identidade seria ligada às forças centrífugas. Dessa forma, um grupo social, visto do exterior, tem a necessidade de diferenciar-se de outro, perpassando a todos os membros as mesmas ideologias e possuindo um universo de signos próprios. Ao mesmo tempo, no seu interior, esses indivíduos diferenciam-se entre si conforme seu estilo.

São relações possíveis apenas por meio da enunciação, levando em consideração que a compreensão perpassa todo esse processo. A enunciação é o produto da interação verbal, composta por enunciados manifestados nos discursos, os quais, por

sua vez, organizam os gêneros que, materializados em textos, possibilitam a compreensão dos fatos da linguagem observados na vida cotidiana. O enunciado faz parte da enunciação e não existirá sem ela. Sua circulação dentro da sociedade se dá, porém, segundo Perfeito, somente “dentro de determinadas esferas e formas estabelecidas pelas convenções sociais” (PERFEITO, 2009, p. 155), tratadas por Bakhtin como gêneros do discurso, para os quais voltamos nossa discussão na próxima seção.

2.3 GÊNEROS DISCURSIVOS

À exploração dos gêneros discursivos, vários teóricos já se dedicaram. Entre esses, começaremos citando Bakhtin (2000), por ter sido ele quem ampliou a noção dos gêneros, antes abordada por Platão e Aristóteles, enfocando basicamente a esfera literária. Além disso, foi um dos primeiros teóricos lidos no Brasil que tratava da questão dentro da esfera da enunciação. Abordaremos, também, Bronckart (2003), Marcuschi (2003, 2006, 2008), Baltar (2004), Schneuwly & Dolz (2004), Bazerman (2006), entre outros.

Devido ao grande número de teóricos que estudam os gêneros discursivos, observamos uma pequena variação de terminologias dentro dessa temática: gêneros discursivos (associados à noção de discurso) e gêneros textuais (associados à noção de texto e detendo-se, principalmente, ao estudo de sua estrutura interna). Esclarecemos que, sem desconsiderar as demais nomeações, optamos por adotar a de *gêneros discursivos* (originada em Bakhtin).

Para discorrer sobre os gêneros discursivos é importante, primeiramente, retomarmos a discussão sobre enunciado e enunciação, já que a sua realização está ligada à linguagem e, assim, à interação verbal e é por meio da enunciação que a língua se torna uma realidade.

Sem língua não há interação e, sem interação, não há nenhum tipo de relação social. Para Bakhtin, “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”, a qual “efetua-se por meio de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Os enunciados ficam disponíveis na sociedade e são constituídos por esferas de utilização da língua,

originando o que Bakhtin chama de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279), organizando, assim, os gêneros do discurso.

Os gêneros discursivos, portanto, podem ser compreendidos como lugares onde o(s) enunciado(s) se organizam, ganham forma, materializam-se linguisticamente, representando, assim, o discurso da esfera social que o constitui.

Nessa perspectiva de estudo, Lima-Lopes (1999) comenta que as regularidades organizacionais de um gênero seriam elementos responsáveis pelo seu reconhecimento. Segundo o autor, “cada gênero carrega formas lexicais e sintáticas próprias, ligadas aos conteúdos informativos de cada um deles. Além da escolha interpessoal, comum, existe uma escolha conteudística, particular” (LIMA-LOPES, 1999, p. 384). Tais formas são, portanto, relativamente estáveis.

Em outras palavras, não podemos ver os gêneros discursivos por meio de formas estáticas. Dependendo das intenções discursivas do usuário, de seu conhecimento de mundo e da necessidade de adaptá-los à situação comunicativa, acrescentam-se novas características ao(s) enunciado(s), sem desconsiderar aquelas já existentes na esfera discursiva que imprime marcas próprias no conteúdo temático, no estilo e na composição desse gênero. Toda ação de linguagem sempre será constituída por um processo de inserção individual no social.

Bakhtin (2000, 2004) considera que a interação verbal se realiza não por meio de uma linguagem descontextualizada, mas por discursos, com todos os elementos linguísticos e não linguísticos (verbais e não verbais), os quais organizam os gêneros que, materializados em textos (orais e escritos), estão presentes no nosso dia a dia. Justifica-se, então, o fato de Bakhtin tratar esses enunciados relativamente estáveis como *gêneros do discurso*, associando, à noção de gênero, à de discurso.

Para Perfeito, esses modelos de enunciados foram e são formados com a finalidade de se evitar o caos comunicativo. Segundo a estudiosa, “no processo interativo, sócio-historicamente situado, a escolha dos recursos expressivos pelos sujeitos, na construção de um enunciado, se dá no rol de outros enunciados, determinados por suas esferas de comunicação” (PERFEITO, 2009, p. 156). Trata-se do contexto de produção, o que define cada uma de nossas formas de expressões, assim como o gênero discursivo que as organiza.

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhes o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão

aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 2000, p. 302).

São os gêneros discursivos, portanto, que moldam o nosso querer-dizer, adaptando-o às possibilidades de enunciação. Assim, “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (BAKHTIN, 2000, p. 302).

Cada esfera da sociedade possui modelos de enunciados que a representam, diferenciando-os daqueles utilizados em outras esferas. O conjunto de gêneros discursivos de uma esfera social é parte de sua cultura, colaborando no seu processo de identificação.

Os gêneros discursivos são, logo, vários modelos de enunciados em particular, os quais circulam socialmente, tornando possível a existência da linguagem, uma vez que não haveria como produzir um novo enunciado a cada momento, sem qualquer referência para isso. Sendo assim, o enunciado, uma “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 293), organiza-se de forma mais ou menos estável para constituir um repertório de gêneros que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa, já que as possibilidades de atividade humana por meio do uso da língua são inesgotáveis.

Daí a importância da interação verbal, que permeia todas as formas de agir, e dos gêneros discursivos, responsáveis pela organização dos enunciados por meio dos quais nos comunicamos. Ao afirmarmos isso, respaldamo-nos em Bakhtin. Para o autor, quando falamos “utilizamos sempre dos gêneros do discurso, ou seja, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2000, p. 301), o que significa dizer que todas nossas ações com a linguagem são moldadas por um gênero.

Consequentemente, os gêneros discursivos são, também, quase que inumeráveis, infinitos. Marcuschi (2003) comenta sobre um grupo de linguistas alemães que chegou a identificar em torno de quatro mil gêneros, exemplo de que não é possível chegar a uma classificação geral deles, não sendo possível fazer uma lista fechada. Apenas como forma de exemplificação, citamos alguns exemplos de gêneros discursivos: carta pessoal, familiar, de amor, telefonema, artigo científico, de opinião, piada, bula de remédio, receita culinária, cartão de aniversário, conversa entre amigos,

aula expositiva, propaganda publicitária, reportagem jornalística, bilhete pessoal, entre inúmeros outros.

Sendo “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2000, p. 279), os gêneros discursivos passam por certas transformações interiores como forma de serem adaptados às necessidades de interação verbal. Durante esse processo, alguns gêneros desaparecem, dando lugar a novos modelos de enunciados. Trata-se da evolução dos gêneros discursivos, conforme os avanços históricos e tecnológicos de uma sociedade, porque os modelos de enunciados surgem em meio a necessidades e a atividades socioculturais, refletindo todos os tipos de atividade humana.

Conforme explana Baltar:

[...] com os avanços tecnológicos e a ampliação dos suportes textuais, os eventos discursivos vão sofrendo contínuas modificações nas estruturas esquemáticas de base-gêneros relativamente estáveis de enunciados. Isso implica mudanças nos processos de textualização e provoca mudanças nas relações dos usuários de língua materna, que necessitam conhecer a diversidade dos gêneros existentes em seu meio para interagir nos eventos discursivos dentro dos ambientes específicos de uma sociedade. (BALTAR, 2004, p. 44-45).

Quanto mais modelos conhecermos, mais possibilidades de escolha teremos, respondendo às nossas necessidades comunicativas. Com a rápida evolução tecnológica da sociedade moderna procura-se por gêneros que cumpram a mesma função de outros mais antigos, porém que o façam de uma forma cada vez mais rápida.

Ao definir e caracterizar os modelos relativamente estáveis de enunciados, Marcuschi considera que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 22). Assim, nossos discursos são materializados em textos que, por sua vez, são organizados pelos gêneros discursivos, definidos por Marcuschi como práticas sociodiscursivas, não formas estanques, mas como um caráter maleável, dinâmico.

Seguindo essa mesma linha de compreensão, Bazerman trata os gêneros como “padrões comunicativos” (BAZERMAN, 2006a, p. 29), explicando que a tendência das pessoas é escolher o modelo de enunciado para as interações verbais a partir da situação em que o falante está inserido. De forma quase automática, ao perceber que um gênero funciona bem em uma dada situação, proporcionando uma boa compreensão, a tendência será a de adotá-lo novamente em situações similares, definindo para si o que o

autor chama de “conjunto de gêneros” (BAZERMAN, 2006a, p. 32). O pesquisador acredita que, seguindo esses padrões comunicativos, podemos antecipar quais serão as reações das pessoas ao receberem nossos enunciados.

Sob perspectiva semelhante, Baltar (2004) considera que os gêneros discursivos são criados durante a interação humana de acordo com as necessidades comunicativas, sendo empregados por gerações posteriores como modelos de enunciados constituídos por textos e discursos, os quais acredita que sejam as “únicas manifestações empiricamente observáveis das ações de linguagem humana” (BAL TAR, 2004, p. 68). Por isso, o pesquisador considera que o passo fundamental para inserção prática nas atividades sociais é a apropriação dos gêneros discursivos.

Ao referirem-se aos gêneros, Schneuwly & Dolz adotam uma tese, em relação a esse objeto de estudo, que se enquadra diretamente na concepção bakhtiniana: “o gênero é um instrumento” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 23) adaptado a um destinatário preciso, a uma finalidade dada numa determinada situação. Conforme a explanação desses autores,

[...] os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir. A intervenção do instrumento – objeto socialmente elaborado – nessa estrutura diferenciada dá à atividade uma certa forma; a transformação do instrumento transforma evidentemente as maneiras de nos comportarmos numa situação. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 23).

O “instrumento” gênero auxilia o indivíduo a adequar suas atividades humanas, estando presente em todo o meio social, ora como um modelo de enunciado, ora como outro. Ele é, portanto, o responsável pela forma como o indivíduo age e se comporta nas situações sociais em que está inserido. Ao elaborar enunciados com características formais, seu comportamento seguirá esse mesmo estilo, e da mesma forma será caso se trate de situações informais.

Considerando as explicações dos teóricos aqui citados, de forma geral, temos os gêneros como modelos relativamente estáveis de enunciados, elaborados e presentes em todos os tipos de atividade humana com a linguagem. Por responderem às necessidades comunicativas, compreendemos porque, da mesma forma como surgem, podem desaparecer, pois se já não respondem a todas as expectativas humanas, havendo

outros capazes de fazê-lo, não há justificativa para que continuem servindo de instrumentos durante a comunicação humana.

Desse modo, os usos da língua não se dão por orações isoladas, mas, sim, por meio de formações potenciais de gêneros que atuam no interior da linguagem, definindo seu caráter dialógico. Por isso, Bronckart (2003) postula que, ao classificarmos os gêneros, não podemos fazê-lo de maneira racional, estável e definitiva, ou seja, não podemos fazê-lo apenas a partir da forma, senão também, e principalmente, a partir da função comunicativa que exercem durante a interação verbal.

Sob esse mesmo ponto de vista, Marcuschi afirma que esses modelos de enunciados não se caracterizam nem se definem por aspectos formais, nem estruturais, nem linguísticos, mas por “aspectos sócio-comunicativos e funcionais” (MARCUSCHI, 2003, p. 21), ou seja, seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural.

Isso não significa dizer que a forma de um gênero deva ser desprezada, pois ela também deve ser levada em conta em tarefas de determinação de gêneros. Assim como todas as atividades de interação verbal são extremamente variáveis, também os gêneros o são, devendo ser classificados, quanto à forma e à função que exercem, incluindo seus aspectos discursivos e enunciativos. Nessa perspectiva, a língua é tratada como atividade social, histórica e cognitiva.

Bakhtin apresenta ainda uma outra grande contribuição para o estudo dos gêneros discursivos: suas esferas primária ou secundária. É a reflexão que fazemos na próxima seção.

2.3.1 Gêneros discursivos primários e secundários

Bakhtin (2000) aponta que os gêneros discursivos estão presentes em todo o tipo de atividade humana permeada pela linguagem verbal ou não verbal, guiando e organizando nossas ações sociais. Há, entretanto, algumas distinções entre a forma como interagimos com a linguagem nas diferentes situações em que nos encontramos, o que reflete, diretamente, na caracterização dos gêneros discursivos.

Para Bakhtin, o uso típico da língua cria uma linguagem natural, que compreende duas esferas: os gêneros discursivos primários, usados na comunicação verbal espontânea, e os gêneros discursivos secundários, selecionados para interações que exigem maior planejamento. Tal diferenciação é considerada de grande importância

para o autor, permitindo a compreensão da “natureza complexa e sutil do enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 282).

O processo de elaboração de diferentes enunciados possui algumas particularidades. Os gêneros do discurso primário, por exemplo, passam por um processo bem simples, não exigindo um planejamento prévio nem um preparo por parte do enunciador, uma vez que são usados na “comunicação verbal espontânea”, como diz Bakhtin (2000, p. 281), ou na “imediatez”, conforme a explanação de Schneuwly & Dolz (2004, p. 31), predominando nos usos orais da língua. Trata-se, portanto, de gêneros em que há a dominância de relações espontâneas, cotidianas e imediatas.

Por outro lado, ao tratar-se dos gêneros do discurso secundário, teremos enunciados que exigem um preparo verbal de seu autor: são elaborados para comunicação cultural mais complexa, com um predomínio de relações formais, mediadas, principalmente, pela leitura e pela escrita.

Atendo-se a essa explanação, Bronckart explica que os “discursos primários têm uma estrutura que é dependente das ações não verbais às quais se articulam” (BRONCKART, 2003, p. 60). Ou seja, a linguagem não verbal, incluindo gestos e comportamentos do enunciador durante a realização de seus enunciados, tende a auxiliar o interlocutor durante a interpretação. Bakhtin também já assinalava isso ao dizer que “a comunicação verbal é acompanhada por atos sociais de caráter não verbal, dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 124).

Partindo dessa diferenciação de Bakhtin, Schneuwly & Dolz (2004) apresentam características próprias de cada uma dessas esferas de utilização da língua. Segundo eles, os gêneros primários nascem na troca verbal espontânea, aplicando-se a uma situação à qual o enunciador está ligado de maneira quase indissociável. Já os gêneros secundários não estão mais ligados de maneira imediata a uma situação de comunicação; sua forma é uma construção complexa de vários gêneros cotidianos, não sendo mais o resultando da esfera de experiências pessoais do enunciador, mas de um mundo mais complexo.

Em síntese, Schneuwly & Dolz explicam que

[...] a gestão eficaz dos gêneros secundários pressupõe a existência e a construção de um aparelho psíquico de produção de linguagem que não funciona mais na imediatez, mas que pode se basear na gestão de diferentes níveis, relativamente autônomos [...]. Isso significa a existência de níveis de decisão, de operações discursivas transversais

em relação aos gêneros (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 31 - 32).

Em outras palavras, os gêneros secundários não são mais o resultado de modelos espontâneos, assim como os gêneros primários, mas de modelos construídos socialmente, fruto do desenvolvimento do enunciador. A escolha de um ou de outro na interação verbal dependerá, diretamente, da situação de fala, ou seja, do ambiente social, do objetivo comunicativo e da pessoa com quem interagimos, o que influi, diretamente, na forma como moldamos nossos discursos. Segundo Bakhtin/Volochinov, durante a interação humana, a palavra é orientada em função do interlocutor para quem é dirigida, o que significa dizer que “variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se essa for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 112).

Nesse sentido, em uma esfera da atividade e da comunicação verbal informal, como a família ou um grupo de amigos, por exemplo, podemos empregar os enunciados pertencentes aos gêneros do discurso primário (mas isso não é regra), como no caso da produção de um bilhete pessoal, um diálogo informal, uma piada, entre outros. Por outro lado, quando se exige um comportamento formal, utilizamos os gêneros do discurso secundário, como no caso de uma aula expositiva, de uma comunicação científica, da escrita de um artigo científico, uma reportagem jornalística, um romance, entre outros.

Dessa forma, no conjunto dos gêneros secundários, há tanto discursos escritos quanto orais, como, também, gêneros transmitidos oralmente, porém, produzidos por meio da escrita, como é o caso de notícias veiculadas pela mídia televisiva. Durante seu processo de formação, esses gêneros passam por várias etapas, incluindo revisões, o que os caracteriza como discursos complexos. Há, até mesmo, casos em que gêneros primários se transformam em secundários, sendo incorporados por esses. Conforme Bakhtin,

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstância de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos discursos alheios. (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Com base nessa explanação de Bakhtin, compreendemos os gêneros primários como um meio pelo qual se formam os secundários. Schneuwly & Dolz (2004), compreendendo que os gêneros são instrumentos, caracterizam os primários enquanto instrumentos de criação dos secundários. Como exemplo desse processo de transmutação, temos o diálogo com a presença do locutor e do interlocutor em um mesmo contexto social: inserido em uma situação espontânea, trata-se de um gênero primário; por outro lado, inserido dentro de um romance, o mesmo perde suas características informais e passa a fazer parte de um gênero secundário.

Partindo das teorias de Bakhtin aqui apresentadas, bem como dos demais autores citados, entendemos que, mesmo existindo milhares de modelos de gêneros relativamente estáveis disponíveis para uso durante a interação verbal, há uma restrição para seu uso. Os fatores para a sua escolha são observados a partir da situação comunicativa, a qual determina gêneros do discurso secundário para relações sociais que envolvem um nível maior de formalidade e gêneros do discurso primário para situações com um nível menor de formalidade. Assim, quando analisamos um gênero, são essas as características que revelam sua natureza, uma vez que podem ser observadas, diretamente, na linguagem e na organização do discurso analisado.

No caso de nosso *corpus* de pesquisa, temos quatro cartas de amor das décadas de 1950 e 1960, ou seja, gêneros escritos com uma certa organização (alguns mais próximos da língua padrão, outros nem tanto). Consideramos estes como secundários. Sobre isso, porém, discutiremos de forma mais aprofundada no próximo capítulo. Primeiramente expomos o percurso metodológico de análise a ser seguido, definindo aquilo que Bakhtin chama de conteúdo temático, estilo e construção composicional.

2.4 PERCURSO METODOLÓGICO DE ANÁLISE DOS GÊNEROS

Ao discutir sobre os gêneros discursivos, Bakhtin apresenta três elementos principais que os constituem: “conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279). São elementos que devem ser considerados, segundo ele, em estudos da língua e, assim, na análise dos gêneros discursivos, haja vista que eles refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas em que são produzidos, incorporando os valores da necessidade temática, a seleção dos recursos linguísticos (como lexicais, fraseológicos, gramaticais e a organização dos enunciados

em função do gênero), os participantes e suas intenções/vontades no ato da interlocução. Esses elementos nos auxiliam a selecionar o gênero mais adequado a cada situação comunicativa.

Considerando tais aspectos, Baltar postula que os gêneros discursivos sempre se organizam dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística. Eles são, portanto:

[...] unidades triádicas relativamente estáveis, passíveis de serem divididas para fim de análise em unidade composicional, unidade temática e estilo, disponíveis num inventário de textos (arquitrato ou intertexto), criado historicamente pela prática social, com ocorrência nos mais variados ambientes discursivos, que os usuários e uma língua natural atualizam quando participam de uma atividade de linguagem, de acordo com o efeito de sentido que querem provocar nos seus interlocutores. (BALTAR, 2004, p.46-47).

Nesse sentido, para que um enunciado possa ser todo ele compreendido, é necessário considerarmos essas três características que o constituem, buscando identificá-las em estudos de gêneros discursivos, associadas ao contexto de produção, que nos dá pistas fundamentais para a recuperação de todo o conteúdo temático.

Como forma de abordar esses três elementos em estudos de gêneros discursivos, Bakhtin apresenta uma ordem metodológica a ser seguida. Segundo o autor, o estudo da língua deve levar em consideração:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que se constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica, que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 124).

Tal ordem é proposta por Bakhtin/Volochinov com a seguinte justificativa:

É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 124).

Relacionando esta ordem metodológica com a teoria dos gêneros discursivos, conforme já expomos no primeiro capítulo, quando versamos sobre o *corpus* de

pesquisa e as escolhas metodológicas, a sugestão de Bakhtin/Volochinov é que o primeiro ponto a ser analisado em um gênero discursivo seja o conteúdo temático, seguido da estrutura composicional e do estilo. A seguir, apresentamos cada um desses pontos detalhadamente. Compreendemos que o contexto de produção está dentro do conteúdo temático, entretanto, optamos por apresentá-lo separadamente, pois, na análise das cartas de amor, esse elemento será considerado, já que contextualizaremos a vida das pessoas envolvidas na sua produção e, depois, iniciamos a análise propriamente dita.

2.4.1 Contexto de produção

Como exposto anteriormente, Bakhtin considera que a interação verbal se realiza por meio de enunciados concretos, organizados em função do lugar onde estamos quando falamos/escrevemos, com quem interagimos e tendo em vista quais necessidades. Isso significa que nosso dizer está indissolivelmente ligado ao contexto em que foi produzido, responsável por vincular a língua à vida. Nas palavras do teórico:

[...] ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Brait e Melo, em uma releitura das teorias de Bakhtin, esclarecem que um enunciado só poderá ser compreendido se considerada a interação em que se deu, assim como todas as suas implicações. Um enunciado concreto é, portanto, segundo elas, “a forma como a enunciação se dá, formada por discursos que circulam socialmente, reiterando a integração constitutiva entre o plano verbal e os demais que lhe são constitutivos” (BRAIT & MELO, 2008, p. 77).

Daí se justifica a importância dada por Bakhtin e seu círculo ao contexto de produção de um gênero discursivo. As formas linguísticas de um enunciado permitem apenas a significação do que está dito. O contexto de produção, por outro lado, determina as condições reais de uma enunciação, permite a compreensão da situação social em que aquele enunciado foi produzido, determinando o objetivo e a atitude responsiva ativa do interlocutor.

Conforme postula Bakhtin/Volochinov: “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 113). Isso porque “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é o interior, mas o exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 121).

É devido a esse aspecto que cada enunciado por nós produzido é único e irrepetível. Nunca teremos duas situações de fala totalmente idênticas uma a outra. Um mesmo contexto de produção não se repete por completo, já que se trata, conforme Bakhtin/Volochinov, “de uma situação histórica imediata concreta” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 128).

O contexto de produção está, por assim dizer, ligado à história, à cultura, às ideologias e à identidade, permitindo, por meio de uma análise aprofundada de um gênero discursivo, a recuperação de todos esses aspectos, o que constitui o primeiro passo de análise de um gênero discursivo, segundo o proposto por Bakhtin/Volochinov (2004), quando se aborda o conteúdo temático.

2.4.2 Conteúdo Temático

Apesar de vinculado a um contexto de produção imediato, um enunciado nunca será concreto se não constitui uma enunciação, isto é, se não leva à compreensão. E, para que essa seja completa, precisamos conhecer seu conteúdo temático, pois, conforme Bakhtin/Volochinov, o tema “é um atributo apenas da enunciação completa” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 130).

Quando se fala em tema, corremos o risco de, facilmente, reduzi-lo à significação, ou seja, à interpretação do que está dito no texto e nada mais. Entretanto, para Bakhtin/Volochinov, esta é apenas o “estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 131). Em outras palavras, considerar apenas a significação é estudar os elementos estáveis de um texto, desconsiderando-se todo o restante.

Por outro lado, recuperar e analisar o conteúdo temático constitui, de acordo com o mesmo teórico, “o estágio superior real da capacidade de significar [...]; nesse

caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação completa” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 131).

Nessa perspectiva, o conteúdo temático pode ser compreendido como o assunto sobre o qual se fala, desde que vinculado à situação comunicativa em que foi criado, revelado, então, pelas formas linguísticas e pelos elementos não verbais da situação. Em outras palavras: estudar o conteúdo temático de um gênero significa extrapolar o que está dito no texto, relacionando a análise com o mundo real, localizando-o na história e definindo-o a partir de características culturais de uma época.

Segundo Baltar, o conteúdo temático é composto por informações explícita e implicitamente contidas nos textos, apresentadas pelas suas unidades proposicionais (ou semânticas). São, portanto,

[...] representações interiorizadas do agente produtor do texto. São conhecimentos que vão variar de acordo com suas experiências vividas, seus conhecimentos prévios de mundo, que estarão disponíveis em sua memória e que serão atualizados no momento da ação de linguagem. (BALTAR, 2004, p. 69).

O tema, portanto, é carregado de ideologias, apontando para conhecimentos de mundo, tanto do produtor quanto do interlocutor, visto que o conteúdo temático possui relação com a cultura dos envolvidos no ato de comunicação, que influenciará diretamente na escolha do tema. A análise de cartas de amor que desenvolveremos, nesse estudo, objetiva identificar, entre outros aspectos, representações que as remetentes revelam na sua produção, em função do destinatário.

2.4.3 Estrutura composicional

Seguindo a ordem das dimensões dos gêneros antes exposta, um outro elemento a ser analisado em um gênero discursivo é a estrutura composicional, abordando, então, a construção de um texto, o que permite reconhecê-lo como pertencente a determinado gênero, devido ao “tipo relativamente estável de enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Como os teóricos já citados neste estudo (BAKHTIN, 2000; MARCUSCHI, 2003; BRONCKART, 2003) concordam em afirmar que um gênero é definido não apenas por sua forma, mas, também, por suas características funcionais, a estrutura

composicional não deve ser desconsiderada e, muito menos, tomada como única referência durante a análise de um gênero discursivo.

Cada gênero possui, no entanto, regularidades organizacionais responsáveis por auxiliar no seu reconhecimento quanto ao léxico, à sintaxe, ao planejamento linguístico, ao tamanho do enunciado, à sua forma de exposição (local do título, da identificação do locutor e do interlocutor, da data em que foi produzido, dentre outros aspectos).

Além do citado, postulam que a tipologia textual de um gênero discursivo também faz parte de sua construção composicional. Enquanto os gêneros são compreendidos como modelos de enunciados realizados em textos, possibilitando a interação verbal, as tipologias textuais são as sequências de enunciados encontradas no interior desses textos, responsáveis por sua organização interna.

Frisamos que, para a análise da estrutura, buscamos aportes em Marcuschi (2003). De acordo com ele:

(a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela *natureza lingüística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

(b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, [...]*. (MARCUSCHI, 2003, p. 22-23).

Se, portanto, como aponta Bakhtin, “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável” (BAKHTIN, 2000, p. 279), o mesmo não se pode dizer das tipologias, que são em número de cinco: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção, conforme citado por Marcuschi. Isso se justifica porque, enquanto os gêneros do discurso são os diferentes tipos de enunciados, materializados em textos empíricos, por meio dos quais se interage, ou seja, formas verbais de ação social, os tipos de texto são as sequências linguísticas internas, organizadoras dos enunciados e, assim, somente designações teóricas.

De forma um pouco mais resumida, Marcuschi (2003) expõe que, enquanto para os tipos textuais predomina a identificação de sequências linguísticas típicas norteadoras, para a noção de gênero discursivo predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Em outras palavras, podemos dizer que os tipos de textos se realizam nos gêneros discursivos. Os textos materializados constituem os gêneros e suas sequências organizacionais, as tipologias.

Bronckart (2003) adota *tipos do discurso* ou *tipos discursivos* para referir-se à tipologia. Essa escolha é justificada porque, segundo o autor, as tipologias de texto consideram a produção verbal apenas no nível de seu produto linguístico, apoiando-se na concepção de que os seres humanos possuem uma competência textual inata e universal, somente uma extensão da competência gramatical primeira, incapaz de atribuir um estatuto à diversidade dos gêneros e da língua. Como ele defende a perspectiva interacionista sociodiscursiva, a linguagem possui uma dimensão sócio-histórica primeira da textualidade, não podendo, portanto, ser reduzida a um produto linguístico.

Dessa forma,

Qualquer que seja o gênero a que pertençam os textos, de fato, são constituídos segundo modalidades muito variáveis, por segmentos de estatutos diferentes (segmentos de exposição teórica, de relato, de diálogo) [...]. São segmentos constitutivos de um gênero que devem ser considerados como tipos linguísticos, isto é, como formas dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua. São formas correlatas à (ou reveladoras da) construção das coordenadas de mundos virtuais, radicalmente diferenciadas do mundo empírico dos agentes. Por isso, chamamos esses segmentos de **tipos de discurso**. (BRONCKART, 2003, p.138-139).

Concernentes às nomenclaturas e às concepções aqui explanadas, entendemos as tipologias textuais enquanto organizadores sintáticos e/ou lexicais das unidades que aparecem no interior dos gêneros discursivos (orais e escritos), como formas linguísticas identificáveis nos textos. Assim como os gêneros textuais, as tipologias também possuem algumas particularidades que as definem e as diferenciam entre si. Segundo Marcuschi,

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos

argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas (MARCUSCHI, 2003, p. 29).

Entretanto, na maioria dos casos, ocorrerão textos nos quais se realizam dois ou mais tipos textuais ao mesmo tempo, os quais aparecerão separados ou, mesmo, misturados. Trata-se de uma “heterogeneidade tipológica” (MARCUSCHI, 2003, p. 27) ou de uma “heterogeneidade composicional” (BRONCKART 2003, p.219). Dificilmente encontraremos um texto totalmente homogêneo, no qual haja somente descrição, narração ou argumentação, pois, no interior de um gênero discursivo, há a possibilidade de combinação de diferentes sequências discursivas.

Quando isso acontece, teremos a definição de um texto como narrativo, descritivo, injuntivo, argumentativo ou expositivo de acordo com a sequência tipológica predominante no interior de cada gênero discursivo. Segundo Marcuschi, “quando se nomeia um texto como ‘narrativo’, ‘descritivo’ ou ‘argumentativo’, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base” (MARCUSCHI, 2003, p. 27).

Considerando o exposto, trabalhamos, aqui, com a estrutura composicional abordando não apenas a forma (visual), mas também suas características funcionais (elementos constituintes do gênero discursivo), o que engloba, conforme postula Bakhtin, o “tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.)” (BAKHTIN, 2000, p. 284).

Mais adiante detalharemos essas características nas cartas de amor constituintes do *corpus*, mas, primeiro, apresentamos a definição de estilo, que, conforme a metodologia sugerida por Bakhtin/Volochinov (2004), seria o terceiro ponto de análise de um gênero discursivo.

2.4.4 Estilo

Bakhtin/Volochinov sugere que, após abordarmos o conteúdo temático e a estrutura composicional de um gênero, devemos considerar o estilo individual da pessoa que o produziu, uma vez que essas marcas subjetivas estão sempre presentes na língua, ora de forma bem recorrente, ora nem tanto, ou, outras vezes, simplesmente não aparecem, dependendo do gênero discursivo utilizado. Tal fato se justifica porque, como

já defendido, a língua é social, histórica e cultural e, segundo Brait, “deixa entrever singularidades, particularidades, sempre afetadas, alteradas, impregnadas pelas relações que as constituem” (BRAIT, 2008, p. 81).

Para compreender essa afirmação é, porém, necessário considerarmos que todo enunciado é individual, marcando o estilo de seu produtor. Conforme postula Bakhtin: “o enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera de comunicação verbal – [...] pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (BAKHTIN, 2000, p. 283). Isso implica compreendermos que a palavra é viva: “não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004 p. 202).

Dito de outra forma, o estilo é compreendido como a individualidade, a identidade de seu autor, sua visão de mundo, porém atravessado socialmente. Por ser assim, está ligado à cultura do local e da época em que foi produzido, ou seja, ao conteúdo temático. Nessa perspectiva, a língua, a cultura e a identidade são indissociáveis entre si. Seguindo as concepções bakhtinianas, a língua é representante e constituinte da realidade, identificada no estilo do autor.

Podemos, então, imaginar uma ponte entre as definições de cultura e de identidade. Cavalcanti postula que é a cultura que nos forma: sem cultura não haveria identidade e, conseqüentemente, estilo. Assim, toda e qualquer representação de estilo “está inserida primeiramente na língua(gem) e depois na cultura” (CAVALCANTI, 2001, p. 52), ou seja, as identidades/estilos, ao expressarem individualidades, expressam o meio em que são produzidos, pois a partir do meio, eles são criados.

Considerando a visão de Bakhtin em relação ao estilo, Brait esclarece:

[...] a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo. Essa concepção implica sujeito que instaura discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos. Assim, a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais ou verbo-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro. (BRAIT, 2008, p. 98).

A personalidade de uma pessoa pode ser justificada a partir do estudo dos valores culturais do grupo social a que pertence. Para Brait, assim “como a visão de

mundo estrutura e unifica o horizonte do homem, o estilo estrutura e unifica seu ambiente” (BRAIT, 2008, p. 88).

O que refletimos em nossa identidade, durante a interação verbal, são os reflexos das ideologias de cada cultura e a forma como estas fazem parte do nosso agir cotidiano. Bronckart defende que esses reflexos estão presentes em suas ações de linguagem:

Quando se engaja em uma ação de linguagem, o agente humano dispõe, inicialmente, como qualquer outra ação, de um conhecimento dos mundos representados; ele se apropriou, na interação social e verbal, dos conhecimentos relativos ao mundo objetivo, ao mundo social e ao mundo subjetivo, que são, entretanto, apenas versões pessoais e necessariamente parciais dessas coordenadas globais. (BRONCKART, 2003, p. 46).

A identidade, ligando-se ao estilo de um indivíduo, nunca será totalmente semelhante a de outro. Cada pessoa possui uma individualidade própria, composta, segundo Brait (2008), por idiossincrasias, ligando o homem ao seu mundo, por meio da interação verbal, isto é, da forma como cada um utiliza a linguagem na produção de gêneros discursivos.

Nesse sentido, Brait (2008) explica que, para Bakhtin e o Círculo, um enunciado, gênero, texto ou discurso é sempre participante de uma história, cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento.

Devemos frisar que, apesar de estarmos defendendo que o estilo do autor é refletido, por meio da língua, em um gênero discursivo, o interlocutor também tem papel determinante nesse estilo, pois, conforme Bakhtin,

[...] o papel dos outros, para os quais o enunciado se elabora, é muito importante. Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 320).

E, sendo assim, o estilo do produtor pode, dependendo da situação, condicionar-se ao estilo de seu interlocutor, já que o enunciado é moldado em relação a ele e ao contexto de produção. Nesse sentido, Brait chega a mencionar o “estilo confessional” (BRAIT, 2008, p. 84), quando se expressam avaliações sobre o que ou a quem se fala, ou seja, o interlocutor.

O conteúdo temático, a construção composicional e o estilo são elementos inseparáveis em um gênero discursivo. Estão interligados e, sendo todos considerados

em estudos da língua, permitem a enunciação completa de um enunciado. Considerando isso como forma de compreendermos o gênero discursivo cartas de amor, a análise que desenvolveremos segue as características propostas por Bakhtin.

2.5 GÊNERO CARTA

Apesar de ter se tornado, hoje, um gênero raramente utilizado para mediar a distância entre dois indivíduos e de parecer um gênero simples por ser, conforme as postulações de Bazerman (2006), tão abertamente ligada às relações sociais e a escritores particulares, a carta possui diversas características estruturais e funcionais que devem ser reconhecidas para, assim, compreendermos sua composição. O objetivo da presente seção é expor e refletir sobre tais aspectos, descrevendo, brevemente, nosso material de análise.

A complexidade do gênero carta já pode ser verificada nos diversos e diferentes modelos que o compõem, pois, para cada situação socioenunciativa que o envolve, novas características são apresentadas.

Para citar alguns desses modelos, recorremos a uma pesquisa de Souto Maior (2001). Com base no domínio discursivo de cada um deles, a autora os agrupa em diferentes nomeações. Ela postula que a carta, “independente do meio por que é enviada (correio, fax ou e-mail), faz parte de uma ‘constelação’ que agrupa diversos textos” (SOUTO MAIOR, 2001, p. 11), motivo pelo qual esse modelo de enunciado pode ser considerado enquanto “um gênero com subgêneros” (SOUTO MAIOR, 2001, p. 11). Por isso, necessita ser categorizado para podermos compreendê-lo.

Ao referir-se aos subgêneros, Souto Maior (2001) refere-se às variadas fórmulas assumidas pelo gênero em questão. Assim, cartas cujos domínios discursivos são comerciais são denominadas *cartas de resposta e de comunicado*; as de domínios instrucionais são *cartas de programa, circulares, respostas e de apresentação*; as jornalísticas são *cartas do leitor, do editor, aos leitores, aberta, propaganda, boas-vindas*; as jurídicas são as *cartas de intimação*; publicitários são *respostas, confirmações, agradecimento, pedido*; religiosas são as *cartas de convite ou de comunicado*; e as de saúde são *cartas de programa, de comunicado*.

Dentro dessa variação de subgêneros, Barbosa (1979) acrescenta, às correspondências pessoais, as cartas familiares e de amor, sendo esta última categoria citada o modelo constituinte de nosso *corpus* de pesquisa.

Alguns teóricos (MIRANDA, 2000; JIMÉNEZ, 2000) tratam as cartas pessoais, familiares e de amor sem qualquer distinção. Outros, porém, preferem a nomenclatura cartas familiares para referências àquelas trocadas entre pessoas da mesma família a que pertence o remetente, reservando a definição de cartas pessoais àquelas endereçadas a pessoas de outras famílias, como amigos. Nesse patamar, então, as cartas de amor seriam as trocadas entre namorados, amantes ou, simplesmente, pessoas que desejavam manter relacionamentos amorosos com o destinatário.

Barbosa apresenta uma breve descrição dessa categoria do gênero:

São muitas as pessoas que não conseguem levar para o papel [...] o toque do suave lirismo para expressarem com exatidão o que sentem. Claro que não se deve dirigir à pessoa amada com frases que denotem afetação ou pedantismo. A naturalidade tem de ser a principal virtude estilística [...]. Sendo espontânea e sincera, a carta de amor aproxima ainda mais os corações [...]. Embora seja usado o pronome *você* no tratamento comum das conversas, pode admitir-se nas cartas a segunda pessoa do singular (*tu*), servindo também de veículo de intimidade. (BARBOSA, 1979, p. 97).

Sob tal enfoque, caracterizada por uma certa intimidade entre remetente e destinatário, respeitando, entretanto, os costumes do grupo social a que pertencem, a carta de amor pode ser empregada como veículo de expressão dos sentimentos mais profundos, sejam eles causados pela dor de um amor não correspondido ou por uma paixão profunda e recíproca.

De forma geral, todos os subgêneros da carta podem possuir um mesmo objetivo, o qual é descrito por Bazerman:

Do seu amplo uso no mundo clássico, podemos ver como a carta, uma vez criada para mediar a distância entre dois indivíduos, fornece um espaço transacional aberto, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar – frequentemente de modo explícito – a relação entre os indivíduos e a natureza da transação corrente [...] a organização e as transações podem alcançar distâncias maiores, como também os laços sociais entre os indivíduos podem ser reforçados e até criados através de relações indiretas com outras pessoas. (BAZERMAN, 2006c, p. 87-88).

Bazerman compreende, assim, que o gênero carta não está totalmente esquecido, mas em constante evolução. Segundo ele, “as pessoas reconhecem cada vez

mais uma variedade de transações que pode ser realizada à distância através das cartas, seguindo modelos para cada tipo de transação” (BAZERMAN, 2006c, p. 88).

Devido a tantos modelos de um mesmo gênero, a carta apresenta uma enorme variação de destinatários, o que demonstra a extrema diversidade de objetivos comunicativos que podem ser alcançados por meio da sua seleção, uma vez que ela está presente nas mais variadas práticas sociais. Para citar alguns exemplos: cartas podem servir para informar ao destinatário notícias recentes; relatar passeios, viagens, férias; fazer pedidos de namoro; dar conselhos; pedir desculpas; enfim, manter relações com pessoas íntimas, expressando sentimentos ditados pelo coração de forma espontânea. Trata-se de uma característica da carta que, segundo Bazerman, permite revelar “clara e explicitamente a sociabilidade que faz parte de toda escrita” (BAZERMAN, 2006c, p. 99).

Para que o gênero em questão possa, de fato, mediar a interação entre dois indivíduos, existem alguns princípios básicos que devem ser cumpridos, os quais determinam seu contexto de produção. É o que Baumgärtner e Cruz (2009) destacam:

[...] é necessário que o produtor se assuma como locutor, numa relação interlocutiva [...]. Ao interagir com o outro através do gênero carta, o autor considera uma série de elementos contextuais:

- ele é alguém na sociedade;
- ele escreve para alguém;
- ele tem um objetivo;
- ele se constitui como sujeito de seu discurso e lança mão de estratégias para realizar o processo de interlocução;
- ele escolhe o gênero mais apropriado para atingir seus objetivos;
- ele escolhe o meio de divulgação. (BAUMGÄRTNER & CRUZ, 2009, p. 169-170).
-

Esses pontos retomam discussões feitas anteriormente, quando destacamos, em Bakhtin (2000), a existência obrigatória de um interlocutor para que um enunciado seja concreto e possa mediar a interação verbal entre dois indivíduos. É sobre essa pessoa, o mundo e si mesmo, que o escritor da carta agirá. Trata-se, assim, “de um modo de intervenção realizado através do uso da linguagem em seu registro escrito [...] o sujeito se compromete com sua palavra, e sua articulação individual se compromete com a esfera social em que está produzindo os discursos” (BAUMGÄRTNER & CRUZ, 2009, p. 171).

Por ser assim, a carta é um gênero discursivo que, propiciando a existência da enunciação, constitui-se em um meio de manter a interação social. De acordo com Silva,

“ela sempre será uma unidade aos olhos de quem abre o envelope: o ato de enviar uma carta e o fato de recebê-la já criam uma situação comunicativa: está feito o contato” (SILVA, 1995, p. 235).

Para Bakhtin/Volochinov (2004), isso se explica pelo fato de que uma relação dialógica não diz respeito apenas a duas pessoas interagindo face a face, mas a qualquer tipo de comunicação verbal, seja oral, seja escrita. Assim como qualquer outro gênero, a carta é um meio de expor visões de mundo e ideologias caracterizadoras da cultura, bem como valores pragmáticos reveladores do estilo e da identidade de quem as escreve e/ou recebe. É dessa forma que explicamos o fato de o conteúdo temático recuperar tais aspectos por meio da análise de um gênero discursivo, como expomos na análise do *corpus*.

Dito de outra forma, a carta pressupõe a existência de uma língua, uma cultura e uma identidade, elementos identificadores tanto do remetente, quanto do destinatário, o qual poderá, também, tornar-se um remetente caso responda à carta recebida.

Nesse aspecto teremos uma enorme variação nas formas de tratamento entre os interlocutores, o que dependerá, principalmente, da categoria de carta e da relação existente entre as pessoas envolvidas nesse processo.

No caso de cartas comerciais, institucionais, jornalísticas, jurídicas, publicitárias e religiosas, esse tratamento se dará de maneira formal, assim como o texto da carta. Já na correspondência pessoal, familiar e de amor, por destacar-se, de acordo com Barbosa (1979), por sua simplicidade, naturalidade e pelo assunto travado com a singeleza de quem trava uma conversa, o tratamento se dará de maneira informal e muito irregular.

Entre as expressões mais comuns, Jiménez (2000) aponta *tu* ou *você* aos mais íntimos, aos amigos e aos parentes e *senhor* ou *senhora* para os mais idosos, devido a uma hierarquia, na qual os menores se dirigem com respeito aos maiores e esses se dirigem com afeto àqueles. Nesse último tratamento citado, podemos incluir, também, o tratamento do aluno ao professor, ou do empregado ao patrão. Jiménez cita um exemplo de tratamento entre amigos:

Raramente encontramos o tratamento “amigo” em cabeçalhos de cartas que, realmente, vão dirigidas a um amigo, a quem se trata com o nome ou apelido. É claro que tudo depende do grau de amizade. É óbvio que tratarão como “você” ao amigo que conheceram em uma

festa, mas tratarão de *alterne*⁴ ao que foi com eles à festa (JIMÉNEZ, 2000).

Além disso, a carta ainda apresenta características de apresentação visual ou estrutural, características que podemos apresentar de maneira resumida. Conforme exposto por Barbosa (1979), os elementos básicos desse gênero são: endereço do remetente e do destinatário (no envelope, tratando-se de correspondência pessoal, familiar e de amor, e em locais específicos, tratando-se de seus outros modelos), o local e a data em que a mesma foi escrita (cabeçalho), um vocativo ou chamamento (saudação), o texto (desenvolvimento do/s assunto/s), a despedida e uma assinatura.

No caso das cartas pessoais e familiares, o locativo e a data aparecem em primeiro plano, à direita e, mais abaixo, à esquerda, vem o vocativo ou saudação, que varia segundo o grau de intimidade. Entenda-se, porém, que, apesar de existirem esses elementos, não podem ser vistos de forma estática, porque, segundo Bazerman, “essas variedades de cartas se tornaram fortemente tipificadas em organização e no uso de frases de expressão” (BAZERMAN, 2006c, p. 88). E Barbosa justifica essa tipificação: “podem fazer-se fórmulas para a correspondência social e comercial, mas não para aquela que não passa de amistosa conversa à distância” (BARBOSA, 1979, p. 34).

Assim, podemos, novamente, frisar que os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279) e não formas fixas que devem ser seguidas incondicionalmente. As cartas apresentam-se, em relação a outros enunciados, como modelos um pouco mais livres por permitirem uma variação no tipo de linguagem utilizada. Entretanto, qualquer gênero discursivo permite a inserção do estilo individual de seu autor, o que o diferencia de outros enunciados pertencentes ao mesmo gênero.

Ao buscarmos informações sobre a origem desse gênero discursivo, encontramos que o modelo de carta pessoal e familiar que hoje conhecemos surgiu a partir de outros. As características informais nem sempre estiveram presentes, uma vez que seus primeiros usos eram restritos ao ambiente formal.

Bazerman (2006), em um estudo sobre a base social da carta, explica que ela surgiu no Antigo Oriente Próximo e na Grécia com o objetivo de estender o domínio de autoridades, servindo como meio de divulgação de ordens, leis, códigos e proclamações, uma vez que os primeiros comandos escritos ao lado de outros assuntos de Estado –

⁴ A expressão “alterne” é traduzida para o português da seguinte forma: “relação ou trato social que consiste, geralmente, em beber e se divertir a noite em locais públicos” (SEÑAS, 2002, p. 67).

militares, administrativos ou políticos – foram feitos na forma de cartas. Essas eram entregues aos seus destinatários por mensageiros que representavam o emissor delas, mensageiros que deviam ler a mensagem em voz alta. Havia, portanto, a concretização de relações sociais realizadas à distância por meio da carta.

Ainda, segundo esse autor, a partir desses usos oficiais, as cartas foram se expandindo: dos mensageiros orais, surgiram os textos escritos, primeiramente em tijolos de argila, depois em tábuas de cera, papiro, e em documentos em papel – cartas, bilhetes, memorandos, ofícios, requerimentos e, finalmente, o e-mail. Conforme comenta Bazerman, durante esse processo, elas passaram a

[...] incluir expressões de preocupação pessoal e, posteriormente, mensagens particulares. A manutenção e ampliação dos laços sociais modificaram as relações estabelecidas através das cartas para além do formal e oficial em direção ao pessoal. Cartas pessoais familiares tornaram-se comuns entre todas as classes do mundo helênico e romano. (BAZERMAN, 2006c, p. 87).

Observamos, assim, uma rápida evolução sofrida pelos gêneros discursivos. Segundo Marcuschi (2003), isso ocorre porque, devido à evolução tecnológica, determinados gêneros deixam de responder às necessidades comunicativas de seus indivíduos. Todavia, quando surge um novo modelo de enunciado, isso não acontece sem uma ancoragem em outros já existentes. Um novo gênero sempre surge a partir da adaptação de outro em relação às necessidades comunicativas.

No caso da carta de amor, por exemplo, essa era, há algum tempo atrás, uma das únicas formas de comunicação entre pessoas enamoradas que se encontravam distantes. Hoje, porém, com a ampliação do acesso às linhas telefônicas e o crescente uso do computador, uma grande parcela da população mundial deixou de utilizá-la, apropriando-se de novos modelos de enunciados, como o e-mail, o telefonema, o *scrap*, entre outros.

Bazerman (2006) faz uma observação importante em relação a esse processo:

[...] as cartas desempenharam um papel no surgimento de gêneros distintos [...]. A carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo o que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções. (BAZERMAN, 2006c, p. 83).

Devido as características expostas, Bazerman (2006) cita três tipos de escrita que demonstram ter alguma conexão com a carta: o jornal, a revista científica e o romance. No processo de surgimento destes gêneros, ela teria atuado, então, como uma forma transitória, doando algumas de suas características, as quais foram se adaptando até termos novas amostras de enunciados capazes de responder às necessidades de interação verbal, tanto aquelas com função de informação quanto aquelas com função de reprodução das atividades sociais. Contudo, não é só a carta pessoal e familiar que está sofrendo mudanças, já que podemos citar ainda o telegrama, entre outros, os quais também estão deixando de ser utilizados.

Assim, as cartas foram criadas com o objetivo de divulgar ordens, leis, códigos e domínio de autoridades. Depois, sofreram algumas transformações, passando a serem utilizadas como um meio de comunicação informal, que teve, porém, seu uso reduzido por sofrer uma nova transformação, quando surgiram novos modelos de enunciados que, aos poucos, as estão substituindo.

Frisamos que, apesar da informalidade e da naturalidade que pode ser observada em algumas cartas, principalmente nas pertencentes aos modelos pessoal, familiar e de amor, não é aceita a compreensão de que se trata de textos simples e sem importância. Pelo contrário, são discursos ricos em relações sociais, uma vez que essa organização é um reflexo dos modos como interagimos verbalmente no nosso cotidiano.

Com base na discussão feita até então, passamos, agora, à análise das cartas, objetivando, portanto, mostrar como a teoria sobre a qual se discorreu até então se aplica, mais especificamente, aos textos empíricos (autênticos), selecionados como *corpus* de investigação: cartas de amor.

CAPÍTULO 3 – DA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA A ANÁLISE DO *CORPUS*

Nesse capítulo, com base nas teorias antes discutidas, apresentamos a análise das cartas de amor, destacando os três elementos composicionais do gênero discursivo: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Consideramos que um estudo da língua, sob o prisma proposto por Bakhtin (explorado nos capítulos anteriores), permite, além de explorar a construção composicional de um gênero discursivo, recuperar seu conteúdo temático e o estilo individual dos autores, ou seja, aspectos relacionados à cultura e à identidade dos participantes de cada ação social.

Para realizar a análise de forma clara e organizada, dividimos o capítulo da seguinte forma: iniciamos, na primeira seção, com uma apresentação detalhada do *corpus* selecionado para análise e de seu contexto de produção, descrevendo a relação existente entre os interlocutores das cartas, o conteúdo veiculado, bem como local e data de produção. Esclarecemos que, conforme exposto na metodologia, baseamo-nos em depoimentos obtidos junto a familiares das pessoas envolvidas.

O contexto de produção, apesar de fazer parte do conteúdo temático, é explorado em uma seção à parte, pois, para podermos contar a história dos interlocutores, nos baseamos em todas as cartas de amor enviadas por Gerda, Neusa, Eny e Auria (remetentes dos textos estudados) a Armando. Sendo assim, somente na segunda, terceira e quarta seções, quando discutiremos, respectivamente, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo dessas cartas, utilizaremos apenas aquelas selecionadas para compor nosso *corpus* de estudo.

Para facilitar a referência ao *corpus*, as cartas serão tratadas como Ct.1 (escrita por Gerda), Ct.2 (por Neusa), Ct.3 (por Eny) e Ct.4 (por Auria). Optamos, também, por apresentar os textos digitados de forma integral após sua apresentação. Além disso, fazemos recortes dos mesmos textos a cada trecho citado, transcrevendo-os, para exemplificação do assunto discutido. Todavia, para comprovar sua originalidade, as mesmas cartas se encontram anexas a este trabalho. As citações teóricas serão diferenciadas das citações de cartas pelas aspas que constarão nestas últimas.

3.1 CONTEXTUALIZANDO O *CORPUS*

Dentre as cartas de amor, temos quatro remetentes e apenas um destinatário: Armando. São cartas de quatro mulheres que, em datas diferentes, lhe escrevem na

tentativa de manter um relacionamento amoroso, sem saberem que o mesmo relacionamento nunca se transformaria em casamento, como era almejado por elas. Referimo-nos às seguintes pessoas: Gerda (Ct.1), Neusa (Ct.2), Eny (Ct.3) e Auria (Ct.4). Infelizmente não conseguimos recuperar as cartas que Armando lhes escreveu, as quais responderiam às que temos em mãos, por fazerem parte das enunciações iniciadas pelas cartas.

De cada uma das remetentes, com exceção de Auria, temos duas ou mais correspondências amorosas, das quais apenas uma foi selecionada para compor nosso *corpus*.

Sendo todas elas escritas entre os anos de 1953 e 1962, carregam muitos aspectos culturais que merecem ser analisados em comparação com a nossa cultura de hoje, uma vez que diferenciam muito. Em algumas cartas, a linguagem poética com que se escreve é encantadora e nos convida à leitura, impressionando-nos com a criatividade de escrita, com a forma de revelar o amor por meio de uma linguagem que chega a parecer poética. Escolhemos essas cartas porque pertencem à nossa família, já que foram escritas a nosso tio Armando, surgindo, daí, um interesse imenso em estudá-las. Ademais, revelam grandes amores, entretanto, nem sempre correspondidos e sinceros por parte do pretendente.

3.1.1 O romance com Gerda (Ct.1)

Das cartas que têm Armando como destinatário, as de Gerda são as mais antigas, tendo sido ela, senão sua primeira namorada, a primeira pessoa de quem ele guardou as correspondências a que tivemos acesso. De acordo com relato de seus familiares, os dois, ambos com idade entre 20 e 23 anos, se conheceram em uma festa na, então, comunidade rural de Fundo Alegre, pertencente ao município Augusto Pestana - RS, antiga Serra do Cadeado, que, segundo dados históricos, foi povoada, em 1901, por imigrantes alemães, vindos da Colônia Velha, uma região próxima a Augusto Pestana, no Estado do Rio Grande do Sul. Tanto Armando quanto Gerda eram de origem alemã e, portanto, falantes dessa língua que lhes era materna, tanto que alguns trechos da carta são produzidos em alemão:

*“Frage nicht was das Geschick morgen mag beschliessen
Univer ist der Augenblick, lass uns den geniessen!”* (Ct. escrita por Gerda em 15 de novembro de 1953).

“Aproveitemos o presente para vivermos pelo nosso amor, sem perguntar o que o futuro trará” (tradução/reescrita).

“*Gute nacht und vergiss nicht deine Gerda* (Ct. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953)

“Boa noite e não se esqueça da sua Gerda” (tradução/reescrita).

Gerda é autora de seis cartas endereçadas a Armando, as serão citadas para descrevermos a relação existente entre os dois. Elas obedecem a uma sequência cronológica, tendo sido escritas nas seguintes datas: 30 de outubro, 9 de novembro, 15 de novembro, 19 de novembro e 27 de novembro de 1953.

Gerda, pessoa muito bem instruída, professora dos anos iniciais na escola rural de Fundo Alegre, era conhecida por animar suas aulas, tocando uma gaita enquanto seus alunos a acompanhavam a música cantando. Tal conhecimento revela uma facilidade em trabalhar com a linguagem, produzindo textos muito bem elaborados, como o trecho abaixo pode exemplificar:

“Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos enviarei a ti.

Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus braços. Atirei-me toda ao sônho de estar ainda ao teu lado como nessa madrugada [...]” (Ct. escrita por Gerda em 9 de novembro de 1953).

É visível a linguagem poética produzida, por meio da qual Gerda revela um imenso sentimento de amor. Em outro recorte, o mesmo também é percebido:

“Espero que não demorarás com tua próxima visita, pois sabes que há um coração que quer a tua felicidade e que ansioso espera a tua chegada. E êste é o coração de tua Gerda” (Ct. escrita por Gerda em 30 de outubro de 1953).

A carta a que estamos nos referindo foi escrita a Armando em um dia que Gerda o esperava ver, mas imaginava que isso poderia não acontecer. Então, após pedir que lhe fosse fiel, ela revela o grande amor que sentia. O mesmo sentimento também parecia ser carregado por Armando, possibilitando-nos entender que suas cartinhas tinham enunciados amorosos. Um deles Gerda reproduziu em sua carta, conforme transcrito a seguir:

“Prometeste-me na última carta, tão querida, tua, que farias por mim tudo o que eu te pedia, desde que estivesse ao teu alcance” (Ct. escrito por Gerda em 15 de novembro de 1953).

Conforme informações retiradas dos relatos familiares, Gerda era evangélica luterana, filha de um pastor de Ijuí, e esse foi o motivo pelo qual o romance chegou ao fim, porque o pai de Armando não aceitava o fato de seu filho namorar uma jovem que não fosse não católica. Entretanto, antes do rompimento dessa relação, observamos, na leitura das cartas, alguns desentendimentos entre dois, porque, ao final do namoro com Gerda, Armando já possuía algum tipo de relação com Neusa, a segunda remetente das cartas. Neusa e Gerda se conheciam pelo fato de morarem em duas comunidades rurais próximas uma da outra e, provavelmente por esse motivo, as discussões se iniciaram. Assim, Gerda revela saber do risco que correria, caso Armando fosse à casa de Neusa:

“[...] A Neusa convidou-te para ires lá e tu talvez queiras falar-lhe algumas explicações. Porém, peço-te Armando, que não vás à casa dela. Tenho tanto medo de que eles te farão cair num ardil bem armado. Cuida-te desta gente! Amo-te demais e por isso não quero – não posso – perder-te por uma traição [...]” (Ct. escrita por Gerda em 30 de outubro de 1953).

Com essa carta já chegamos a duas conclusões: Gerda era muito apaixonada por Armando, mas ele, embora também gostasse dela, não lhe era totalmente fiel, pois mantinha contato com Neusa, também apaixonada por ele. A preocupação de Gerda é a de perdê-lo, implorando, portanto, que ele não vá à casa de Neusa. Prova da infidelidade de Armando pode ser obtida a partir da leitura do seguinte trecho de uma outra carta:

“[...] Porém, o mais triste foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! [...]. Estarás mesmo caçoando de mim? – Sei perfeitamente porque é que duvido das tuas palavras: tu mataste minha confiança no dia em que, - apesar de eu tanto te pedir que não o fizesse -, foste a casa da Neusa. Perdoa-me se volto a tocar no assunto, mas é preciso eu te diga tudo. E, se um dia eu souber que novamente procuraste a casa dela, ou dansaste um baile com ela, então me perdeste para sempre, pois saberei então que, tiveram fundamento as minhas dúvidas [...]” (Ct. escrita por Gerda em 9 de novembro de 1953).

No trecho transcrito, Gerda declara seu amor, demonstrando, ao mesmo tempo, estar muito magoada com seu amado, devido a suas atitudes infiéis, reveladas quando, apesar de pedir-lhe que não fosse, ele teria ido visitar Neusa. As palavras da

remetente são reveladoras de sua decepção e sofrimento, buscando, entretanto, um consolo, como podemos observar no recorte que se segue:

“[...] Chegou a minha vez de te pedir que não me faças sofrer injustamente. Não iludas meu coração por um simples passa-tempo ou para satisfazer a vontade de alguém que me odeia. Sê bonzinho, escreve-me uma palavra de consôlo; já que não queres mais voltar a visitar-me. Escreve-me muito para eu tenha uma pequena recompensa para a felicidade que me causaria tua presença [...]” (Ct escrita por Gerda em 9 de novembro de 1953).

Por meio das palavras, Gerda demonstra o quanto a presença de Armando a deixaria feliz e, se isso não fosse possível, uma carta já traria um pouco de alegria. A correspondência da qual estamos falando (do dia 9 de novembro de 1953) foi escrita quando os dois ainda namoravam, pois a remetente diz ter pensado, durante todo o dia, na noite que passaram juntos:

“[...] Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envôlta por teus fortes braços. Atirei-me tôda ao sonho de ainda estar ao teu lado como nesta madrugada [...]” (Ct. escrita por Gerda em 9 de novembro de 1953).

Dessa forma, sentindo uma solidão enorme, Gerda se lembra de uma canção já ouvida por ela. Sendo dedicada a Armando, ela é transcrita na carta e reescrita aqui:

“[...] Quando tu não estás, morre minha esperança;
Se tu te vais, vai minha ilusão,
Hoje, meu lamento, que confio ao vento,
É todo de dor! – Quando tu não estás!...

Mas... nasce a aurora resplandecente
Clara é a manhã, belo o rosal
Brilha a estrêla, canta a fonte,
Ri a vida, quando aqui tu estás!... [...]” (Ct. escrita por Gerda em 9 de novembro de 1953).

Fica evidente, então, a tristeza sentida por essa mulher, devido ao fato de estar distante de seu grande amor. Contudo, inferimos que Armando não carregava grandes sentimentos por ela, porque, se assim o fosse, não teria agido de forma contrária ao pedido de que não fosse visitar Neusa. Por isso, muito magoada, Gerda define-o da seguinte forma:

“[...] Vi em ti apenas um vil conquistador, alguém que tão somente tenta iludir o coração feminino, e ri-se quando o vê atirado, apaixonado aos seus pés [...]” (Ct. escrita por Gerda em 9 de novembro de 1953).

Todo esse sofrimento foi fundado na visita de Armando à Neusa, demonstrando, assim, um ódio entre elas, talvez pelo fato de gostarem do mesmo homem. Provavelmente foi por esse motivo que Gerda escreveu uma carta, culpando Armando por ter feito algo contado a ela por pessoas conhecedoras da relação entre os dois. Não há como sabermos exatamente o que estava escrito nessa carta, pois, arrependida por ter acreditado em palavras de desconhecidos, Gerda a queimou depois de muito pedir a Armando que lhe devolvesse a mesma:

“[...] compreendo que errei ao escrever-te aquilo que o pessoal aqui me disse. Esqueci-me de que estava falando com uma pessoa estranha [...]. Meu único amigo ou amiga, a quem conto tudo é o papel [...] e quando contei tudo ao papel queimo-o, as cinzas nada contam a ninguém e muito menos me compreendem mal. Mas, nestes dias, em vez de queimar aquelas linhas, enviei-as a ti, a única, a primeira pessoa a quem até hoje confiei um fragmento dos meus sagrados segredos que envolvem minha vida e juntei mais um pedacinho de outra suspeita e eis, que tu a interpretaste mal. Quando compreendi a tua interpretação eu tive de chorar [...]” (Ct. escrita por Gerda em 15 de novembro de 1953).

De acordo com esse trecho, essa carta era composta por comentários maldosos, infundados, causando desentendimentos entre os dois. Assim, por várias vezes, Gerda lhe implora a devolução da carta:

“[...] Peço te por tudo o que tem de mais sagrado no mundo, devolve-me aquela carta. Prometeste, na última carta, tão querida, tua, que farias por mim tudo o que eu te pedia, desde que estivesse ao teu alcance. E êste desejo podes satisfazer-me. Sê bonzinho e atende-me! Por que continuar com aquilo em suas mãos, se tanto sofrêste com o mesmo? [...] Magoei-te muito, e peço que me perdões, e que como prova de teu perdão me devolvas o que pedi [...]” (Ct. escrita por Gerda em 15 de novembro de 1953).

Ainda não atendida em seu pedido, quatro dias depois, pede novamente:

“Armando, sabes porque ainda não te mandei a fotografia? Em 1º plano ela está muito feia, mas isto não foi o motivo. Foi simplesmente porque esperava uma oportunidade de falar-te pessoalmente, quando queria obter de ti a promessa de que me devolveria aquela maldita carta. [...] Mandarei a fotografia, confiando que sábado, ou, então pelo menos na segunda eu terei de volta aquilo que te pedi. Se tu não me satisfazeres aquela, não sei Armando o que acontecerá [...]” (Ct. escrita por Gerda em 19 de novembro de 1953).

Gerda havia prometido uma foto sua a Armando, pois ele escreve cobrando-a sobre isso. Com medo de que a carta não fosse devolvida, ela diz preferir encontrá-lo

pessoalmente para entregar a referida foto. Entretanto, acaba decidindo enviá-la por correio, mostrando confiar em seu amado. Assim, consegue finalmente recuperar a carta.

Pondo fim no problema, no dia 27 de novembro de 1953 Gerda escreve a Armando afirmando ter queimado a carta, que, portanto, não mais representaria perigo algum:

“Felizmente a carta que uma vez te mandei e que talvez me compromettesse, embora não devia atingir a Neusa, mas sim a ti, não existe mais. Não faz mal que consentiste que pessoas estranhas a lessem. As chamas a tragaram. E as cinzas que espalhei ao vento não provarão que um dia ela existiu [...]” (Ct. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953).

Observamos a tranquilidade sentida por Gerda após a devolução daquelas palavras que tanto medo lhe causavam. Por outro lado, percebemos sua mágoa pelo final do romance entre os dois, final o qual, nessa data, já estava consolidado:

“Sentes-te muito magoado que, apesar de todas as tuas experiências, não te dei motivos seguros para terminarmos nossas relações. Não, meu amigo, desta vez não passarei de culpada do fim do nosso romance, embora como tal me queiras deixar” (Ct. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953).

No trecho citado, Gerda, acreditando que nada tinha feito para que seu namoro fosse rompido, afirma ser Armando o causador desse sofrimento, por ter ido visitar Neusa:

“Nunca pensei que fôsse tão mesquinho que desses ouvido aos infames linguarudos que lá vão contar-te asneiras. Mas muito menos esperei que fosses justamente tu à casa de Neusa inventar coisas que eu nunca disse. Quem seria, senão tu. Com nenhuma pessoa falei a respeito da menina. Cuida-te! Lembra-te o que me falaste na casa da tua tia. Posso um dia eu contar tudo à Neusa. [...]. E, graças a Deus, da minha boca não saiu palavras que prejudicasse a honra da Neusa, a qual pelo menos perante os olhos sempre tem sido minha amiga. [...] Bem, creio que estás perfeitamente inteirado do assunto. Domingo irei à festa, lá perto do [ilegível]. E tu? Bem, nem preciso perguntar. Sei onde vais levar novidades. Se tiveres algo a dizer-me estou a teu inteiro dispor” (Ct. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953).

Essa foi a última carta a que tivemos acesso. Não sabemos se outras ainda foram escritas por essa mesma pessoa, mas o trecho anterior nos permite afirmar que Armando havia deixado de namorar Gerda e já estava com Neusa. Ou seja, após Gerda

escrever uma carta com a qual Armando se sentiu ofendido, eles não mais trocaram correspondências amorosas.

Além disso, as formas de tratamento foram, aos poucos, tornando-se menos amorosas e mais amigáveis, passando de “Meu amor”, “Caro Armando”, “Meu benzinho adorado!” e “Meu Armando querido” (Cts. escritas por Gerda em 30 de outubro, 09, 15 e 19 de novembro de 1953, respectivamente) à, simplesmente, “Armando” (Ct. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953). Anunciavam-se, assim, desentendimentos que levariam ao final desse relacionamento.

Pouco tempo depois de terminar esse namoro, segundo relato de seu irmão, Armando foi morar na cidade de Augusto Pestana, onde sua família comprou um terreno em que funcionava uma rodoviária. Lá, ele vendia passagens e cuidava de um bar. Isso ocorreu em 1957, quando acreditamos, tenha iniciado seu vício com as bebidas alcoólicas, o que o levou a morte, ainda solteiro, no ano de 1996.

Como já frisamos acima, fizemos essa contextualização para a compreensão da carta a ser analisada, uma vez que não há como trabalhar os aspectos teóricos, anteriormente apresentados, em todas as cartas. Escolhemos, portanto, para fazer parte de nosso *corpus*, a segunda carta escrita por Gerda (9 de novembro de 1953), na qual, embora muito magoada, ela diz que ainda o ama e o quer. Doravante, portanto, essa carta passa a ser tratada como Ct.1 (Anexo 1).

Apesar de essa carta estar anexa ao trabalho, transcrevemo-la integralmente aqui, mantendo-a conforme escrita por Gerda:

9-11-53
Caro Armando!
Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos enviarei a ti.
Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus braços. Atirei-me toda ao sônhô de estar ainda ao teu lado como nessa madrugada. Mas tudo não passou de sonho, de ilusão. Porém, o mais triste para mim foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! Lembra-te, por certo, que te disse nesta noite, que tenho perdido toda a fé nos homens. E disto tive nova prova hoje. Vi em ti apenas um vil conquistador, alguém que tão somente tenta iludir o coração feminino, e ri-se quando o vê atirado, apaixonado aos seus pés. Porque Armando, diga-me porque preciso duvidar tanto de tua sinceridade? Estarás mesmo apenas caçoando de mim? – Sei perfeitamente porque é que duvido das tuas palavras: tu mataste minha confiança no dia em que, - apesar de eu tanto pedir que não o fizesses -, foste a casa da Neusa. Perdoa-me se volto a tocar no assunto, mas, é preciso que eu te diga tudo. E, se um dia eu souber que novamente procuraste a casa dela, ou dansaste um baile com ela, então me perdeste para sempre, pois saberei então que, tiveram fundamento as minhas dúvidas. Sómente terá a minha confiança aquele que souber conquista-

la.

Chegou a minha vez de te pedir que não me faças sofrer injustamente. Não iludas meu coração por um simples passa-tempo. Sê bonzinho, escreve-me uma palavra de consôlo; já que não queres mais voltar a visitar-me. Escreve-me para que eu tenha uma pequena recompensa para a felicidade que me causaria tua presença. Embora meu coração não queira compreender as razões que tu alegaste para a tua ausência, não quero insistir em que aqui venhas. Entretanto, minha boca repete soluçando a canção que uma vez ouvi e que parecem ter feito para ti, para quando tu aqui não estás... Ei-la:

Sozinha, na rota do meu destino
Sem o amparo de teu olhar
Sou como a ave que no caminho
Rompeu as cordas de seu cantar.
Quando tu não estás, a flôr não perfuma
Se tu vais, me envolve a bruma.
O campo, a fonte e as estrê-las
Perdem para minha sua sedução.

Quando tu não estás, morre minha esperança;
Se tu te vais, vai minha ilusão,
Hoje, meu lamento, que confio ao vento,
É todo de dor! – Quando tu não estás!...

Mas... nasce a aurora resplandecente
Clara é a manhã, belo o rosal
Brilha a estrêla, canta a fonte,
Ri a vida, quando aqui tu estás!...

Talvez algum dia tudo mudará e aqui voltarás para alegrar minha solidão.

Passaste bem o dia de hoje cortando trigo? Desejo-o! procura sempre alimentar-te bem para que não percas as forças para enfrentar o duro trabalho quotidiano.

Da mesma forma não desistas de instruir-te, quando tiveres alguma folguinha. A instrução vale mais que as riquezas que possamos alcançar. Nada mais belo do que um espírito enobrecido pela instrução. Quanto mais estudarmos, tanto maiores novidades encontraremos e tanto melhor compreendemos a razão de muitas coisas. Contudo, guarda sempre alguns minutos para mim, quando me contarás as novidades que tiveres encontrado e tudo o que te comove. Não cansarei em ler as linhas que tua mão querida para mim traçar.

Já está ficando tarde. Preciso terminar esta cartinha. Aceite mais estas linhas para despedida de hoje:

Meu sonho de amor és tu, vida minha,
Meu sonho de amor és tu, só tu.
Não quero pensar que talvez algum dia
Eu pudesse te perder,
Que tu te afastasses de mim...
Meu sonho de amor és tu, vida minha,
A doce ilusão que uma vez pressenti.
Tu és a paixão que eu levo dentro de mim.
Meu sonho de amor és tu, só tu.

Abraça-te mui carinhosamente

Gerda.

3.1.2 O romance com Neusa (Ct.2)

Além de comentários sobre Neusa nas cartas escritas por Gerda, outro motivo nos leva a inferir sobre o término do namoro entre Armando e Gerda, para que ele pudesse ficar com Neusa: são as datas em que as cartas foram escritas. As correspondências a que tivemos acesso foram trocadas com Gerda em 1953, e com Neusa a partir de 1955 (6 de setembro). E, na primeira carta dessa pessoa, já podemos perceber alguns desentendimentos entre os dois, sendo a mesma assim iniciada:

“Apesar de saber que tu não queres ler, uma carta escrita por mim mas hoje me vendo necessitada arrisquei-me, mas não precisa ter medo de lê-la, pois vai, porém, te aquilo que quero avizar-te” (Ct. escrita por Neusa em 6 de setembro de 1955).

Compreendendo que os dois, provavelmente, já estavam brigados, podemos supor que namoravam há algum tempo. Isso se comprova, também, porque, segundo relatos de familiares, eles ficaram juntos durante cinco anos e, em 1958, Armando já namorava Eny, outra remetente das cartas. Assim, é possível inferir que Armando e Neusa namoravam desde 1952, época em que Armando ainda estava com Gerda, pois, no dia 9 de novembro de 1956, Neusa envia um cartão a Armando (Anexo 2), marcando o quarto aniversário de namoro do casal, iniciado, portanto, no dia 9 de novembro de 1952.

Ainda segundo informações da família, Armando e Neusa se conheceram, também, na comunidade rural de Fundo Alegre, mas Neusa, diferente de Gerda, não era de origem alemã e, portanto, não sabia falar nessa língua. Ela era de descendência africana e, acreditamos, tenha sido esse um dos motivos para que o romance tenha chegado ao fim, ou seja, o pai de Armando não permitiu sua união com uma mulher “de cor”.

Entretanto, outro motivo também pode ser apontado: obtivemos informações na família de que, como Armando morava na cidade, Neusa ia, de charrete, visitá-lo na rodoviária onde trabalhava. Lá, ela se comportava como a dona do estabelecimento, pegando comida, bebidas e outras coisas para levar para casa. Essas atitudes não eram por necessidade, já que, embora Neusa tivesse origem em uma família humilde e muito grande, teve sempre uma vida abastada, isso porque foi adotada pelos padrinhos de batismo, que não tinham filhos. Desse modo, ela passou a ser a única herdeira, ficando, depois, com muitas terras. Logo, acreditamos que o fato de Armando não gostar dessas atitudes de Neusa tenha também levado ao final da relação.

Como já apontado, recuperamos três cartas escritas por Neusa a Armando, nas quais constam as seguintes datas: 6 de setembro de 1955, 21 de novembro de 1956 e 10 de março de 1957. A característica marcante das três é, em meio a pouquíssimas declarações de amor, a revelação do sofrimento de Neusa por ser desprezada ou estar brigada com Armando.

Na carta de 1955, ela apenas faz um convite para que ele compareça a um casamento de conhecidos seus, não se atrevendo a escrever declarações de amor por estarem com problemas na relação. Todavia, a forma de despedida, chama a atenção:

“[...] Abraça-te quem muito te quer e...
Neusa” (Ct. escrita por Neusa em 06 de setembro de 1955).

Ela afirma ainda o querer e as reticências nos permitem inferir que ela gostaria de ter escrito “te ama”. Assim, seu amor é revelado, entretanto, sem muita insistência, pois, no restante da carta, ela não produz enunciados amorosos. Em 1956, Neusa também escreve a Armando poucas palavras e, mais uma vez, para contar suas mágoas em relação às atitudes dele frente à morte do pai dela. Sua reclamação é pelo fato de ele não ter respeitado tal acontecimento, não ter lhe dado forças para enfrentar o momento e, dois dias depois, já ter frequentado bailes:

“[...] Deus chamou meu saudoso paizinho numa sexta-feira, quando foi domingo tu já foste num baile, e dali sempre; francamente só em pensar que meu querido pai era o braço forte de nosso namoro; já é grande para mim, e agora tu fazes esta; pare um pouco e reflita se isso não é triste [...]” (Ct. escrita por Neusa em 21 de novembro de 1956).

Nessas palavras, Neusa deixa claro que o namoro dos dois era permitido por sua família. Seu pai os apoiava, mas, mesmo assim, Armando não respeitou sua morte e, muito menos, a relação que tinha com Neusa. As mágoas reveladas por meio da carta são devido ao fato de Armando não a ter ajudado a superar essa perda. Apenas sua despedida deixa transparecer sua admiração por ele:

“[...] Sem mais, tua ad...
Neusa” (Ct. escrita por Neusa em 21 de novembro de 1956).

Essas duas formas de escrever distinguem-se daquela observada na última carta assinada por Neusa, quando ela tenta continuar um assunto iniciado pessoalmente:

“[...] Estando eu triste sem o que fazer, apesar de há poucos instantes tu ter saído daqui, mais como o tempo foi curto, vou continuar os assuntos por meio deste papel. Pois bem foi tão curta tua visitinha que

fiquei imaginando o viver; mas enfim consola-me, porque mais vale o pouco do que o nada. O padrinho que ficou muito discontente tu não esperar para almoçar, porque como amanhã era teus anos ele mandou nós se aprontar para se caso tu viesse, nós te apresentar algo regular na mesa; e tu veio e não quis almoçar, ele me falou, eu fiquei muito sem jeito quando ele me falou [...]” (Ct. escrita por Neusa em 10 de março de 1957).

Neusa fala a Armando sobre a alegria que sua visita lhe causa e, também, diz ter ficado muito magoada por essa ter sido muito curta. Isso demonstra que, mesmo pouco, os dois se encontravam pessoalmente, embora não tivessem muita privacidade para certos assuntos, visto que ela parece ter preferido discutir sobre a relação entre os dois por meio das cartas, como pode ser observado no seguinte recorte:

“[...] Meu bem! Nestes dias fiquei muito sentida, me contaram que tu cempre dançava varias pessas nos bailes com as Hichmann, para me fazer birra, ou seja, para ser o contra que eu te falava; e que cempre tu negavas a todo mundo nosso amor. Que tanta maldade te fiz eu para tu me fazer sofrer tanto? [...]” (Ct. escrita por Neusa em 10 de março de 1957).

Aqui, Neusa se refere ao fato de ele ter dito a outras pessoas que não queria nada com ela, não gostava dela. Nesse sentido, toda a carta se volta a descrever sua dor e implorar algum sentimento de Armando. Ela relata perceber, assim, que seu namorado tinha vergonha de acompanhá-la em público, negando seu amor:

“[...] Ai veio em minha memoria um baile que eu queria que tu fosse comigo na [incompreensível] quando João e dona Vina estavam aqui; e tu não quiz ir, e nos outros bailes dali uma semana foste, e não perde baile a parte nem uma. Quando me contaram esta, ai pensei á é verdade ele não quer me acompanhá em público, por isso ele não quis ir, esta sim foi grande, eu não esperava de receber tal coisa de teu bondoso coração, que eu te considero tanto aqui em casa, como em qualquer lugar, seja em vila, cidade, no meio dos meus parentes etc. [...]” (Ct. escrita por Neusa em 10 de março de 1957).

Armando parecia ter vergonha de namorar Neusa, visto que seus encontros resumiam-se a sua casa e, mesmo namorando, ele costumava sair sozinho. E, por isso, acreditamos que o final desse relacionamento tenha ocorrido por Neusa ser uma mulher morena.

Como Semprini, ao trabalhar com a imigração nos Estados Unidos, fala do racismo “gota de sangue” (SEMPRINI, 1999, p. 17), um processo de exclusão sofrido pelo indivíduo pelo simples fato de ser considerado negro quando era branco e tinha um bisavô negro, acreditamos que um tipo de racismo semelhante ocorreu no Brasil,

afetando, inclusive, o namoro entre Armando e Neusa. Devido ao fato de Neusa ser brasileira, de sobrenome Souza, e uma pessoa morena, inferimos que Armando, uma pessoa branca, descendente de alemães, tinha vergonha de estar com ela, ocultando-a em público.

Com esse sentimento de recusa, Neusa, então, descreve sua dor com as seguintes palavras:

“Obrigado a me amar, tu não és, mas a não me fazer sofrer tu és. Porque eu te considerando tanto e tu em público me ocultar, ou queres me fazer piraça, foi demais. Não sei como é que eu sou tão aperceguida dessa maneira. Francamente senti muito como essas; Olha meu coraçãozinho fosse te fazer uma coisa dessa para ver se tu não se sentia; ainda mais se fosse dum pessoa que tu considerava o rei do amor e a baldade em?!... [...]” (Ct. escrita por Neusa em 10 de março de 1957).

Em toda a carta ela faz uma reflexão sobre seu namoro com Armando e a forma com ele a tratava, pedindo-lhe justificativas por tal comportamento e por tanto magoá-la:

“[...] Faz um exame de consciencia, veja o que tu falaste desse modo ofensivo. Muitos e muito dias eu pegava na pena, e queria te escrever e não tinha força, meus olhos se enchiam de lágrimas e meu coração parece que se espedaçava de tanto sentimento [...]” (Ct. escrita por Neusa em 10 de março de 1957).

Ao olharmos para as formas de tratamento, essas também caminham para um final da relação entre os dois, pois na primeira e na segunda carta ela o trata como “Meu bem! Inesquecível Armando” (Ct. escrita por Neusa em 6 de setembro de 1955) e “Inesquecível adm. Armando” (Ct. escrita por Neusa em 21 de novembro de 1956), mostrando que não conseguia esquecê-lo e que o amava. Já na terceira carta, esse tratamento vai resumir-se a “Armando!” (Ct. escrita por Neusa em 10 de março de 1957), demonstrando, logo no início, seu descontentamento e sua frieza, provocados pelas suas atitudes.

A carta escrita em 10 de março de 1957 é a segunda selecionada para compor o *corpus* desta pesquisa e, portanto, nossa referência a ela é feita como Ct.2 (Anexo 3).

Eis o texto integral:

Benção dos Pampas. 10-3-57
Armando!
Estando eu triste sem o que fazer, apesar de há poucos instantes tu ter saído daqui, mais como o tempo foi curto, vou continuar os assuntos por meio deste papel.

Pois bem foi tão curta tua visitinha que fiquei imaginando o viver; mas enfim consolame, porque mais vale o pouco do que o nada. O padrinho que ficou muito discontente tu não esperar para almoçar, porque como amanhã era teus anos ele mandou nós se aprontar para se caso tu viesse, nós te apresentar algo regular na mesa; e tu veio e não quis almoçar, ele me falou, eu fiquei muito sem jeito quando ele me falou. Meu bem! Nestes dias fiquei muito sentida, me contaram que tu cempre dançava varias pessas nos bailes com as Hichmann, para me fazer birra, ou seja, para ser o contra que eu te falava; e que sempre tu negavas a todo mundo nosso amor. Que tanta maldade te fiz eu para tu me fazer sofrer tanto? Que tu não queria ser acompanhado comigo ao publico, e que nosso amor era negado em publico, quando as gorias te falam tu dizes eu não tenho nada com ela, e não gosto dela.

Ai veio em minha memoria um baile que eu queria que tu fosse comigo na [incompreensível] quando João e dona Vina estavam aqui; e tu não quiz ir, e nos outros bailes dali uma semana foste, e não perde baile a parte nem uma. Quando me contaram esta, ai pensei á é verdade ele não quer me acompanhar no público, por isso ele não quis ir, esta sim foi grande, eu não esperava de receber tal coisa de teu bondoso coração, sendo que eu te considero tanto aqui em casa, como em qualquer lugar, seja em vila, cidade, no meio dos meus parentes etc.

Obrigado a meu amar, tu não és, mas a não me fazer sofrer tu és. Porque eu te considerando tanto e tu em público me ocultar, ou queres me fazer piraça, foi demais. Não sei como é que eu sou tão aperceguida dessa maneira. Francamente senti muito como essas; Olha meu coraçãozinho fosse te fazer uma coisa dessa para ver se tu não se sentia; ainda mais se fosse duma pessoa que tu considerava o rei do amor e a baldade em?!... O que tu achas; Faz um exame de consciencia, veja o que tu falaste desse modo ofensivo. Muitos e muito dias eu pegava na pena, e queria te escrever e não tinha força, meus olhos se enchiam de lágrimas e meu coração parece que se espedaçava de tanto sentimento, de ser tão pouco considerada.

Contemplava a natureza e isto ainda me fazia sofrer mais ainda; me dava vontade de me sumir para bem longe num deserto para poder sofrer minha grande mágua no silêncio só em companhia dos pássaros da mata virgem.

Francamente não sei qual é o motivo do meu sofrimento; si sou merecedora, ou é porque não sou digna do teu amor; si é que tu não me acha digna para teu coração então me mande uma carta tua me mande esclarecer tudo bem direito, si não me amas; não me deixe sofrer tanto dessa maneira. Porque tu és a própria pessoa que eu tenho como testemunha, do tanto que eu te amo.

Porque ando tão solitária sem ter para quem me confessar minha grande magoa, e sem ter quem me console; tenho a te dizer quando tu juntou-me a teu peito por aquele afetuoso abraço, meu coração me perguntou a mim mesma está pessoa a quem tu tanto afeto transportou no momento sublime do abraço realmente te ama?... ou é como esses lambaceiros estão te enchendo sempre a cabeça... eu só respondi a mim mesmo eu de nada sei, só tenho a dizer que eu o amo como todo o meu ser, e me ser ainda é pequeno para abranjar todo o meu amor que eu possuo por ele. É triste a vida quando a gente não tem máxima certeza.....

Armando quando tu estiveres no leito para dormir, recorda-te de mim e te imagina o meu sofrimento a minha agonia, não sei o que fazer, as vezes quero estar sorindo mas não posso; e ainda as vezes alguém começa a me chatiar mas te digo quase nem posso responder. Uma noite eu deitei e não pude dormir quando dei pela coisa pelas minhas faces se rolava ardentes lagrimas: Nestes dias tive ótima oportunidade para ir para o Entre-Ijuí, isto é no lugar onde mora o dr. Pereira, mas agradei porque igual não tinha jeito para falar com as pessoas.

As vezes me esforço para rir para não dar demonstração da minha mágua. Tu me achas mesquinha; mas de absoluto não sou, sou simplesmente uma grande sofredora: sem ter para quem me confessar: si me confesso a ti meu sofrimento me achas mesquinha, mas para quando não sou. É apenas o capricho do amor que fez de tudo um pouco. “Sou uma grande escrava do sofrimento”. Hoje quando eu te vi, não posso explicar o meu contentamento a minha emoção, porque além de tudo fazia horas que eu não te vi; tudo isso ajudava na minha agonia. Peço-te uma grande favor que tu tire umas horinhas para me escrever sim?! Para poder melhorar um pouco a minha situação. Por meio desta, envio um forti daqueles de há poucos instantes à traz.

Adeus tua

3.1.3 O romance com Eny (Ct.3)

Se 1957 foi o último ano de namoro com Neusa. No início de 1958, Armando já trocava, conforme relatos de sua irmã, correspondências com Eny, também professora e de origem alemã, entretanto, moradora da cidade de Porto Alegre - RS, muito distante de Augusto Pestana, onde ele morava. Talvez devido a isso esse relacionamento tenha sido tão rápido. Somente duas cartas de Eny foram guardadas, não se sabe se apenas essas foram escritas ou se as demais se perderam com o tempo.

A primeira é de 4 de abril e a segunda de 1º de junho, ambas do ano de 1958. Eny não demonstra ser muito apaixonada por Armando, tratando-o apenas como “Meu pretendente Armando” e “Dileto Armado” (Cts. Escritas em 4 de abril e 1º de junho, respectivamente). No conteúdo das cartas também não há nada que revele o namoro entre os dois, a não ser por Eny afirmar que fala dele para sua mãe e agradecer por cartas antes recebidas:

“[...] Querido Armando! eu gostaria de receber uma foto tua, pois, a que tu me deste esqueci em casa, escrevi para Mamãe mandando pedir, mas não a encontrou. Sabes Armando que falo muito em ti para minha mãe que está aqui na C. Gaúcha e ela quer conhecer- te nem que seja através de fotografia [...]” (Ct. escrito pro Eny em 5 de abril de 1958).

Fica claro, dessa forma, que os dois já mantinham contato há algum tempo. Eny já tinha recebido uma foto de Armando, mas lhe pede outra por ter se mudado para Porto Alegre, onde objetivava dedicar-se mais aos estudos. Essa relação parece, no trecho transcrito, mais amigável do que amorosa. O mesmo se revela também na segunda carta, quando Eny escreve com uma linguagem mais poética:

“[...] Um último hino de imortalidade cruzou meu caminho, preenchendo-o com um extremoso toque de mágica beleza. E éste hino a que me refiro, trata-se de tua benevolente e benvinda carta. Na realidade, meu amigo, tua carta me ditou hosanas miraculosas na minha mente já entropecida pela desilusão da vida; e tua presença ainda que simplesmente n'uma carta, privou-em de alguns momentos de suprema e indesejável tristeza [...]” (Ct. escrita por Eny em 1º de junho de 1958).

Apesar de não deixar claro se os dois são ou não namorados, Eny exalta-se de alegria ao receber a carta de Armando, descrevendo esse sentimento. Por meio de dados

buscados com familiares de Armando, sabemos que os dois, mesmo que por um breve tempo, namoraram. Ela teria ido visitá-lo somente uma vez em Augusto Pestana, ou seja, o namoro foi muito curto. Eny é a remetente da terceira carta selecionada para o *corpus*, aquela escrita em 1º de junho de 1958, a Ct.3 (Anexo 4).

Nessa carta, seu objetivo principal é o de pedir a Armando que lhe envie uma foto, no entanto, ela demonstra ser conhecedora da vida particular de Armando e que os dois tinham o costume de se comunicarem por meio de cartas, como podemos observar nos seguinte recorte:

“Causou-me profunda tristeza ao verificar que não recebeste minha carta de 5 de abril do ano corrente. Atribuo que a mesma não chegou à tuas mãos por ter isso somente com um porte. Infelizmente quando remeto uma carta dessa forma, dificilmente *ceguam* a seu destino. Quero felicitar-te por teres sido bem sucedido nos negócios e pela entrada de um novo sócio aí. Não tens nada a me pedir desculpas pela caligrafia, pois, como vês, a minha é péssima [...]” (Ct. escrita por Eny em 1º de junho de 1958).

Era via cartas que Eny e Armando normalmente se comunicavam e, assim, ficavam a par de acontecimentos particulares um da vida do outro. Ao ler essa correspondência de que estamos falando, já percebemos que ele não era sincero com ela, pois, provavelmente tenha lhe dito não ter recebido a carta do dia 5 de junho de 1958, conforme Eny escreve, quando, na verdade, ele a tinha recebido, visto que, hoje, temos essa carta em mãos.

Talvez, por Armando não querer lhe responder, preferiu mentir, assegurando que a mesma não havia chegado até ele. Parece-nos, desse modo, que Armando não gostava de Eny o suficiente para ter um namoro sério ou, então, gostava dela, mas não tinha a vontade de se casar.

Segue a carta transcrita integralmente:

<p>Porto Alegre, 1º junho de 1958 Ao meu pretendente Armando</p> <p>um último hino de imortalidade cruzou hoje meu caminho, preechendo-o com um extrêmoso toque de mágica beleza; e este hino, a que me refiro, trata-se da tua benevolente e benvinda carta. na realidade, meu amigo, tua carta me ditou hosanas miraculosas na minha mente já entropçada pela desilusão da vida; e tua presença ainda que simplesmente n'uma carta, privou-em de alguns momentos de suprema e indesejável tristeza. Aos domingos e feriados, um dos meus maiores divertimentos é o cinema, já que se aproximam os meus exames terei que deticar-me um pouco mais ao estudo. Causou-me profunda tristeza ao verificar que não recebeste minha carta de 5 de abril do ano corrente. Atribuo que a mesma não chegou à tuas mãos por ter isso somente com um</p>
--

porte. Infelizmente quando remento uma carta dessa forma, dificilmente ceguem a seu destino.
Quero felicitar-te por teres sido bem sucedido nos negócios e pela entrada de um novo sócio aí.
Não tens nada a me pedir desculpas pela caligrafia, pois, como vês, a minha é péssima.
Gostaria imensamente de receber outra foto tua, a que tu me deste esqueci em casa e minha irmã (a que está aqui) têm imenso prazer em conhecer-te nem que seja através de uma foto!
Espero resposta o mais breve possível e envio cordiais saudações tua pretendente
Eny.

3.1.4 O romance com Auria (Ct.4)

Segundo relatos de sua irmã, Armando e Auria começaram a namorar em 1962, quatro anos após seu relacionamento com Eny. Entre esses dois romances, porém, sabemos que existiram outros, mas, por não termos cartas que os registraram, preferimos não os mencionar aqui.

Conforme afirmado por conhecedores dessa relação, Auria morava em uma comunidade rural pertencente a Ijuí - RS, não muito distante de Augusto Pestana, o que possibilitava, além da troca de correspondência, encontros entre os dois. A carta recuperada é datada de 29 de novembro de 1962.

Por estarem ainda no início do namoro, tal carta também não revela uma grande paixão entre os dois, mas mostra não ser a primeira trocada entre eles, pois o assunto sobre o qual estão tratando é a continuação de uma conversa antes já iniciada:

“Espero que tu estejas normal do rosto quando estas linhas chegarem em tuas mãos. Tu deves estar bem chateado com mim, por eu querer que você sorrisse, querido sabe que eu já paguei bem caro o que fiz para ti. Eu te falei naquela bolha que estava saindo em meus lábios; pois ela abriu e por onde escorreu aquela água virou em ferida e não pude sorrir até ontem [...]” (Ct. escrita por Auria em 29 de novembro de 1962).

Ao falar sobre o rosto de Armando, Auria se refere a uma paralisia facial, devido a um choque térmico que fez com que sua boca ficasse torta, mas foi um problema logo resolvido. Além de correspondências, os contatos também eram realizados por telefonemas e por encontros:

“Querido, você falou que iria telefonar sábado, se tu escreveu marcando hora, não vá desanimar, pode telefonar que, se eu não posso ir atender, pedirei para a mãe ir no meu lugar [...]” (Ct. escrita por Auria em 29 de novembro de 1962).

A partir da leitura desse trecho, percebemos que essa relação era conhecida pela família de Auria, prova de que ela esperava que pudessem se casar, caso contrário não lhe diria que, se ela não pudesse ir à vila atender ao telefone, sua mãe iria em seu lugar.

Ademais, os dois ainda se encontravam pessoalmente algumas vezes:

“Nossos planos para domingo já forma por água abaixo, eu não poderei ir, eu estava tão feliz por ir lá na festa [...]. eu terei que ficar aqui pensando muitas coisas e com ciúmes de você, porque lá não falta gorias, e gorias muito espertas [...]. Um abraço saudoso daquela que muito te quer, Auria. Até um outro dia, se você puder vir aqui venha ficarei contente” (Ct. escrita por Auria em 29 de novembro de 1962).

No trecho citado, Auria pede desculpas a Armando por não poder comparecer à festa, conforme haviam combinado. Demonstra, ainda, gostar muito dele ao alegar que ficaria com ciúmes só de pensar que ele poderia dançar com outras “gorias” na festa. São fatos reveladores do namoro entre os dois e, ainda, de que a família de Armando sabia da relação, pois Auria lhe pede que mande lembranças aos familiares dele.

Armando e Auria namoraram, ainda de acordo com informações de sua irmã, durante dois anos e o namoro teve de ser interrompido quando, em 1964, junto com sua família, Armando foi morar em São José do Cedro, no Estado de Santa Catarina.

A carta acima contextualizada passa a ser tratada como Ct.4, escrita por Auria em 29 de novembro de 1962 (Anexo 5), completando as quatro cartas pessoais que nos propomos a analisar.

A seguir, apresentamos sua transcrição:

P.A.P Ijuí 29-11-62

Querido Armando

Espero que tu estejas normal do rosto quando estas linhas chegarem em tuas mãos.

Tu deves estar bem chateado com migo, por eu querer que você sorrisse, querido sabe que eu já pagei bem caro o que fiz para ti.

Eu te falei naquela bolha que estava saindo em meus lábios; pois ela abriu e por onde correu aquela água virou em ferida e não pude sorrir até ontem;

Querido tu acertou quando disse que não fazia planos adiantados, porque não daria certo.

Nossos planos para domingo já foram por água abaixo, eu não poderei ir, eu estava tão feliz por ir para lá na festa.

O motivo de eu não ir é por que adoeci esta madrugada me acordei numa ancia de vomito que era triste, e assim passei até as 9 horas, agora estou um pouco melhor mas com uma tremeadeira sem fim e quando começo a caminhar um pouquinho tudo escurece e fico mal, a minha sorte é que eu não tenho febre.

A Tereza esteve aqui em minha casa hoje pela manhã, e disse que iria domingo na

festa e Neiva e a Nerly todas irão, só eu terei que ficar aqui pensando muitas coisas e com ciúmes de você, porque lá não falta gorias, e gorias muito espertas.

Querido, você falou que ira telefonar sabádo, se tu escreveu marcando hora, não vai desanimar, pode telefonar que, se eu não posso ir atender, pedirei para a mãe ir no meu lugar.

Querido eu tenho uma nova para contar para ti, sabe a justiça divina não falha, não é sobre nós, é sobre alguém que esteve por aqui e já foi embora.

Um abraço saudoso daquela que muito te quer Auria. A até um outro dia, se você puder vir aqui venha ficarei contente.

Desculpe não poder ir na festa.

Lembranças a todos de tua família.

A linguagem observada nessa carta, bem como nas demais já contextualizadas, é um aspecto que merece destaque por ser reveladora de sentimentos verdadeiros, apresentando marcas do cotidiano. Em relação ao conteúdo temático e estilo, elas trazem muitas informações sobre costumes, valores e forma de vida das pessoas que fizeram parte do evento e do contexto em que foram escritas, permitindo uma compreensão aprofundada do gênero discursivo carta de amor enquanto forma e, também, função social. Sobre esses aspectos discutiremos, de forma mais detalhada, nas próximas sessões, iniciando com o estudo do conteúdo temático.

Antes, porém, é pertinente relacionarmos, rapidamente, as cartas que compõem nosso *corpus* de pesquisa. São elas:

<i>Corpus</i>	Remetente	Destinatário	Data de produção	Assunto
Ct.1	Gerda	Armando	9/11/1953	Namoro/decepção
Ct.2	Neusa	Armando	10/3/1957	Namoro/decepção
Ct.3	Eny	Armando	1º/6/1958	Namoro
Ct.4	Auria	Armando	29/11/1962	Namoro

Quadro 3 – Descrição do *corpus* de pesquisa

3.2 CONTEÚDO TEMÁTICO: ALGUNS ÍNDICES SOCIAIS DE VALORES

Quando falamos em conteúdo temático, temos uma linguagem relacionada ao seu contexto de produção, criada a partir de uma cultura, de uma identidade, de uma necessidade de dizer, motivo pelo qual não podemos separá-los. Nosso objetivo, nesta seção, é abordar esse elemento nos textos constituintes de nosso *corpus*, revelado por meio dos signos sociais e ideológicos, situando as cartas de amor na história, nas ideologias de um grupo social, reveladoras de sua cultura.

Partimos do já frisado no capítulo anterior: as cartas de amor constituem-se em gêneros discursivos que permitem a recuperação de aspectos linguísticos, culturais e identitários, representando uma visão de mundo. Isso assim é porque, citando Meurer, ao produzirmos um enunciado, “criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais e identitárias” (MEURER, 2002, p. 28).

Em outras palavras, um enunciado carrega muito mais do desejado. Além do tema e das intenções, ele acaba por representar seu meio social de produção, bem como as visões em relação a esse meio. Trata-se de algo que acontece em grande parte dos gêneros discursivos, entretanto, nem sempre com a mesma intensidade da carta de amor.

O conteúdo temático, como já destacado, não pode ser reduzido apenas à significação, visto tratar-se do tema vinculado ao seu contexto de produção. Para a enunciação de um gênero discursivo, é ele um dos elementos fundamentais a ser analisado, de forma a compreendermos o que está escrito e por que foi escrito (objetivo), isto é, as ideologias representantes da cultura de um grupo social, responsáveis por embutir em indivíduos determinadas visões de mundo.

Para compreendê-lo, alguns elementos contextuais necessitam ser conhecidos. Conforme já citado em Baumgärtner e Cruz, são eles:

- ele [o produtor do enunciado] é alguém na sociedade;
- ele escreve para alguém;
- ele tem um objetivo;
- ele se constitui como sujeito de seu discurso e lança mão de estratégias para realizar o processo de interlocução;
- ele escolhe o gênero mais apropriado para atingir seus objetivos;
- ele escolhe o meio de divulgação (BAUMGÄRTNER & CRUZ, 2009, p. 169-170).

Tais princípios podem ser observados em nossas cartas, pois o remetente, um ser social, produz enunciados para interagir com alguém, podendo, assim, cumprir seus objetivos comunicativos, responsáveis pela escolha do gênero discursivo (a carta de amor no caso desse estudo).

A existência de um destinatário, ao tratar-se desse modelo de enunciado, pode ser, facilmente, perceptível por meio do uso de vocativos, de pronomes que o retomam e de verbos conjugados no modo imperativo:

“[...] Porque *Armando*, diga-me porque preciso duvidar tanto de tua sinceridade? Estarás mesmo caçando de mim? [...] Chegou a minha vez de *te* pedir que *não me faças* sofrer injustamente. *Não iludas* meu

coração por um simples passa-tempo. *Sê bonzinho, escreve-me* uma palavra de consôlo [...]” (Ct.1).

“[...] O que *tu* achas; *faz* um exame de consciência, veja o que *tu* falaste de mim desse modo ofensivo [...]. *Armando* quando *tu* estiveres no leito para dormir, *recorda-te* de mim e te *imagina* o meu sofrimento a minha agonia [...]” (Ct.2).

“[...] Ao meu pretendente *Armando* [...]. Na realidade meu *querido amigo*, *tua* carta que ditou hōsanas miraculosas em minha mente [...]” (Ct.3)

“[...] *Tu* deves estar chatiado com migo, por eu querer que *você* sorrisse [...]” (Ct.4)”

As palavras em destaque marcam a existência do destinatário. Desse modo, a carta é composta por enunciados constituintes de uma enunciação, por meio da qual ocorre a interação verbal, a produção de sentido e refração da realidade. Apesar de não constituir um diálogo no qual tanto o enunciador quanto o destinatário estejam presentes no mesmo contexto, há a concretização de um ato comunicativo indireto, portanto, uma reprodução de conversas espontâneas e pessoais.

Marcuschi trata esse gênero discursivo como um “ato de fala impressa” (MARCUSCHI, 2004, p. 103). Podemos retomar, mais uma vez, Bakhtin (2004) para reforçar essa afirmação. Para esse autor, uma relação dialógica diz respeito a qualquer tipo de comunicação verbal, seja oral, seja escrita, sem que o produtor do enunciado e o destinatário estejam, necessariamente, em um mesmo ambiente.

Nas cartas de amor, temos quatro remetentes: Gerda, Neusa, Eny e Auria. Em comum, elas possuem o destinatário (Armando) e a paixão que sentem por esse homem, definindo, de certa forma, o tema das cartas. Entretanto, os objetivos comunicativos diferem entre si, pois enquanto duas (Gerda e Neusa) lhe escrevem revelando a dor de um amor desrespeitado, outras (Eny) o fazem com os objetivos de lhe darem notícias suas e conseguirem uma fotografia de seu amado e a outra (Auria), para desculpar-se por desmarcar um compromisso. Há, no entanto, algo em comum entre elas: pretendem agir sobre Armando, comovendo-o a falar da dor e da saudade que sentem, esperando uma carta sua, fotografias, visitas ou, simplesmente, um namoro sério entre os dois.

Alguns recortes dessas cartas demonstram isso:

“[...] Não iludas meu coração por um simples passa-tempo ou para satisfazer a vontade de alguém que me odeia. *Sê bonzinho, escreve-me* uma palavra de consôlo; já que não queres mais voltar a visitar-

me. Escreve-me para que eu tenha uma pequena recompensa para a felicidade que me causaria tua presença. Embora meu coração não queira compreender as razões que tu alegaste para a tua ausência, não quero insistir em que aqui venhas [...]” (Ct.1)

“[...] Armando quando estiveres no leito para dormir, recorda-te de mim e te imaginas o meu sofrimento e a minha agonia, não sei o que fazer, as vezes eu quero estar sorindo mas não posso; e ainda as vezes alguém começa a me chatiar mas te digo quasi nem posso responder [...]” (Ct.2)

“[...] Gostaria imensamente de receber outra foto tua, a que tu me deste esqueci em casa e minha irmã (a que está aqui) têm imenso prazer em conhecer-te nem que seja através de uma fota! [...]” (Ct.3)

“[...] Nosso planos para domingo já foram por água abaixo, eu não poderei ir eu estava tão feliz por ir lá na festa [...]” (Ct.4)

Os trechos citados exemplificam que as remetentes escrevem diretamente a Armando, tentando agir sobre ele, um ser social que, caso lhes tivesse respondido, também teria um objetivo comunicativo a cumprir, passando a ser o produtor do enunciado e não mais o destinatário. Com essas cartas, Gerda e Neusa, principalmente, pretendem convencer a pessoa amada do amor que sentem e da vontade de estar com ele, resolvendo, então, os problemas e desentendimentos existentes na relação. Já Eny e Auria escrevem principalmente para manter um contato com Armando, demonstrando não haver nenhum problema no namoro.

Compreendemos, portanto, que as remetentes dessas cartas destinadas a Armando eram mulheres consideradas “sérias” à época, por desejarem que seus relacionamentos fossem reconhecidos por suas famílias. Esse é um aspecto revelador da cultura familiar da época: o desejo da aprovação de um relacionamento amoroso por parte de toda a família. Eny nos demonstra isso ao revelar querer mostrar uma foto de seu amado a sua mãe e irmã, e Auria, ao mandar lembranças a sua família.

Nessa perspectiva, como já destacado em Baltar, o conteúdo temático é composto por informações explicitamente e implicitamente contidas nos textos, ou seja, são:

[...] representações interiorizadas do agente produtor do texto. São conhecimentos que vão variar de acordo com suas experiências vividas, seus conhecimentos prévios de mundo, que estarão disponíveis em sua memória e que serão atualizados no momento da ação de linguagem. (BAL TAR, 2004, p. 69).

Em outras palavras, o conteúdo temático diz respeito a conhecimentos de mundo de seu produtor. Pensando nas cartas de amor, temos modelos de enunciados

caracterizados por conteúdos temáticos referentes a acontecimentos da vida pessoal do remetente e da pessoa a quem ele escreve, com revelações de experiências vividas pelo produtor desse gênero. É muito comum, além disso, uma discussão sobre a relação amorosa entre remetente e destinatário (no caso de nosso *corpus*).

Ao destacarmos intenções das remetentes das cartas de amor, temos outro princípio para a produção de enunciados: o produtor “tem um objetivo” (BAUMGÄRTNER & CRUZ, 2009, p. 169-170). Nesse ponto de vista, podemos citar, também, Marcuschi:

[...] não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas [...] todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum. (MARCUSCHI, 2008, p. 23).

O quadro a seguir apresenta esses elementos em nosso *corpus* de estudo:

Carta	Remetente	Destinatário	Objetivos	Estratégias	Gênero escolhido
Ct.1	Gerda	Armando	Descrição de seu sofrimento; pedido de consolo e de cartas.	Demonstração de seu amor por meio de uma linguagem poética.	Carta de amor
Ct.2	Neusa	Armando	Descrição de seu sofrimento; pedido de um esclarecimento sobre a relação.	Demonstração da importância de Armando para si e de seu imenso amor por ele.	Carta de amor
Ct.3	Eny	Armando	Descrição de suas atividades; pedido de uma fotografia.	Descrição de sua felicidade ao receber a carta de Armando;	Carta de amor
Ct.4	Auria	Armando	Pedido de desculpas por desmarcar um compromisso; relatar sua doença.	Demonstração de seus ciúmes por Armando, revelando sua importância.	Carta de amor

Quadro 4 – Elementos contextuais do conteúdo temático no *corpus*

Considerando esses aspectos do conteúdo temático referente às cartas de amor constituintes do *corpus*, temos a seguinte compreensão: no momento da produção de qualquer gênero discursivo existe um produtor que, com um objetivo em mente, produz o discurso para um outro alguém, sobre quem pretende agir e, para isso, lança mão de algumas estratégias comunicativas para ajudarem nessa tarefa.

A identificação de tais elementos permite a recuperação do conteúdo temático do gênero em questão. Entretanto, não se trata de apenas isso, pois os mesmos

elementos ainda permitem uma compreensão do contexto em que foram produzidos, isto é, das ideologias responsáveis pela formação de valores, de crenças e de costumes. Trata-se da cultura de um grupo social.

Pelo número de cartas que conseguimos recuperar de cada um dos remetentes de nosso estudo, podemos inferir que a interação verbal via cartas sempre fez parte da cultura brasileira, porém, com o passar do tempo, seu uso foi sendo reduzido devido à evolução dos gêneros discursivos, conforme postulado por Marcuschi (2003) e Bazerman (2006), o que fez com que ela fosse sendo substituída por conversas ao telefone, fax, e-mail, *msn*, entre outros. Isso pode ser comprovado pelo fato de que, enquanto conseguimos duas ou mais correspondências de um mesmo remetente datadas dos anos de 1953 e 1957, dos anos de 1958 e 1962 essas foram reduzidas a, apenas, uma de cada pessoa.

Dessa forma, em relação à cultura de 1950, observamos o difícil acesso ao telefone, principalmente às pessoas habitantes da Zona Rural, visto que naquela época essa tecnologia já havia sido criada, mas, mesmo assim, muitas pessoas que moravam distantes entre si ainda se comunicavam por meio de cartas. Aos poucos, porém, as conversas ao telefone passam a substituir a interação verbal via cartas, o que se justifica pela diminuição da produção desse gênero discursivo já no final da década de 1950 e começo da década de 1960, conforme revelado por Auria ao combinar uma conversa ao telefone com Armando:

“Se você não marcou hora para o telefone, venha as 5 da tarde eu o espero” (Ct.4).

Quando se tratava da interação verbal entre namorados vizinhos um do outro, essa também se dava, em grande parte, por meio de cartas, pois eles tinham pouca ou nenhuma privacidade para se encontrarem sozinhos, diferenciando aquela época dos dias de hoje, quando essas conversas se dão, se não pessoalmente, por telefones, e-mails, *scraps*, entre outros. As cartas de Gerda (Ct.1) e de Neusa (Ct.2) nos revelam essa característica cultural, porque sabemos que os dois moravam em comunidades próximas uma a outra e, mesmo assim, era por meio de cartas que falavam sobre assuntos particulares.

Para que essas cartas chegassem ao seu destino, não era necessário o serviço dos correios como hoje, pois, de uma forma mais rápida, outras pessoas (ou o próprio remetente) as entregavam aos destinatários. Trata-se de uma característica cultural

revelada por Gerda (Ct.1) em sua carta, quando ela escreve que amigos de Armando ou ele próprio lhe entregavam as correspondências, como pode ser observado em um recorte da Ct.1:

“[...] Francamente Armando, eu ontem achei que tu não querias mais falar comigo, após me entregares a correspondência. Isto também verás da carta que ontem escrevi. Perguntei-te: É só isso que tens? E tu respondeste ‘Sim’ e viraste para falar com o Jaime. Que mais podia eu compreender do que não pretendias falar comigo? Desculpe-me, mas desta vez sou inocente. Porque não me disseste uma só palavra que me fizesse compreender de que tu querias ainda falar comigo? [...]” (Ct. escrita por Gerda em 20 de novembro de 1953).

Acreditamos que esse comportamento possa ser justificado no fato de que, naquela época, havia uma distância maior entre os apaixonados, os quais não tinham a privacidade e a intimidade hoje existente em nossa cultura. Isso era devido à ideologia de que a proximidade maior entre eles representaria um respeito menor, principalmente à honra da mulher.

Ademais, os recortes anteriores ainda revelam uma característica regional, própria do estado do Rio Grande do Sul, local em que elas foram escritas. Trata-se da forma como essas mulheres se dirigiam a Armando: sempre, pela segunda pessoa do singular (tu), demarcando uma relação de respeito e, ao mesmo tempo, íntima, característica pragmática delas, ou seja, um reflexo das ideologias e da cultura de uma época.

Desse modo, considerando a teoria exposta no capítulo anterior, entendemos que os signos sociais e ideológicos são responsáveis pela reflexão e refração da realidade. Podemos, inclusive, retomar a seguinte citação de Marcuschi:

“[...] a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala. (MARCUSCHI, 2007, p. 35).

Apenas por meio de práticas sociais realizadas pela linguagem a realidade passa a existir. Assim, através da leitura dessas cartas, temos uma visão da cultura da época em que essas cartas foram escritas. Ao fazer isso, tentamos traçar uma comparação entre aquela e a nossa cultura, definindo aqueles grupos culturais e, assim, diferenciando-os do nosso, pois é a cultura que define um grupo social, demarcando

“seu próprio estilo cultural pela apropriação de itens dos acervos comuns, juntado-os em um sistema com um novo sentido” (BURKE, 2000, p. 259).

Por meio da leitura da carta de Neusa podemos ainda destacar outra característica cultural daqueles anos. É o uso de penas na escrita de cartas:

“[...] Muitas e muitas vezes eu pegava na pena, e queria te escrever e não tinha forças, meus olhos se enchiam de lágrimas [...]” (Ct..2)

Era pena de ave (geralmente de pato ou de ganso) que substituí a caneta hoje utilizada. Sua ponta, devidamente aparada, era imersa em um pouco de tinta para tornar possível a escrita: era um processo de imersão que se repetia até quando tudo fosse colocado no papel. Isso resultava em uma escrita mais grossa, como podemos observamos em algumas cartas anexas.

Como destacado anteriormente, para Bakhtin/Volochinov (2004), a língua vive e evolui historicamente apenas por meio da interação verbal. Assim, ao percorrer esse percurso de análise, situando as cartas de amor na história, no contexto em que foram produzidas, sem deixar de lado o tema por elas veiculado e sua significação, estamos vinculando a língua à vida, pois:

[...] ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Falar do tema desenvolvido num texto significa recuperar o assunto nele tratado, sem perder de vista quem o produziu, com que finalidade, para quem, influenciado por qual contexto sócio-histórico-ideológico. É não perder de vista o contexto de produção que determina as formas do dizer.

Essa mesma preocupação deve transparecer em relação ao estilo do *corpus*. Antes disso, porém, discorreremos sobre a construção composicional do gênero carta de amor, uma vez que, seguindo as dimensões dos gêneros apresentada por Bakhtin, é ela o segundo elemento a ser considerado em estudos da língua.

3.3 A DIMENSÃO COMPOSICIONAL DO GÊNERO DISCURSIVO CARTA DE AMOR

Partimos, agora, para uma análise mais voltada ao estudo da estrutura composicional do gênero discursivo carta. De acordo com o exposto teoricamente, a carta é um gênero discursivo do qual derivam vários subgêneros (familiar e pessoal / de amor, comercial, institucional, do leitor, etc.) e, como estudar todos eles em sua íntegra não seria possível, nosso trabalho focaliza, especificamente, as de amor, as quais dão ao seu produtor uma liberdade maior, tanto em relação à estrutura quanto à linguagem utilizada. É sobre esse modelo de enunciado que apresentamos a estrutura do gênero.

Se Lima-Lopes afirma: “cada gênero carrega formas lexicais e sintáticas próprias, ligadas aos conteúdos informativos de cada um deles” (LIMA-LOPES, 1999, p. 384), podemos reconhecer a carta de amor como um gênero discursivo com marcas que lhe são próprias. Ela possui uma estrutura composicional que a identifica, apesar de não ser tão rígida quanto é em alguns gêneros e, mesmo, em seus subgêneros, como a carta comercial, por exemplo. Isso se justifica, como já destacado, em Bazerman, pois, segundo ele, “essas variedades de cartas se tornaram fortemente tipificadas em organização e no uso de frases de expressão” (BAZERMAN, 2006c, p. 88).

Enquanto elementos básicos de apresentação visual de uma carta, Barbosa (1979) apontou os seguintes: endereço do remetente e do destinatário (envelope), o local e a data em que ela foi escrita (cabeçalho), o vocativo ou chamamento (saudação), o texto (desenvolvimento do/s assunto/s), a despedida e a assinatura. São elementos que encontraremos (ou não) em todas as cartas de amor, pois tais informações são apresentadas (ou não) em função do interlocutor, como podemos observar no Quadro 5:

Carta	Endereços	Local	Data	Vocativo	Despedida	Assinatura
Ct.1	Não consta (não temos o envelope)	Não consta	19-11-53	Caro Querido!	Abraça-te mui carinhosamente	Gerda
Ct.2	Não consta (não temos o envelope)	Rincão dos Pampas	10-3-57	Armando!	Adeus	Tua Neusa M. de Souza
Ct.3	Não consta (não temos o envelope)	Pôrto Alegre	1º junho de 1958	Ao meu pretendente Armando	Tua pretendente	Eny
Ct.4	Não consta (não temos o envelope)	Ijuí	29-11-62	Querido Armando	Um abraço saudoso daquela que muito te quer	Auria

Quadro 5 – Elementos composicionais das cartas de amor no *corpus*

Como no caso das cartas que estamos analisando, os endereços de remetente e destinatário são, normalmente, colocados no envelope das correspondências, não os citamos aqui, porque não tivemos acesso aos mesmos. Observamos, no quadro, que há

uma enorme variação na forma como aparece cada um dos elementos estruturais no *corpus*, sendo que alguns nem são colocados, o que se justifica por não ser um gênero totalmente formal e por apresentar, de maneira mais evidente, o estilo de quem o produz.

Nessa perspectiva retomamos em Bakhtin a relatividade que compõe os modelos de enunciados, quando os trata por “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2000, p. 279), quer dizer, com características próprias, porém, possíveis de serem moldados pelo produtor conforme a esfera de comunicação. Por isso, no caso da carta, Barbosa afirma que “podem fazer-se fórmulas para a correspondência social e comercial, mas não para aquela que não passa de amistosa conversa à distância” (BARBOSA, 1979, p. 34).

Um exemplo dessa liberdade de expressão é o lugar em que as cartas foram escritas, pois enquanto nas Ct.2, 3 e 4 o local é colocado no cabeçalho, seguindo a estrutura padrão, na Ct.1 a produtora não o menciona. A escrita da data também varia bastante, aparecendo ora de forma abreviada (Ct.1, 2 e 4), ora por extenso (Ct.3).

Os três últimos elementos (vocativo, despedida e assinatura) são os que mais se diferenciam, principalmente no que diz respeito à linguagem, já que o local onde aparecem segue a estrutura conhecida: vocativo logo após a data, despedida ao final do corpo do texto precedendo a assinatura. No caso do vocativo, presente no *corpus*, ora revela paixão, ora mágoa. Esse tratamento informal e irregular é justificado, segundo Barbosa (1979), porque, conforme citado no capítulo anterior, a carta de amor é caracterizada por uma simplicidade e naturalidade e pelo assunto tratado com a singeleza de quem trava uma conversa.

Essas formas de tratamento se refletem diretamente na despedida e na assinatura dos remetentes, nas quais o mesmo sentimento é revelado. Na Ct.1, devido à mágoa sentida, Gerda opta por demonstrar seu carinho por Armando, ao invés de seu amor (“Abraça-te mui carinhosamente”) e na Ct.2, pelo mesmo motivo, Neusa se despede com a expressão “Adeus”, dando a entender que o romance estava chegando ao fim. Nesse sentido, citamos, novamente, Bazerman, que destaca, em seus estudos, a possibilidade de a carta revelar a relação existente entre os participantes da situação comunicativa. De acordo com o autor,

As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar

– freqüentemente de modo explícito – a relação entre os indivíduos e a natureza da transação corrente. (BAZERMAN, 2006c, p. 87-88).

Outras expressões usadas para iniciar os textos desses enunciados podem também ser observadas em nosso *corpus* de pesquisa. Enquanto Barbosa (1979) destaca a carta de amor como um gênero carregado de sentimentos, no qual o toque do suave lirismo permite expressar, com exatidão, naturalidade, espontaneidade e sinceridade o que os remetentes sentem, aproximando ainda mais os corações, observamos que se trata de um gênero discursivo que possui distinções em seus textos. Algumas apresentam muitos sentimentos, outras nem tanto, dando ao remetente um poder maior de escolha sobre como ele irá iniciar a interação verbal com o seu destinatário.

É o que revelam os seguintes recortes:

“[...] Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sôbre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos, enviarei a ti [...]” (Ct.1)

“[...] Estando eu triste sem o que fazer, apesar de há poucos instantes ter saído daqui, mais como o tempo foi curto, vou continuar os assuntos por meio deste papel [...]” (Ct.2)

“[...] um último hino de imortalidade cruzou hoje meu caminho, preenchendo-o com um extrêmoso toque de mágica beleza; e este hino, a que me refiro, trata-se da tua benevolente e benvinda carta [...]” (Ct.3)

“[...] Espero que tu estejas normal do rosto quando estas linhas chegarem em tuas mãos [...]” (Ct.4)

Os trechos nos permitem essa compreensão, pois cada uma dessas mulheres, apaixonadas por Armando, inicia sua carta com uma linguagem que lhe é própria e, assim, distante de estruturas padrões. Desse modo, enquanto Gerda o faz com uma linguagem bem poética, detendo-se na descrição do ambiente a sua volta, Neusa e Eny parecem apresentar justificativas para as suas escritas, ou seja, o pouco tempo que tiveram para conversar pessoalmente (caso de Neusa) e o recebimento de uma carta de Armando que deveria ser respondida (caso de Eny). Isso demonstra que, diferentemente da primeira remetente, Neusa e Eny não tinham o hábito de escrever muitas cartas, fazendo isso apenas quando tinham algo importante a lhe dizer, além de declarações de amor, o que pode ser comprovado pela quantidade de cartas de cada uma dessas mulheres: seis de Gerda, apenas três de Neusa e duas de Eny.

Por outro lado, Auria, a remetente da Ct.4, detém-se em padrões estruturais. A expressão com que inicia seu texto parece constituir um modelo predefinido. Não tivemos, no entanto, acesso a outras de suas cartas (se é que existiram outras), para comprovarmos se esse tipo de escrita era um hábito de Auria ou se ocorreu somente numa correspondência.

Tais aspectos confirmam a visão de estudiosos acerca desse gênero discursivo: as cartas de amor (assim como as pessoais e familiares) são textos criados para mediar a distância entre dois indivíduos, os quais fornecem “um espaço transacional aberto, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes” (BAZERMAN, 2006c, p. 87). Dito de outro modo, são textos bastante móveis no que diz respeito a estrutura, linguagem e organização.

A carta é, assim, um gênero discursivo, já que, com uma estrutura responsável pela caracterização de seus enunciados, quem a escreve escreve-a para alguém e tem algum objetivo em mente, na tentativa de agir sobre esse alguém, utilizando, para isso, diferentes estratégias linguísticas. Trata-se de um meio de sustentação da interação verbal entre pessoas que se encontram em diferentes ambientes comunicativos.

Conforme destacamos em Silva: “ela sempre será uma unidade aos olhos de quem abre o envelope: o ato de enviar uma carta e o fato de recebê-la já criam uma situação comunicativa: está feito o contato” (SILVA, 1995, p. 235). Tal afirmação se sustenta em Bakhtin, que postula: para falar, “utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, ou seja, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2000, p. 301).

Ao falarmos em estratégias linguísticas, as tipologias textuais necessitam ser consideradas, pois realizam os objetivos comunicativos das remetentes das cartas de amor: narrar algum fato/acontecimento; defender uma ideia, posicionando-se argumentativamente; descrever lugares, pessoas, festas, etc.; explicar, expor algum conhecimento e/ou prescrever/ordenar/orientar ações. Retomando as discussões teóricas, as tipologias são sequências linguísticas organizadoras dos enunciados e, portanto, encontradas no interior dos textos. Nas palavras já citadas de Marcuschi, são “construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas” (MARCUSCHI, 2003, p. 23), como aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e tempos verbais.

Nas cartas do *corpus* é notável a variedade de sequências tipológicas que se intercalam nos enunciados, comprovando a existência de uma heterogeneidade

tipológica nos gêneros discursivos, apontada por Bronckart (2003) e Marcuschi (2003). Em outras palavras, em um texto é possível a combinação de diferentes tipos textuais.

Entretanto, entre elas, normalmente, ocorre a predominância de algumas em relação às outras. É o caso da narrativa e da descritiva, frequentemente utilizadas pelas remetentes das cartas aqui estudadas, em detrimento da injuntiva, argumentativa e expositiva.

Se Marcuschi (2003) caracteriza a tipologia narrativa como uma sequência temporal, observamos ser ela predominante nas cartas de amor de nosso *corpus*. São estratégias para a narração de acontecimentos da vida das remetentes e, também, da relação entre Armando e a remetente de cada uma das cartas que ele recebe, como os seguintes recortes mostram:

“[...] o mais triste para mim foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! Lembras-te, por certo, que te disse nesta noite, que eu tenho perdido toda a fé nos homens. E disto tive nova prova hoje. Vi em ti apenas um vil conquistador [...]” (Ct.1).

“[...] as vezes alguém começa a me chatiar mas te digo quase nem posso responder. Uma noite eu deitei e não pude dormir quando dei pela coisa pelas minhas faces se rolava ardentes lágrimas [...]” (Ct.2).

“[...] tua carta me ditou hosanas miraculosas na minha mente já entropescida pela desilusão da vida; e tua presença ainda que simplesmente n'uma carta, privou-em de alguns momentos de suprema e indesejável tristeza [...]” (Ct.3).

“[...] A Tereza esteve aqui em minha casa hoje pela manhã, e disse que iria domingo na festa e Neiva e a Nerly todas irão, só eu terei que ficar aqui pensando muitas coisas e com ciúmes de você, porque lá não falta gorias, e gorias muito espertas [...]” (Ct.3).

Destacamos apenas um recorte de cada carta, mas frisamos que são tipologias recorrentes no interior de cada carta, assim como a descrição. Para Marcuschi (2003), a descrição é marcada pelo predomínio de sequências de localização, ou seja, descrição do ambiente em que a remetente se encontra ao escrever a carta, de seus sentimentos e de comportamentos. Observemos essas estratégias em outros fragmentos:

“[...] Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus fortes braços. Atirei-me toda ao sonho de estar ainda ao teu lado como nessa madrugada [...]” (Ct.1).

“[...] Tu me achas mesquinha; mas de absoluto não sou, sou simplesmente uma grande sofredora: sem ter para quem me confessar: si me confesso a ti meu sofrimento me achas mesquinha, mas para quando não sou. É apenas o capricho do amor que fez de tudo um pouco. “Sou uma grande escrava do sofrimento [...]” (Ct.2).

“[...] tua carta me ditou hosanas miraculosas na minha mente já entropocida pela desilusão da vida; e tua presença ainda que simplesmente n'uma carta, privou-em de alguns momentos de suprema e indesejável tristeza [...]” (Ct.3).

“[...] porque lá não falta gorias, e gorias muito espertas [...]” (Ct.4).

Gerda utiliza a descrição para iniciar a escrita de sua carta descrevendo o anoitecer e, também, a vontade de estar ao lado de Armando, realizando suas “loucas ideias” (Ct.1). Já Neusa vê a descrição como uma forma de demonstrar todo o sofrimento que o comportamento de Armando lhe causa. Eny descreve a alegria causada pelo recebimento da carta de seu amado e Auria seus ciúmes por saber que ele irá a uma festa à qual ela não poderá comparecer.

Com menor frequência, nas Ct.1 e Ct.2, ocorrem sequências argumentativas, tentando convencer Armando sobre a paixão sentida; injuntivas, para impor-se sobre o comportamento de Armando e expositivas, em explicações de fatos ocorridos:

Sequência	Trechos em que ocorrem
Injuntivas	<p>“[...] Escreve-me uma palavra de consôlo; já que não queres mais voltar a visitar-me. Escreve-me para que eu tenha uma pequena recompensa para a felicidade que me causaria tua presença [...]” (Ct.1).</p> <p>“[...] Porque Armando, diga-me porque preciso duvidar tanto de tua sinceridade? Estarás mesmo apenas caçoando de mim? [...]” (Ct.2).</p> <p>“[...] Armando quando tu estiveres no leito para dormir, recorda-te de mim e te imagina o meu sofrimento a minha agonia [...]” (Ct.3).</p>
Explicativa	<p>“[...] Atribuo que a mesma não chegou à tuas mãos por ter isso somente com um porte. <i>Infelizmente</i> quando remeto uma carta dessa forma, dificilmente ceguem a seu destino [...]” (Ct.4).</p>
Argumentativa	<p>“[...] Embora meu coração não queira compreender as razões que tu alegaste para a tua ausência, não quero insistir em que aqui venhas [...]” (Ct.1).</p>

Quadro 6 – Sequências tipológicas no *corpus*

Nos três primeiros recortes ocorre o predomínio da sequência injuntiva, dirigindo os enunciados diretamente a Armando. No quarto trecho, a sequência que predomina é a expositiva, com a explicação do motivo pelo qual Armando não recebeu uma carta a ele enviada. E no quinto trecho predomina a sequência argumentativa, quando Gerda demonstra a intenção de convencer-se de que não deve implorar a visita

do amado.

Considerando que as tipologias textuais se apresentam mescladas, ora com o predomínio de uma, ora de outra, é que temos a heterogeneidade composicional (BRONCKART, 2003). Dessa forma, os tipos textuais “são conjuntos de traços que formam uma sequência e não um texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 27). Assim, ao considerarmos um texto como narrativo, por exemplo, ele terá também outras sequências linguísticas, no entanto, não de forma tão recorrente quanto aquela que permite classificar o texto.

As tipologias são, portanto, o meio de sustentação das estratégias linguísticas encontradas no interior dos textos, organizando os enunciados e constituindo enunciações que, para Bakhtin/Volochinov, são o “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 112).

O ato de receber uma carta e respondê-la já caracteriza uma relação dialógica. Parte do *corpus* dá pistas de que ocorre, realmente, uma enunciação e não, apenas, um enunciado individual e isolado. Os recortes abaixo exemplificam isso:

“[...] Guarda sempre alguns minutos para mim, quando me contarás as novidades que tiveres encontrado e tudo o que te comove. Não cansarei em ler as linhas que tua mão querida para mim traçar [...]”
(Ct.1)

“[...] um último hino de imortalidade cruzou hoje meu caminho, preechendo-o com um extrêmoso toque de mágica beleza; e este hino, a que me refiro, trata-se da tua benevolente e benvinda carta [...]”
(Ct.3)

Como observamos, são enunciados que respondem a outros, constituindo o processo de enunciação. Além disso, espera-se que haja outra resposta a essas cartas, demonstrando que a interação já havia sido iniciada e que, também, não seria finalizada com essas cartas. Essa forma de interagir nos permite a compreensão de que um enunciado é um elo da comunicação verbal, não o primeiro nem o último e não pode nunca ser separado dos “elos anteriores que o determinam, por dentro e por fora, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 2000, p. 320).

Na próxima seção, nossa reflexão volta-se para o estilo do gênero discursivo carta de amor, de suas remetentes e, também, de seu destinatário.

3.4 O ESTILO DAS CARTAS: DIMENSÕES VALORATIVAS E SUBJETIVAS

As reflexões sobre o conteúdo temático das cartas de amor e, também, sua dimensão composicional, nos dão subsídios para a construção de um processo de identificação do gênero discursivo carta de amor, assim como de Gerda, de Neusa, de Eny, de Auria (remetentes das cartas de amor) e de Armando (destinatário das cartas delas). Nosso objetivo, na presente seção, é, portanto, refletir sobre o estilo desse gênero e dessas pessoas, o que nos foi revelado durante o estudo das cartas. Para tal, respaldamo-nos em Bakhtin: “o enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera de comunicação verbal – [...] pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (BAKHTIN, 2000, p. 283).

Ao falarmos em estilo do gênero, um dos aspectos que merecem destaque nas cartas de amor é a linguagem, ora em estilo mais formal ora menos formal, variando de acordo com seu produtor, seu grau de instrução e o do destinatário e seus objetivos comunicativos. Ou seja, corresponde com a identidade, refletida no estilo individual do escritor, sobre o qual discorreremos, de maneira aprofundada, na próxima seção, abordando a individualidade de Gerda, de Neusa, de Eny, de Auria e de Armando.

Por ora, o que nos interessa é destacar em Bakhtin (2000) que o uso da linguagem, de maneira mais formal ou menos informal, resulta em duas esferas de utilização da língua: os gêneros discursivos primários e os secundários. Os primeiros são utilizados na comunicação interpessoal e espontânea (sem uma preocupação com a forma de expressão) e os segundos em comunicações mais complexas (isto é, com um maior planejamento e expressões mais formais).

Em algumas cartas de amor, normalmente, há a utilização de uma linguagem menos formal, menos preocupada com a forma de expressão, uma vez que há uma relação íntima entre remetente e destinatário. Segundo Silva:

[...] a escrita de cartas pessoais nos coloca diante de uma situação semelhante à da conversa espontânea [...]. Não existem, propriamente, imposições do gênero de discurso, decorrendo as possíveis restrições antes do tipo de relação (mais ou menos íntima) entre os correspondentes [...]. De fato, tudo cabe na carta pessoal (SILVA, 1995, p. 235).

Essas características seriam as responsáveis por classificá-las em um gênero do discurso primário. Entretanto, ao analisarmos as cartas, observamos que essa característica não pode ser tomada como referência única, pois as remetentes empregam diferentes estratégias de escrita na tentativa de agir sobre o outro (Armando), o que

compõe uma linguagem mais elaborada, um texto mais organizado e mais próximo da escrita. Daí resultarão cartas pertencentes ao gênero discursivo secundário.

Nesse sentido, consideramos as cartas do *corpus* (Ct.1, Ct.2, Ct.3 e Ct.4) como pertencentes à esfera secundária dos gêneros discursivos, visto tratarem-se de textos escritos bem pontuados e paragrafados, além de apresentarem uma linguagem mais próxima da formalidade. Apresentam, assim, o predomínio de relações formais e planejamento linguístico marcado pelo uso da linguagem poética. São modelos construídos pelos remetentes, os quais, conforme já citado,

[...] pressupõe[m] a existência e a construção de um aparelho psíquico de produção de linguagem que não funciona mais na imediatez, mas que pode se basear na gestão de diferentes níveis, relativamente autônomos [...]. Isso significa a existência de níveis de decisão, de operações discursivas transversais em relação aos gêneros. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 31 – 32)

É o que os seguintes fragmentos podem exemplificar:

“[...] Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos, enviarei a ti. Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus fortes braços. Atirei-me toda ao sonho de estar ainda ao teu lado como nesta madrugada. Mas, tudo não passou de sonho, de ilusão. Porém, o mais triste para mim foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! [...]” (Ct.1)

“[...] Meu bem! Nestes dias fiquei muito sentida, me contaram que tu sempre dançava varias pessas nos bailes com as Hichmann, para me fazer birra, ou seja, para ser o contra que eu te falava; e que sempre tu negavas a todo mundo nosso amor. Que tanta maldade te fiz eu para tu me fazer sofrer tanto? Que tu não queria ser acompanhado comigo ao publico, e que nosso amor era negado em publico, quando as gorias te falam tu dizes eu não tenho nada com ela, e não gosto dela. [...]” (Ct.2).

“[...] Um último hino de imortalidade cruzou hoje meu caminho, preenchendo-o como um extremoso toque de mágica beleza;

E éste hino, a que me refiro, trata-se da tua benevolente e benvinda carta; [...]” (Ct.3)

“[...] Querido tu acertou quando disse que não fazia planos adiantados, porque não daria certo [...]. O motivo de eu não ir é por que adoeçi ésta madrugada me acordei numa ancia de vomito que era triste, e assim passei até as 9 horas, agora estou um pouco melhor mas com uma tremedeira sem fim e quando começo a caminhar um pouquinho

tudo escurece e fico mal, a minha sorte é que eu não tenho fébre [...]” (Ct.4).

O que afasta essas cartas das características canônicas na linguagem das cartas familiares é, justamente, a beleza e o planejamento linguístico, impressionando a qualquer leitor por se assemelharem à linguagem literária e poética -- apresentam um tom mais subjetivo, revelam e descrevem o mais profundo amor que uma mulher possa sentir, numa tentativa de sensibilizar o destinatário, mas, também, a mais profunda mágoa ao ver-se desprezada pelo homem amado. São palavras capazes de emocionar, ainda mais quando se conhece todo o contexto de produção escondido por trás dessas palavras.

Assim, a linguagem se caracteriza por possuir mais rodeios e não deter-se, diretamente, em apenas um objetivo comunicativo, resultando, em alguns casos, em uma estrutura mais formal e poética, o que depende, também, do grau de instrução do remetente e de sua capacidade de compreensão.

Ao tratar da linguagem formal, Basílio postula que as expressões de sentimentos não são muito comuns em um gênero discursivo secundário: “uma das características desse tipo de linguagem é a procura da objetividade, que se traduz numa tentativa de banir toda e qualquer expressão direta de emotividade” (BASÍLIO, 1991, p. 83).

Isso, porém, não significa que expressões subjetivas jamais poderão aparecer em um gênero discursivo secundário, pois, ainda segundo a autora, essas categorias de enunciados podem ser mostradas por meio de recursos estilísticos na escrita. E é exatamente isso o que acontece nas cartas do *corpus*: são palavras carregadas de sentimentos, revelados por meio de uma linguagem rebuscada, poética, metafórica e, também, pela escrita de poemas e de canções que são a Armando dedicados.

Quando falamos em planejamento, temos um texto bem pontuado e paragrafado e, além disso, demarcado pelo uso de conjunções que costuram suas partes, características essas facilmente observáveis nos fragmentos a seguir destacados:

“[...] Procura sempre alimentar-te bem para que não percas as forças para enfrentar o duro trabalho quotidiano. *Da mesma forma* não desistas de instruir-te, quando tiveres alguma folguinha. A instrução vale *mais que* as riquezas que possamos alcançar. Nada mais belo *do que* um espírito enobrecido pela instrução. *Quanto mais* estudarmos, *tanto maiores* novidades encontraremos e *tanto melhor* compreendemos a razão de muitas coisas. *Contudo*, guarda sempre

alguns minutos para mim, quando me contarás as novidades que tiveres encontrado e tudo o que te comove [...]” (Ct.1).

“[...] *pois bem* foi tão curta tua visitinha *que* fiquei imaginando o viver; *mas* enfim consola-me, *porque* mais vale o pouco do que nada. O padrinho que ficou discontente tu não esperar para almoçar, *porque* como amanhã era teus anos ele mandou nós se aplainar para se causo tu viesse, nós te apresentar algo regular na mesa; *e* tu veio não quis almoçar, ele me falou; eu fiquei sem jeito quando ele me falou [...]” (Ct .2).

“[...] Atribuo que a *mesma* [carta] não chegou à tuas mãos por ter ido somente com um porte. Infelizmente quando remeto uma carta *desta forma* dificilmente ceguem a seu destino. Não tens nada a me pedir desculpas pela caligrafia, *pois*, como vês a minha é péssima [...]” (Ct.3).

“[...] Espero que tu estejas normal do rosto quando estas linhas chegarem em tuas mãos. Tu deves estar bem chateado com migo, *por* eu querer que você sorrisse, querido sabe que eu já paguei bem caro o que fiz para ti. Eu te falei naquela bolha que estava saindo em meus lábios; *pois* ela abriu e por onde escorreu aquela água virou em ferida *e* não pude sorrir até ontem [...]” (Ct.4).

Nos fragmentos acima destacamos os elementos utilizados pelas remetentes para amarrar as partes das cartas, tornando-as mais organizadas e próximas à esfera secundária. Além disso, a conjugação e a concordância verbal, sempre na segunda pessoa do singular e a colocação dos pronomes (imaginas; estejas; tens; alimentar-te; instruir-te) também são características reveladoras de um planejamento da linguagem, demonstrando uma relação pessoal entre remetente e destinatário, entretanto, respeitosa.

Outro aspecto que marca essas cartas como pertencentes ao gênero discursivo secundário é a pouca utilização de marcadores temporais, pois, segundo Schneuwly & Dolz (2004), a esfera secundária está ligada, de maneira imediata, a uma situação de comunicação. O mesmo ocorre com as marcas da oralidade, predominando a linguagem formal, embora subjetiva.

Como já destacamos em Koch, a ocorrência de gêneros mistos de oralidade e de escrita se justifica porque “a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos de um *continuum*, ao longo do qual se situam os diversos tipos de interação verbal” (KOCH, 2001, p. 69). As cartas do *corpus* estariam no interior desse *continuum*, mais próximas da escrita do que da fala.

Ademais do gênero carta de amor, as remetentes e o destinatário também possuem um estilo particular. Como frisado no capítulo anterior, estilo não é, apenas

subjetividade. Está relacionado às identidades, à cultura. Olhar para o estilo significa traçar contrapontos entre os valores sociais de uma comunidade e a forma como eles moldam o ser e o agir de seus indivíduos. Destacando Moita Lopes (2003), trata-se da visão de um indivíduo em relação ao mundo que o cerca, em relação a si mesmo e, também, em relação ao outro, o que, de certa forma, se revela na escrita.

Ao abordarmos o conteúdo temático das cartas já destacamos alguns valores sociais da década de 1950 e 1960, época em que as cartas que compõem o *corpus* foram escritas. Uma de suas características é que, diferentemente de hoje, aqueles grupos sociais eram mais retraídos e, como forma de manter a honra da mulher, não permitiam que namorados tivessem muita privacidade.

E, sendo a identidade formada “não das propensões psíquicas internas, mas a partir das regras morais que lhe são inculcadas do exterior” (MENDES, 2002, p. 507), ou seja, da cultura, Gerda, em relação aos aspectos identitários, se revela uma pessoa desconfiada, fechada ao diálogo, pois preferia confiar seus segredos a um papel. Costumava, dessa forma, não se importar com julgamentos alheios sobre si, preferindo desprezá-los a cair em discussões e sua resposta a esses era, portanto, apenas um sorriso irônico, conforme ela mesma comenta:

“[...] despreza! Que o desprezo nessa vida vale mais que outras armas poderosas! Contra insídias sê sempre prevenida, desconfiando do valor das próprias rosas! E quando acaso alguém em meio das plumas, tente ferir-te a um mal formado juízo, com um punhal te defende, envôlto em plumas: - ‘A ironia sutil do teu sorriso’ [...]” (Ct.1).

As marcas linguísticas impressas na Ct.1 nos revelam que Gerda era muito bem instruída (cf. conjugação verbal, colocação pronominal, concordância verbal e nominal, etc.), romântica, apaixonada, capaz de lidar com a linguagem de forma encantadora, de mostrar o mais verdadeiro de seus sentimentos por meio da escrita de uma carta. Esse domínio da língua escrita revela-se também nos sinais de pontuação empregados e na própria estrutura frasal. Por outro lado, a pretendente tinha uma visão um pouco amarga da vida e do mundo, demonstrando compreendê-lo enquanto sofrimento e amargura e, talvez por isso, duvidava da longevidade da sua vida. Tal identidade se revela nos relatos de seus pensamentos logo após sua chegada do cemitério, onde assistiu ao enterro de uma conhecida sua:

“[...] A morta viveu 75 anos sôbre êste mundo tão cheio de amarguras, tão inundado de lágrimas! 75 anos... parece um tempo muito longo para quem está na entrada dos 20. Será que algum de nós alcançará

esta idade...? E mesmo que a alcançássemos, um dia chegará o término de nossa viagem terrestre [...]” (Ct. 1).

Se já sabíamos que Gerda era professora do ensino primário e tocadora de gaita, agora temos a comprovação de que parecia gostar muito de ouvir canções românticas, pois, somente na Ct.1, são duas canções que ela dedica a Armando. Era, ainda, muito dedicada aos estudos, compreendendo ser ele uma das maiores riquezas da vida:

“[...] não desistas de instruir-te, quando tiveres alguma folguinha. A instrução vale mais que as riquezas que possamos alcançar. Nada mais belo do que um espírito enobrecido pela instrução. Quanto mais estudarmos, tanto maiores novidades encontramos e tanto melhor compreendemos a razão de muitas cousas. Faze como eu, estuda sempre que o tempo permitir [...]” (Ct.1).

Tal dedicação ela pretende passar a Armando, falando-lhe da importância de valorizar o conhecimento. Afirmamos, assim, que guardava por ele um grande amor, procurando dar-lhe conselhos, visto que Armando parece uma pessoa mais dedicada ao serviço braçal e não tão ligado aos estudos. Outro exemplo disso pode ser obtido no seguinte recorte da carta:

“[...] passaste bem o dia de hoje cortando trigo? Desejo-o! procura sempre alimentar-te bem para que não percas as forças para enfrentar o duro trabalho cotidiano [...]” (Ct.1).

Gerda demonstra ser uma pessoa preocupada com o bem-estar do outro e, nesse caso, de Armando. Outra característica de Gerda era a sua dependência pelo recebimento das cartas de Armando, demonstrando ser muito carente, pois, por várias vezes, ela lhe implora uma carta sua:

“[...] Que programa tens para domingo? Faze o possível de aproveitar aquele dia para escrever-me um jornal bem grande contando tudo o que podes dizer-me. Se, de fato, nos outros dias tens pouco tempo, aproveita então o domingo, em que por certo não terás obrigações [...]” (Ct.1).

Seu namorado, no entanto, não lhe escrevia, afirmando não ter tempo para isso. Ou seja, Armando não era tão apaixonado e romântico quanto ela, pois, se assim o fosse, não seria necessário que ela lhe implorasse o recebimento de cartas suas.

A possibilidade de obtermos essas compreensões acerca do estilo de Gerda apenas reafirma o pensamento bakhtiniano: o estilo não é apenas expressividade, mas está relacionado à história. Como já destacado em Brait:

[...] a concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiquem a expressividade de um indivíduo. Essa concepção implica sujeito que instaura discursos a partir de seus enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos. (BRAIT, 2008, p. 98).

O que mais nos impressiona em Gerda é essa capacidade de lidar com a linguagem, produzindo textos rebuscados e reveladores de sua identidade. Ela era professora, apaixonada pela música e pela poesia e essa paixão é levada para suas cartas ao revelar o mais verdadeiro dos seus sentimentos, com uma linguagem poética capaz de, realmente, traduzir toda a dor e, ao mesmo tempo, a paixão por Armando:

“[...] Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos enviarei a ti. Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus braços. Atirei-me toda ao sonho de estar ainda ao teu lado como nessa madrugada. Mas tudo não passou de sonho, de ilusão [...]” (Ct. 1).

Sendo assim, como já destacamos em Lopes (1986), a linguagem carrega valores culturais e identitários de cada falante, deixando de ser, segundo Mello (1999), apenas um sistema de sons para transformar-se em um comportamento social. Está a linguagem ligada à vida, à cultura e à história de um povo. Mello (1989) ainda postula que esses são os fatores que tornam pessoas singulares perante outras, cada pessoa dotada de valores, de modos e de crenças próprias, que revelam seu estilo. Dotada dessa capacidade, Gerda era singular dentro de seu grupo social, devido a tais indícios de linguagem, caracterizados em seu modo de produção e de interação social.

Diferenciando-se de Gerda, Neusa era uma pessoa menos instruída. Segundo informações obtidas junto aos familiares de Armando, ela não dedicava muito tempo aos estudos e tinha, como ocupação, apenas os serviços domésticos. Como consequência, possui algumas dificuldades em trabalhar com a linguagem formal, dificuldades que são demonstradas nos desvios gramaticais por ela apresentados. Entretanto, nada que afete a compreensão de suas cartas e as torne menos importantes, pois sua linguagem é, também, reveladora de sentimentos verdadeiros, demonstrando todo seu amor.

Apesar de ser a única herdeira de uma família, dona de muitas terras, era uma pessoa humilde, que parecia não ter vergonha de declarar seu amor, seu lado meigo, romântico e sofrido.

“[...] as vezes me esforço para rir para não dar demonstração da minha mágoa. Tu me achas mesquinha; mas de absoluto não sou, sou simplesmente uma grande sofredora: sem ter para quem me confessar: si me confesso a ti meu sofrimento me achas mesquinha, mas para quando não sou. É apenas o capricho do amor que fez de tudo um pouco. 'Sou uma grande escrava do sofrimento' [...]” (Ct. 2).

E é a simplicidade dessa linguagem, tão reveladora, que tanto nos prende às cartas, fazendo-nos sentir um pouco da tristeza dessas mulheres, tão apaixonadas, mesmo percebendo o desprezo da pessoa amada.

Eny, também professora e estudante, era dedicada aos estudos e a outras atividades culturais, como podemos observar no fragmento abaixo:

“[...] Aos domingos e feriados, um dos meus maiores divertimentos é o cinema, já que se aproximam os meus exames terei que dedicar-me um pouco mais ao estudo [...]” (Ct.3).

Sua maior preocupação eram, portanto, seus estudos, e, em horas de folga ou descanso, dedicava seu tempo a atividades culturais. E todo esse conhecimento é transpassado às linhas de sua carta, ao produzir, também, uma linguagem rebuscada e com poucas marcas de oralidade. Por outro lado, sendo de origem alemã e falante da língua, é perceptível a interferência de alguns traços fônicos do alemão na escrita do português, como o seguinte recorte exemplifica:

“[...] Aos domingos e feriados, um dos meus maiores divertimentos é o cinema, já que se aproximam os meus exames terei que *deticar-me* um pouco mais ao estudo [...]. Espero resposta o mais breve possível e envio *cortiais* saudações [...]” (Ct.3).

Dessa forma ocorre, na escrita de Eny, uma mistura entre essas duas línguas. Tais marcas da cultura alemã se revelam ainda na escrita de algumas palavras, transpostas como na oralidade: *deticar* (*dedicar*), *cortiais* (*cordiais*), *oche* (*hoje*), *venteo* (*vendeu*), *drabalha* (*trabalha*). Essa característica se deve ao fato de Eny ter sido alfabetizada na língua materna (alemã) e ter aprendido o português como segunda língua. Há, portanto, uma pequena dificuldade tanto na fala quanto na escrita da língua portuguesa, uma vez que a forma como escrevia era um reflexo de como se comunicava.

Talvez essa característica possa se explicar em fatos históricos, porque entre os anos de 1930 e 1945, com o governo de Getúlio Vargas no Brasil e as guerras que ocorriam, a educação recebeu poucos investimentos e, além disso, houve a proibição do uso de línguas de imigrantes, ou seja, de línguas estrangeiras no país, fazendo com que essas pessoas tivessem de aprender a comunicação em português, já que falar em outro idioma, até mesmo no meio familiar, era considerado um crime que resultava, inclusive, em prisão. Isso lhes acarretou algumas dificuldades por terem sido alfabetizados em uma língua bem diferente.

Como a língua materna estava tão internalizada nessas pessoas, elas não conseguiam esquecê-la para passarem a falar somente em português, o que resultava em uma mistura de línguas, mistura marcada pela utilização de traços fonéticos de uma na outra língua. Esses traços identificavam as pessoas como pertencentes ao grupo social de imigrantes, pois a língua carrega e manifesta marcas da cultura e da identidade de um povo. Como já destacamos em Spolsky, ela é uma marca de identidade grupal:

Uma das formas de identificar uma pessoa é através de sua língua. Porque a língua está inerentemente envolvida na socialização, o grupo social cuja língua você fala é uma importante identidade grupal para você. Há outras marcas de identidade étnica, como comida ou roupa ou religião. Mas a língua tem um papel especial, em partes porque organiza o pensamento e em partes porque estabelece relações sociais. (SPOLSKY, 2003, p. 57).

Assim, a cultura e a identidade do grupo social a que Eny pertencia eram reveladas, também, por meio da troca de traços fônicos e prosódicos devido a esse contato linguístico. No caso das cartas analisadas, em que ocorre uma interferência linguística entre o português e o alemão, percebemos a troca de traços consonantais quanto à sonoridade de [d] por [t], (*deticar* por *dedicar*, *cortiais* por *cordiais*).

Aspectos como esses são fenômenos de interferência morfofonêmica. Dubois et alii (1973) já explicavam que a interferência morfofonêmica, no caso da língua alemã no português brasileiro, pode ocorrer nas trocas das oclusivas sonoras pelas surdas, das oclusivas sonoras pelas aspiradas sonoras e das oclusivas sonoras aspiradas, em aspiradas sonoras. Entretanto, como tal aspecto não é nosso objeto de estudo, não aprofundaremos mais as discussões sobre esse ponto; apenas as mostramos rapidamente por ser uma característica presente na Ct.3.

Apesar de não termos muitas informações a respeito da Auria, acreditamos que ela não possuía o costume de lidar muito com a escrita (seja por estudo ou por leituras),

apresentando uma linguagem mais simples, direta e rápida, não rebuscada quanto a das outras remetentes, como o recorte demonstra:

“[...] Querido, você falou que ira telefonar sábado, se tu escreveu marcando hora, não vai desanimar, pode telefonar que, se eu não posso ir atender, pedirei para a mãe ir no meu lugar [...]. Se você não marcou hora para o telefone venha as 5 horas da tarde eu o espero” (Ct.4).

Tal linguagem demonstra o estilo de Auria: também era uma pessoa simples, humilde, romântica e apaixonada por Armando. Esse amor é transposto para a carta ao dizer que lhe causaria ciúmes saber que Armando sairia e dançaria com outras moças, enquanto ela estivesse em casa. Revela ser uma mulher “séria”, “de família”, desejando ter um namorado e se casar:

“[...] A Tereza esteve aqui em minha casa hoje pela manhã, e disse que iria domingo na festa e Neiva e a Nerly todas irão, só eu terei que ficar aqui pensando muitas coisas e com ciúmes de você, porque lá não falta gorias, e gorias muito espertas [...]” (Ct.4).

A partir de constatações como essas a respeito de épocas passadas e das pessoas que dela fizeram parte, temos uma reflexão e refração da realidade, resultado da utilização dos signos sociais e ideológicos. Eles estão presentes nas cartas de amor, dando vida à língua, já que, segundo Bakhtin/Volochinov (2004), esta evolui e vive somente pelas interações verbais. Ao produzir enunciados, nossas palavras carregam valores, transformando-se em signos valorativos e permitindo o estudo e a compreensão do gênero discursivo.

Conforme postula Faraco,

“[...] não é possível significar sem refratar. Isso porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e temporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais (FARACO, 2009, p. 51).

Concordamos também com Cavalcanti (2001), ao afirmar que toda e qualquer representação está inserida na linguagem e na cultura. A primeira é o ponto de partida para a compreensão da segunda.

Observando essa relação entre linguagem, cultura e identidade no *corpus* de pesquisa, constatamos que características identitárias das remetentes são responsáveis

pela definição de seu estilo. Assim, devido a uma menor dedicação ao estudo, algumas remetentes possuem um estilo de escrita caracterizado por apresentar grande quantidade de marcas da oralidade, como a carta de Auria e a de Neusa podem exemplificar. Por outro lado, há remetentes, como Gerda e Eny, que quase não deixam transparecer a oralidade. Os trechos a seguir demonstram tais aspectos:

“[...] Já está ficando tarde. Preciso terminar esta *cartinha* [...]” (Ct.1)

“[...] pois bem foi tão curta tua *visitinha* que fiquei imaginando o viver; mas enfim consola-me, porque *mais vale o pouco do que nada*. O padrinho que ficou *discontente* tu não esperar para almoçar, porque como amanhã *era teus anos* ele *mandou nós se aprevinir* para se *causo* tu *viesses*, nós te apresentar *algo regular* na mesa; e tu *veio* não não *quis* almoçar, *ele me falou*; eu fiquei sem *geito* quando *ele me falou* [...]” (Ct.2).

“[...] um último hino de imortalidade cruzou hoje meu caminho, preechendo-o com um extrêmoso toque de mágica beleza; e este hino, a que me refiro, trata-se da tua benevolente e benvinda carta [...]. Infelizmente, quando remeto uma carta dessa forma dificilmente *ceguam* a seu destino [...]” (Ct.3).

“[...] Querido tu acertou quando disse que não fazia planos adiantados, porque não daria certo [...]. O motivo de eu não ir é por que *adoeçi ésta* madrugada me acordei numa *ancia de vomito que era triste*, e assim passei até as 9 horas, agora estou um pouco melhor mas com uma *tremedeira sem fim* e quando começo a caminhar um pouquinho *tudo escurece* e fico mal, a minha sorte é que eu não tenho *fêbre* [...]” (Ct.4).

Nos recortes apresentados destacamos algumas marcas de oralidade, entre as quais podemos citar desvios gramaticais do português privilegiado (*geito; discontente; aprevinir; adoeçi*), falta ou excesso de pontuação e de acentuação (*ésta; ancia de vomito; fêbre*), conjugação verbal (*tu viesses; tu veio; tu acertou*), expressões pertencentes ao senso comum (*mais vale o pouco do que o nada; que era triste; sem fim; tudo escurece*), uso de termos pejorativos (*visitinha; tremedeira*), repetição de palavras e expressões em um mesmo período (*ele me falou, eu fiquei sem geito quando ele me falou*) e léxicos que expressam atitudes emocionais (*querido*).

As palavras destacadas representam desvios da gramática-padrão, porém a linguagem que continua predominante é a formal, demonstrando um alto planejamento linguístico, principalmente por parte de Gerda, Neusa e Eny.

O seguinte quadro apresenta as principais marcas de oralidade utilizadas pelas remetentes:

Marcas da oralidade					
Carta	Senso comum	Traços fônicos	Desvios gramaticais	Marcas regionais e temporais	Marcas emocionais ⁵
Ct.1	Talvez algum dia tudo mudará.	Não constam	Dansaste.	Caçoando	Cartinha
Ct.2	Mais vale o pouco do que o nada; fazer birra; fazer piraça; faz de tudo um pouco; a parte nem uma.	Discontente; aprevenir;	tu viesse; espedava; geito	Gorias; pirraça; lambaceiros; pessos; apercegada.	Coraçãozinho; horinhas
Ct.3	Não constam	Cortiais; deticar.	Entropecida; aprosimam; Infelizmente; Remento; Cegum; Fota; Emvio.	Não constam	Querido
Ct.4	Virou em ferida; foram por água abaixo; que era triste; pensando muitas coisas; tudo escurece; a justiça divina não falha	Não constam	Ancia; vominto; com migo	Gorias	Querido

Quadro 7– Principais marcas de oralidade presentes nas cartas

No quadro apresentamos marcas que aproximam a linguagem da oralidade, como a utilização de expressões pertencentes ao senso comum, a troca de traços fônicos, desvios gramaticais, marcas regionais, temporais e subjetivas. Para Basílio, são características que aproximam essa linguagem da falada, pois expressam atitudes emocionais “usados[as] na linguagem coloquial, em que é fundamental o uso da função expressiva da linguagem” (BASÍLIO, 1991, p. 84), ou seja, subjetiva. Nesse sentido, Bakhtin (2002) reafirma que a linguagem popular é marcada pela ausência de léxicos e expressões neutras e pela presença de palavras que poderão ser amáveis, elogiosas, lisonjeiras, depreciativas, humilhantes ou, mesmo, injuriosas.

O observado em relação à linguagem nessas cartas é o que caracteriza a linguagem como popular, linguagem popular essa que, segundo Bakhtin, se constitui como um tipo de “linguagem alegre, ousada, silenciosa e franca” (BAKHTIN, 2002, p. 169), uma vez que representava um tipo de liberdade para o povo que a utilizava.

⁵ Cf. Basílio (1991).

Quando se trata de estudos em relação à linguagem oficial (formal) e à popular (informal), Bakhtin (2002) pode ser tomado como referência. Ele retrata, de forma detalhada, toda a multiplicidade das manifestações da cultura popular, englobando suas festas, espetáculos, ritos e obras cômicas, desde seu surgimento, na Idade Média, até a forma como, hoje, na época moderna, a linguagem se manifesta nos enunciados, principalmente nos orais.

Percebendo que as correspondências de Gerda, de Neusa, de Eny e de Auria pertencem à esfera dos gêneros secundários, porém se diferenciam no nível de formalidade apresentado, podemos apontar algumas distinções entre a linguagem formal e a informal. Assim como observamos principalmente na carta de Gerda e na de Eny, a linguagem oficial apresenta-se presa às regras gramaticais e é aceita em todo o tipo de ambiente social, apesar de possuir alguns desvios gramaticais. Além disso, possui um tom de seriedade, refletindo, segundo Bakhtin, a “hierarquia social instaurada, a hierarquia oficial das apreciações (em relação às coisas e noções) e as fronteiras estáticas entre as coisas e os fenômenos instituídos pela concepção oficial do mundo” (BAKHTIN, 2002, p. 368-369).

Por outro lado, como observado nas cartas de Neusa e de Auria, a linguagem informal demonstra uma liberdade maior quanto às regras gramaticais, à organização e, principalmente, ao léxico. Bakhtin justifica essa distinção, explicando que a linguagem formal resulta das proibições linguísticas da Idade Média, quando havia uma dualidade entre línguas, entre a considerada oficial e a popular. Sabia-se da existência das duas, entretanto, somente a primeira era aceita em ambientes públicos formais, reservando a outra para ambientes privados ou, então, para dias festivos, quando se permitia uma liberdade linguística.

A cultura popular não oficial dispunha na Idade Média e ainda durante o Renascimento de um território próprio: a praça pública, e de uma data própria: os dias de festa e de feira [...]. Um tipo especial de comunicação humana dominava então o comércio livre e familiar. Nos palácios, nos templos, nas instituições, nas casas particulares reinava um princípio de comunicação hierárquica, uma etiqueta, regras de polidez. Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem familiar, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar. (BAKHTIN, 2002, p. 133).

Havia, assim, todo um cuidado durante a comunicação oficial, não sendo permitido o uso frequente de grosserias, expressões e palavras injuriosas. Estas eram restritas à linguagem familiar, a qual, segundo Bakhtin, se converteu “em um

reservatório onde se acumularam as expressões verbais proibidas e eliminadas da comunicação oficial” (BAKHTIN, 2002, p. 15). O emprego desse tipo de vocabulário na linguagem oficial significava uma violação a suas regras, revelando-se como um grau de protesto contra as concepções oficiais e as regras de etiqueta, cortesia, piedade, consideração e respeito à hierarquia.

Tais características ainda hoje permanecem em nossa linguagem, sendo denunciadas pela diferenciação entre os gêneros do discurso secundários e primários. A carta pessoal e familiar é, portanto, um modelo de enunciado em que, frequentemente, observamos a linguagem popular, devido ao vocabulário informal que apresenta e, também, por aceitar casos de desvios gramaticais e interferência linguística. E isso ocorre devido, principalmente, à proximidade entre os remetentes, de forma que se sintam à vontade para interagir.

As características da linguagem oficial utilizada na Idade Média, na qual não se permitia liberdade nenhuma, mesmo sofrendo algumas transformações, podem, hoje, ser observadas nas interações verbais que realizamos. A partir do Renascimento, devido a toda negação que era dirigida ao mundo oficial, percebeu-se uma

[...] libertação conseqüente da seriedade mesquinha dos pequenos assuntos da vida corrente, da seriedade egoísta da vida prática, da seriedade sentenciosa e malsã dos moralistas e hipócritas e, enfim, da imensa seriedade do medo que se ensombrecia nos quadros lúgubres do fim do mundo, do Juízo Final, do inferno, e do paraíso e da tratitude eterna. (BAKHTIN, 2002, p. 334).

Com essas transformações ocorreu uma “conquista familiar do mundo” que permitiu ao homem um contato e uma liberdade maior com o mesmo mundo, destruindo e abolindo todas as distâncias e as interdições criadas pelo medo e pela piedade, o que permitiu que a vida fosse retomada numa forma licenciosa e alegre (BAKHTIN, 2002, p. 334). Por isso, mesmo havendo, hoje, uma distinção entre a linguagem que utilizamos em situações informais e formais, temos uma liberdade de expressão maior em relação à época antiga, a qual nos deixou algumas heranças linguísticas.

Segundo as explicações de Bakhtin:

Na correspondência íntima, encontram-se, às vezes, termos grosseiros e injuriosos empregados num sentido afetuoso. Quando se ultrapassa um certo limite nas relações entre certas pessoas e que elas se tornam perfeitamente íntimas e francas, esboça-se uma mutação no emprego ordinário das palavras, uma distribuição da hierarquia verbal; a linguagem se reorganiza num tom novo, francamente familiar; as palavras afetuosas parecem convencionais e falsas, apagadas,

unilaterais e sobretudo incompletas; a sua coloração hierárquica torna-as inapropriadas à livre familiaridade que se instaurou, e por isso todas as palavras banais são banidas e substituídas ou por palavras injuriosas, ou por palavras criadas a partir de seu tipo ou modelo [...]. A intimidade toma emprestados os tons da antiga familiaridade, abolindo todas as fronteiras entre os homens. (BAKHTIN, 2002, p. 369).

Nas cartas analisadas, até mesmo naquelas que possuem uma linguagem formal, percebemos que há intimidade entre os correspondentes, isso devido à utilização de um tom familiar, no qual se destacam termos empregados com um sentido afetivo. Tais aspectos podem ser observados nos seguintes recortes:

“[...] Lembras-te, por certo, que te disse nesta noite, que tenho perdido toda a fé nos homens. E disto tive nova prova hoje. Vi em ti apenas um vil conquistador [...]” (Ct.1).

“[...] eu não esperava de receber tal coisa de teu bondoso coração, sendo que eu te considero tanto aqui em casa, como em qualquer lugar, seja em vila, cidade, no meio dos meus parentes etc. [...]” (Ct.2).

“[...] na realidade, meu amigo, tua carta me ditou hosanas miraculosas na minha mente já entropçada pela desilusão da vida [...]” (Ct.3).

“[...] Querido, você falou que ira telefonar sabádo, se tu escreveu marcando hora, não vai desanimar [...]” (Ct.4).

Com base nessas leituras e na descrição do sofrimento das quatro mulheres, bem como do amor exagerado nutrido pelo mesmo homem, respaldando-nos no pensamento bakhtiniano, é possível apontar alguns aspectos da identidade de Armando. Conforme Brait,

[...] a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais ou verbo-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro. (BRAIT, 2008, p. 98).

Em outras palavras, o enunciado permite o conhecimento do outro sobre quem ele incide (o destinatário). As cartas de Gerda, de Neusa, de Eny e de Auria nos revelam que Armando era desprovido de maiores sentimentos (não se prendia a nenhuma mulher), parecia ser machista e controlador da situação, sem deixar-se dominar por ninguém. Esse aspecto identitário transparece numa das cartas de Gerda:

“[...] Estive mesmo bastante abatida de que tu, apesar de pedires para falar contigo me trataste com frieza naqueles momentos. E sabendo que tu não gostas de falar comigo quando o ‘Gordo’ está aqui, eu me retirei. Sempre esperei que ainda uma vez saíesses da loja, afim de que pelo menos uma palavra eu pudesse dizer-te. Mas nada [...]” (Ct. 1).

Esse trecho nos revela que Armando se envergonhava de expor suas relações sentimentais. Além de conquistador, iludia com cartinhas escritas, talvez, com menos frequência do que as recebidas. Só o fato de mostrar-se um “homem difícil de ser conquistado”, parecia provocar a paixão em muitas mulheres. Percebemos, ainda, que era festeiro: namorando, não deixava de sair e ir a bailes, onde dançava com outras mulheres, mesmo quando sua namorada estava em casa por motivo de luto (caso de Neusa), doença (como aconteceu com Auria) ou não sabendo de sua decisão (caso de Gerda). Por tudo isso e pelo fato de trocar correspondências com Gerda e Neusa ao mesmo tempo, outro aspecto identitário de Armando era ser infiel com suas namoradas.

Talvez fizesse isso pelo fato de ser uma pessoa segura, confiante em seus dotes físicos, revelados na elegância com que se vestia e na altivez de sua postura, achando que tais aspectos bastariam para torná-lo feliz. Chegamos, portanto, a duas conclusões a respeito da identidade de Armando: ele não gostava dessas quatro mulheres a ponto de manter um relacionamento sério ou, então, gostava, mas, simplesmente, não tinha a pretensão de casamento, talvez por não acreditar nesse tipo de evento social. Além disso, não se importava em fazer alguém sofrer, o que demonstra uma certa frieza de comportamentos, e não era sincero com suas namoradas, pois mentia ao dizer que não havia recebido cartas às quais não pretendia responder.

Se, um dia, ele buscou a tão sonhada felicidade, ele o fez de forma equivocada, pois enquanto essas mulheres estão, hoje, casadas, Armando já é falecido há treze anos, o que aconteceu depois de cair no vício exagerado da bebida e do cigarro e de adquirir um câncer que lhe causou muita dor e sofrimento. Talvez tenha se arrependido de ter desprezado essas jovens amantes, pois as cartinhas, junto com algumas fotos, foram encontradas, após a sua morte, ainda bem conservadas, apesar de o tempo ter amarelado os papéis -- porém, provavelmente, muitos fatores tenham impedido que ele pudesse voltar atrás e ser, novamente, feliz.

Após realizado este estudo no gênero discursivo carta de amor, compreendemos que a língua é uma grande dádiva, capaz de retomar aspectos ou fatos que ficaram esquecidos no tempo. É por isso que as cartas são tomadas por nós como verdadeiros documentos, representantes de nossa história.

Ademais, o estudo das características dos gêneros discursivos nos enunciados nos possibilita a compreensão de que toda a qualquer interação por nós iniciada é planejada sobre um gênero que a organiza. Conversas espontâneas não podem, nunca, ser tomadas como textos sem importância e que não merecem ser estudados. Nesse sentido, por concordamos com Bazerman, podemos destacar, novamente, suas palavras: a naturalidade, a informalidade e a espontaneidade presente nas cartas “nos revelam clara e explicitamente a sociabilidade que faz parte de toda escrita” (BAZERMAN, 2006c, p. 99).

3.5 GÊNERO DISCURSIVO CARTA DE AMOR APLICADO AO ENSINO

A necessidade de trabalhar com os gêneros discursivos no ensino da língua portuguesa já vem sendo discutida por documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998) e Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) (Paraná, 2008). Entretanto, não é apenas porque estudiosos propõem o ensino pautado no gênero que deveremos fazê-lo. A justificativa para isso está muito além da existência desses documentos. Pensando nisso, propomo-nos, agora, a tecer alguns comentários sobre os gêneros discursivos vinculados ao ensino e, também, a abordagem da carta de amor, familiar e pessoal nesse meio.

A todo o momento defendemos a compreensão de que interagimos por meio de enunciados organizados em gêneros discursivos. Para falar, "utilizamos sempre dos gêneros do discurso, ou seja, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo" (BAKHTIN, 2000, p. 301).

Por meio da linguagem nos constituímos sujeitos discursivos. Como já destacado em Bakhtin, sem língua não há interação e, sem interação, não há nenhum tipo de relação social: “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Conseqüentemente, os gêneros do discurso permeiam todo o nosso agir social. Se o aluno convive com eles diariamente e um dos objetivos do ensino da língua portuguesa é propiciar a formação de um sujeito que se posicione “de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p. 7), porque, então, não ensiná-los na escola?

Quando os PCN propõem que o objeto de ensino da língua portuguesa seja o “conhecimento lingüístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (BRASIL, 1998, p. 22), justifica-se a necessidade de se trabalhar com os gêneros, os quais se materializam naquilo que é (ou, pelo menos, deveria ser) a unidade de ensino, ou seja, os textos (em sentido amplo, abordando texto e discurso). É o caminho que conduz nosso aluno a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente em suas diversas funções sociais, um dos propósitos dos documentos oficiais.

Na busca de propostas para se trabalhar com os gêneros discursivos na sala de aula, sem correremos o risco de cair no ensino tradicional da língua portuguesa, algumas metodologias vêm surgindo. Uma delas é a Sequência Didática (SD), proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Por meio dos gêneros discursivos, tem-se, assim, uma aprendizagem significativa da língua, vinculada à realidade e às reais necessidades do aluno, permitindo o desenvolvimento de práticas de linguagem nas diferentes situações comunicativas de que faz parte.

Essa orientação metodológica organiza-se da seguinte forma: antes mesmo de o aluno tomar contato com o gênero a ser trabalhado, será delimitada a *situação de produção* e a forma de circulação de seu texto, ou seja, o aluno saberá com qual finalidade estará produzindo. Esse encaminhamento poderá mobilizá-lo a escrever não apenas para ser avaliado pelo professor, mas para tornar-se um sujeito crítico e operar com a linguagem. Em seguida, o aluno faz uma *produção inicial* e, com base nas dificuldades por ele apresentadas, o professor propõe *módulos de estudos*, compostos por atividades contextualizadas, que possibilitam um conhecimento mais aprofundado do gênero e, juntamente, da língua. Tem-se, assim, um estudo da língua de forma significativa, levando o aluno a refletir sobre a escrita, tornando-se um sujeito crítico, consciente, responsável e conhecedor da língua.

Segundo Bakhtin/Volochinov, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 2004, p. 124).

Pensando nisso, um trabalho com o gênero discursivo carta de amor ou familiar, poderia seguir a metodologia da sequência didática (SD), adotando-se, como situação de produção, a troca de cartas com colegas de outra turma ou de outra escola, ou, mesmo, para enviá-la a uma pessoa querida. Para Perfeito e Ritter (2009, p. 153), essa é uma forma de conceber o texto “como unidade de significação e de ensino,

portanto, elemento integrador das práticas de leitura, de análise linguística e de produção/refracção textuais”, proporcionando ao aluno a ampliação do horizonte discursivo.

Uma vez efetuada a produção inicial, o passo seguinte consistirá em o professor analisar as cartas produzidas. Para essa análise diagnóstica, Dolz, Noverraz e Schenewly (2004) propõem que se observe, nos textos: a) se representam a situação de produção; b) se atendem aos aspectos composicionais da carta; c) se o texto foi planejado conforme o objetivo proposto; d) se as marcas linguísticas estão adequadas para aquela situação de interação.

A partir desse diagnóstico, organizará os módulos de atividades, de forma que contemplem as dificuldades apresentadas para, na produção final, incorporar os aspectos estudados.

Conforme propõem os pesquisadores de Genebra, a SD pode ser representada pelo seguinte esquema:

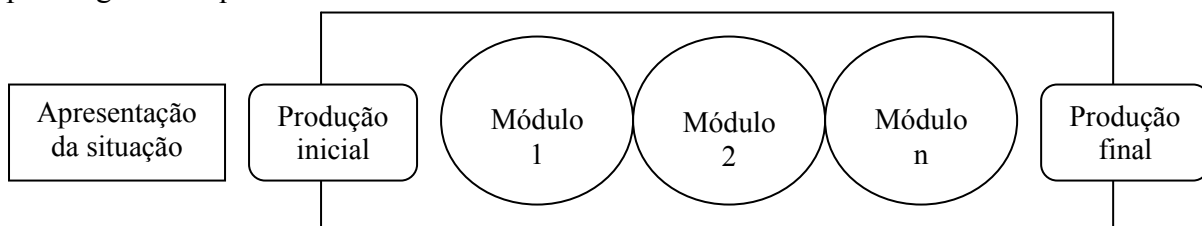


FIGURA 1 - Esquema da Sequência Didática
 FONTE: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.98)⁶

A essa proposta de trabalho pode-se, também, incorporar o proposto por Costa-Hübes (apud AMOP, 2007) e Costa-Hübes (2008): o acréscimo de um módulo de reconhecimento do gênero antes da produção inicial, conforme demonstrado no esquema seguinte:

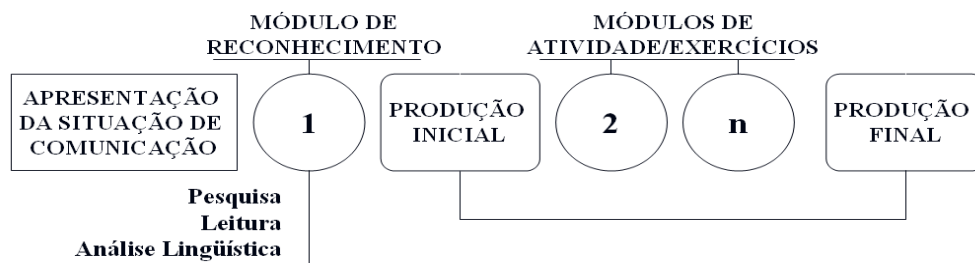


FIGURA 2 - Esquema da SD adaptada por Costa-Hübes
 FONTE: Swiderski e Costa-Hübes (2008)

⁶ Para maiores esclarecimentos sobre essa metodologia, sugerimos a leitura de *Gêneros orais e escritos na escola* (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004), capítulo 4, em especial.

Tal adaptação da SD ocorreu porque, segundo Costa-Hübes, os alunos brasileiros poderiam apresentar dificuldades ao acompanhar a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), tendo em vista que a mesma foi criada na Suíça, país que apresenta uma realidade bem diferenciada da nossa. Conforme a autora:

A preocupação maior residia em iniciar, com esses alunos, o reconhecimento do gênero com uma produção inicial, quando já sabíamos, de antemão, que, na região, não se tinha por hábito mencionar o gênero para o aluno, mas sim, sempre a tipologia. Os comandos de produção giravam em torno de “produza um texto narrativo”, “produza um texto descritivo”, ou então simplesmente “Produza um texto sobre...”. (COSTA-HÜBES, 2009a, p. 12).

Se levarmos em consideração essa proposta de Costa-Hübes antes de o aluno efetuar a produção inicial, poderão ser criadas situações de pesquisa e de leitura de diferentes cartas de amor e familiares, explorando-se o contexto de produção, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo dos textos. De acordo com Swiderski e Costa-Hübes (2008), um módulo de reconhecimento do gênero textual permite que o professor crie, para o estudante,

[...] várias situações que envolvam a prática de leitura de textos do gênero, já prontos, que circulam na sociedade. [...] as informações sobre o gênero não são dadas gratuitamente, já que o mesmo não é tratado como uma forma pronta e acabada, mas como um instrumento relativamente estável. Entendido assim, a prática de ensino-aprendizagem precisa incentivar o processo de pesquisa. (SWIDERSKI; COSTA-HÜBES, 2008, p. 8).

Incentiva-se, dessa forma, a prática de leitura, de pesquisa e de análise linguística, uma vez que o aluno é levado a conhecer e a reconhecer os elementos que determinam a produção e a circulação de textos daquele gênero discursivo. Segundo Costa-Hübes, “a preocupação sustenta-se em oferecer, aos alunos, momentos de estudos, de leitura e de análise de outros textos do gênero, favorecendo o seu reconhecimento antes de iniciar a proposta de produção (oral ou escrita)” (COSTA-HÜBES, 2009b, p. 8).

Logo, é possível proporcionar uma análise linguística sobre a carta pelo aluno produzida, assim como sobre qualquer outro gênero discursivo, contemplando os três elementos constituintes dos gêneros “conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Pode-se, ainda, proporcionar um estudo sobre a cultura de época em que a carta foi produzida, no caso de textos antigos, tendo

em vista o defendido no capítulo anterior, ou seja: durante a interação verbal, os signos sociais e ideológicos permitem a reflexão e a refração da realidade. Além disso, as duas esferas dos gêneros discursivos (primária e secundária) também podem ser contempladas, considerando que, para Bakhtin,

[...] a distinção entre gêneros primários e secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida [...]. A análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Concomitantemente, também seria possível um trabalho com a linguagem formal e informal, já que a carta de amor ou familiar, como frisamos, permite a utilização tanto de uma quanto da outra forma de expressão. Voltando no tempo, poder-se-ia buscar a origem da linguagem informal, ou popular, como prefere tratá-la Bakhtin (2002). Isso foi por nós exposto na seção 3.4⁷.

Quanto ao aluno, ele seria provocado para a produção inicial somente após esse estudo exaustivo de textos do gênero, e essa produção inicial seguiria os módulos de reescrita e, por fim, a produção final e a circulação do gênero atendendo à situação de interação proposta inicialmente (encaminhar as cartas para serem trocadas com colegas de outra turma ou de outra escola).

Enfim, trata-se de propostas de ensino viáveis que permitem estudos mais aprofundados da língua, tendo em vista o gênero selecionado.

⁷ Para um maior aprofundamento, sugerimos a leitura de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (BAKHTIN, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos as leituras, tínhamos a intenção de realizar um estudo da linguagem dentro do gênero discursivo carta de amor, compreendendo as características definidoras desse gênero, tais como, contexto de produção, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, o que nos permitiu destacar aspectos culturais da época em que esses textos foram produzidos e, também, a identidade das pessoas envolvidas nessa situação enunciativa. No percurso, queríamos entender a relação de interdependência entre linguagem, cultura e identidade, pois a linguagem, além de fazer parte da cultura e da identidade, também dá vida a tais elementos no momento em que as representa. Além disso, por meio da linguagem, a cultura é formada, constituindo as identidades. Em outras palavras, percebemos que, sendo sociais, tais noções não podem ser consideradas isoladas uma da outra.

Para atender ao objetivo proposto, aprofundamos, inicialmente, nossos estudos sobre o signo social e ideológico e compreendemos que a linguagem é formada por um conjunto de signos que, carregados de ideologias, refratam e representam o real, ao mesmo tempo em que, sendo vivos, móveis e históricos, constituem a cultura e a identidade. Os signos sociais e ideológicos tornam possível a existência da interação verbal, processo que forma e move as vozes sociais no mundo.

Procuramos, também, revisitar o conceito de enunciado/enunciações, momento em que se esclareceu a relação entre essas noções e o diálogo. A interação verbal ocorre apenas por meio de enunciados organizados socialmente, os quais devem resultar na enunciação, ou seja, na compreensão ativa dos enunciados veiculados por parte do interlocutor. A interação verbal é, pois, uma troca de enunciados entre um locutor e um interlocutor, estando os dois em um mesmo campo de compreensão ativa.

Era necessário, então, entender de que forma tais enunciados eram organizados. Abordamos, assim, os gêneros discursivos, quando compreendemos que existem certos modelos de enunciados estabelecidos pelas convenções sociais, os quais circulam dentro de determinadas esferas da sociedade. Trata-se dos gêneros discursivos, ou seja, modelos de enunciados que, adaptados às necessidades da situação de interação discursiva, guiam e dão forma a todo o nosso dizer.

Só depois de aclarados esses conceitos, sentimo-nos melhor subsidiados para iniciar o processo investigativo dos gêneros, considerando que o estudo nos permitiu

compreender que tais elementos (signo social e ideológico, enunciados/enunciações) se entrelaçam e se fundem na linguagem constitutiva dos gêneros.

Todavia, era preciso abordar também essa linguagem. Para isso, recorrendo ao principal aporte teórico da pesquisa (BAKHTIN, 1988, 2000, 2002, 2004), retomamos o conceito de gêneros e dos elementos que o constituem: contexto de produção, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Tais estudos nos deram suporte para analisar o *corpus* da pesquisa: as cartas de amor.

Se Bakhtin (2000) já nos dizia que a interação verbal é um fenômeno social, podemos inferir que a linguagem é, realmente, social. Ela é a constituinte da realidade, permitindo, dessa forma, a compreensão da cultura da época em que as cartas foram produzidas, bem como da identidade das pessoas envolvidas na situação enunciativa. Assim, é um veículo de enunciação, esta realizada por meio da interação verbal, influenciada ideológica e culturalmente e produtora de identidades.

A afirmação se comprovou nas análises das cartas de amor. Ao abordarmos o conteúdo temático no *corpus*, foi necessária uma retomada histórica como forma de compreender o que levava aquelas pessoas a escrever da maneira como escreviam, ou seja, quais eram as ideologias que as impulsionavam a agir de determinada forma.

Ademais, o tipo de linguagem utilizada pelas remetentes, a organização dos textos e o conteúdo presente, ou seja, os objetivos comunicativos cumpridos ao escrevê-las são aspectos que nos permitem conhecer parte do estilo dessas pessoas, ou seja, a sua identidade. Assim, foi possível apontar vários aspectos, tais como grau de instrução, o meio em que vivem (se é rural ou urbano), a classe socioeconômica, além de alguns detalhes de sua vida pessoal.

Em outras palavras, a linguagem, tendo caráter eminentemente social, deixa explícitas as peculiaridades próprias de um período da história e de uma cultura em particular, assim como das identidades reveladas, como, no caso deste estudo, na escrita de cartas de amor. Quando temos mais de uma carta assinada pelo mesmo remetente, esses aspectos revelam, cada vez mais, detalhes, mostrando, ainda, em alguns casos, características da cultura e da identidade do destinatário. Foi dessa forma que conseguimos compreender um pouco mais da vida pessoal de Armando, considerando que todas as cartas do *corpus* de pesquisa foram recebidas por ele, sem contar outras que temos em mãos, não selecionadas para análise.

Como observamos, a linguagem, representante e reveladora, ganha forma dentro de enunciados, os quais são organizados pelos gêneros discursivos que, por sua

vez, materializam o discurso, quer dizer, as interações verbais. O estudo sobre a construção composicional das cartas de amor permitiu entender, de forma mais aprofundada, como o processo ocorre no gênero discursivo em questão.

Ao efetuarmos leituras na área dos gêneros compreendemos que, embora esse assunto tenha, segundo Marcuschi (2008), sido iniciado nos gêneros literários há, pelo menos, 25 séculos, por Platão e Aristóteles, trata-se de um tema recente, mas bem desenvolvido, dentro da área da enunciação. Lendo teóricos da área, observamos uma ligação com as teorias de Bakhtin, a partir do qual a discussão ganhou mais força.

As interações verbais se dão, segundo Bakhtin, por meio de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Entretanto, para que exista um enunciado, ele deve apresentar alguns elementos constituintes: um ser social produtor, um destinatário, um objetivo comunicativo e estratégias enunciativas, além da necessidade de serem materializadas em gêneros discursivos. São elementos que se diferenciam de acordo com as intenções discursivas de seu produtor e o destinatário para quem ele é produzido, uma vez que podem passar por algumas transformações interiores como forma de serem adaptados às necessidades de interação verbal.

Sendo o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional os elementos constituintes de um enunciado, eles sempre poderão ser identificados nos gêneros discursivos, desde que se tenham informações sobre seu contexto de produção. E com as cartas de amor não é diferente. Por meio de leituras delas, bem como de teóricos estudiosos da cultura da época em que foram escritas e de informações obtidas junto a pessoas ligadas aos remetentes e ao destinatário, pudemos compreendê-las melhor.

O que se destacou nas cartas de amor foi, para nós, sua construção composicional e suas marcas linguístico-enunciativas. Elas permitem uma liberdade de expressão, bem variada quanto às formas de linguagem (formal ou informal), localização de seus elementos visuais (data e local em que foi escrita) e conteúdo (saudação, texto, despedida e assinatura). A carta de amor, assim, como a familiar e a pessoal, é, portanto, um gênero mais aberto por não possuir uma estrutura que deva ser seguida rigorosamente, assim como outros modelos de enunciados, que também não exigem esse rigor estrutural.

A linguagem formal se destacou bastante no *corpus*. As cartas escritas por Gerda e por Eny apresentaram uma linguagem rebuscada, semelhante a textos poéticos, além de uma maior organização textual no que diz respeito a regras gramaticais, como

paragrafação, acentuação e pontuação, por exemplo.

Por outro lado, as cartas de Neusa e de Auria demonstraram uma organização menor, distanciando-se das regras gramaticais da língua em sua manifestação escrita, ou seja, apresentando muitas marcas da oralidade, além de pouca ou nenhuma paragrafação, acentuação e pontuação. Permitimo-nos inferir, portanto, que, muitas vezes, em cartas destinadas a namorados/as, há o objetivo de impressionar o destinatário com a utilização de uma linguagem poética e rebuscada, mantendo, além disso, uma relação mais respeitosa. Por outro lado, porém, permite-se, também, uma linguagem informal, despreendida de regras, demonstrando até uma proximidade maior com o interlocutor.

Acreditamos que esta pesquisa permita ainda maior fôlego, mas, considerando o ponto a que até aqui foi levada, já apresenta uma contribuição. Detendo-se em épocas passadas, conseguimos recuperar seus aspectos culturais e, também, identitários de pessoas já falecidas, como no caso de Armando, ou não, caso das remetentes. Entretanto, esse fôlego ainda não se esgotou e a pesquisa com as cartas poderá ser prosseguida (como de fato se pretende), buscando outros caminhos, provavelmente com um olhar para o ensino, ou seja, para a forma como tais estudos poderiam ser considerados na sala de aula.

Sobre isso, alguns comentários já foram realizados. Acreditamos, porém, que existem outras inúmeras formas de levar a carta para a sala de aula e que nada pode ser esgotado tão facilmente. Isso se deve ao fato de ser esse um gênero, embora, atualmente, pouco empregado na interação verbal de grande importância para a história, permitindo um estudo sobre os gêneros discursivos e, ao mesmo tempo, sobre as características culturais e identitárias da época em que as cartas foram escritas. Além disso, a linguagem próxima da oralidade raramente é considerada em sala de aula e a carta, mais uma vez, poderia ser um instrumento para tal consideração.

REFERÊNCIAS

AMOP. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Sequência didática**: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais. [Organizadora: Terezinha da Conceição Costa- Hübés]. Cascavel: Assoeste, 2007a. [Caderno Pedagógico 01].

_____. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Sequência didática**: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais. [Organizadora: Terezinha da Conceição Costa- Hübés e Carmen Teresinha Baumgärtner]. Cascavel: Assoeste, 2007b. [Caderno Pedagógico 02].

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. [Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira]. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 5. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. [Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. [Trad. Aurora F. Bernadini et alii]. São Paulo: Hucitec, 1988.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

BARBOSA, Osmar. **Como escrever qualquer carta**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BAUMGÄRTNER, Carmen Teresinha; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Revisitando alguns conceitos teóricos. In: AMOP. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Sequência didática**: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais. [Organizadoras: Terezinha da Conceição Costa-Hübés e Carmen Teresinha Baumgärtner]. Cascavel: Assoeste, 2007b. Caderno Pedagógico 02. p. 13-26

_____; CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. Gêneros do discurso: apontamentos. In: CATTELAN, João Carlos; LOTTERMANN, Clarice (Orgs.). **A redação no vestibular da Unioeste**: alguns apontamentos à luz da Lingüística Textual. Cascavel: Edunioste, 2009. p. 162-188.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006a. p. 19 - 46.

_____. Enunciados singulares: realizando atividades locais através de formas tipificadas em circunstâncias tipificadas. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006b. p. 63 – 81.

_____. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006c. p. 83–99.

BORSTEL, Clarice Nadir von. Plurietnias: situações enunciativas sócio-culturais e pragmáticas. In: **Signum: estudos da linguagem**, n.6/2, p. 55-80. Londrina, dez. 2003.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 61-78.

_____; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 61-78.

BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1998.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2003.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAVALCANTI, Marilda C. Considerações sobre alguns cenários sociolinguisticamente complexos no contexto brasileiro: o andamento do projeto “vozes na escola”. In: **Linguas & Letras**. Cascavel, Edunioeste, 2001, v. 2, n. 2, p. 43-66.

CEREJA, Willian. Significação e tema. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 202-220.

COSTA, Maria Cristina Silva et alii. Significados de qualidade de vida: análise interpretativa baseada nas experiências de pessoas em reabilitação de queimaduras. In: **Revista Latino-Americana Enfermagem**, n. 16, vol. 02, março-abril, 2008. Disponível em: <www.eepr.usp.br/rlae>. Acesso em 19 de outubro de 2009.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Reflexões teórico-metodológicas para o trabalho com os gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa. In: **Anais do V SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais: o ensino em foco**. Caxias do Sul/RS, agosto/2009a (CDROM). ISSN 1808-7655.

_____. Formação continuada em língua portuguesa: uma proposta e seus resultados. **Travessias**: revista eletrônica de pesquisas em educação, cultura, linguagem e artes da

Unioeste, 5. ed. Cascavel, PR: Edunioeste, 2009b. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias>>. Acesso em 14 de maio de 2009.

_____. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: um resgate histórico-reflexivo da formação em Língua Portuguesa.** Londrina, PR: UEL, 2008 (tese de doutorado).

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. In: **Cadernos de Pesquisa**, no. 115. São Paulo Março, 2002. ISSN 0100-1574. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2009.

DUBOIS, J. et alii. **Dicionário de lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1973.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FORMENTÃO, Francismar. **Palavra e imagem: signos do presidente Lula na mídia impressa.** Cascavel, PR: UNIOESTE, 2008 (dissertação de mestrado).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** [Traduzido por Tomas Tadeu da Silva]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

JIMÉNEZ, Carlos Angel Rizos. *Rasgos coloquiales en la correspondencia familiar uruguaya entre 1800 y 1840.* In: **Estudios Filológicos.** Chile Scielo: Valdivia, 2000, n.35, p. 105-123. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0071-17132000003500007&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 de maio 2009.

KOCH, Ingedoro G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Cartas comerciais em língua inglesa: uma abordagem lexical. In: **Intercâmbio**, vol. VIII, p. 377-384. 1999.

LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea.** São Paulo: Cultrix, 1986.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 151-166.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3. ed. [Tradução de Bebel Orofino Schaefer]. São Paulo: Cortez, 2000.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O falar bilíngüe**. Goiânia, GO: Ed. da UFG, 1999.

MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 503-540.

MEURER, José Luiz. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: _____; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. São Paulo: Edusc, 2002. p. 17-29.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 167-176.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 41 – 54.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: _____. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado Letras, 2003. p. 13-38.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná**. Secretaria de educação: Curitiba, 2005.

PEIXOTO, Rafaela Araújo Jordão Rigaud. Gêneros Oraís: uma nova proposta de abordagem do ensino. In: **Eutonia: Revista Online de literatura e linguística**. Ano 1, n. 1, p. 562 – 573. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaeutomia/pdf_new/artigo43.pdf>. Acesso em: 08 de maio 2009.

PERFEITO, Alba Maria; RITTER, Lílian Cristiana Buzato. O editorial: uma proposta de análise linguística contextualizada. In: FERNANDES, Luiz Carlos (org). **Interação: práticas de linguagem**. Londrina: EDUEL, 2009, p. 153-173.

PESSOA, Marlos Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: **Para a história do Português Brasileiro**: notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro, 2002. p. 197 – 205.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. São Paulo: PUC, 2001 (Tese de Doutorado).

SALES, Iraildes Almeida. **Aspectos lingüísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais**. São Paulo: USP, 2007 (Dissertação de Mestrado).

SCHNEUWLY, Bernard; ROJO, Roxane. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. In: **Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set/dez. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/06.htm>>. Acesso em: 15 de junho de 2009.

SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo**. [Traduzido por Laureano Pelegrin]. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SEÑAS: Dicionario para la enseñanza de la Lengua Española para Brasileños. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Vera Lúcia Paredes P. Ao correr da pena: aspectos da organização tópica em cartas pessoais. In: HEYE, Jürgen (Org.). **Flores verbais**: uma homenagem lingüística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bonfim no seu 70 aniversário. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 231-246.

SILVA, Rosemeri. **Custódio da cultura punk**: signos em conflito na produção discursiva contemporânea. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2007 (dissertação de mestrado).

SOUTO MAIOR, Ana Christina. O gênero carta – variedade, uso e estrutura. In: **Ao Pé da Letra**, p. 1-13, 2001. Disponível em: http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%203.2/Ana_Christina_Souto_Maior--O_genero_carta-variedade_uso_e_estrutura.pdf. Acesso em: 27 de julho de 2009.

SPOLSKY, B. **Sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2003.

SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Abordagem sociointeracionista & sequência didática: relato de uma experiência. **Línguas & Letras**, vol. 10, n. 18, 1º sem. 2009.

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. O círculo de Bakhtin e o marxismo soviético: uma “aliança ambivalente”. **Revista Conexão Letras**, n. 03, 2009. Disponível em: <<http://www.msmedia.com/conexao/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2009.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Volochinov: condições de produção de marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.